



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA E LITERATURA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUÍSTICA

JEYLLA SALOMÉ BARBOSA DOS SANTOS LIMA

**ANÁLISE VARIACIONISTA DE /R/ NA CODA SILÁBICA MEDIAL NO
PORTUGUÊS FALADO EM ALAGOAS**

Maceió
2019

JEYLLA SALOMÉ BARBOSA DOS SANTOS LIMA

**ANÁLISE VARIACIONISTA DE /R/ NA CODA SILÁBICA MEDIAL NO
PORTUGUÊS FALADO EM ALAGOAS**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutora em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Alan Jardel de Oliveira

Coorientadora: Profa. Dra. Januacele da Costa

Maceió
2019

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecário: Marcelino de Carvalho

- L732a Lima, Jeylla Salomé Barbosa dos Santos.
Análise variacionista de /R/ na coda silábica medial no português falado em Alagoas / Jeylla Salomé Barbosa dos Santos Lima. – 2019.
121 f. : il.
- Orientador: Alan Jardel de Oliveira.
Coorientadora: Januacele Francisca da Costa.
Tese (doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Maceió, 2019.
- Bibliografia: f. 117-119.
Anexos: f. 120-121.
1. Róticos (Linguística). 2. Sociolinguística. 3. Alagoas - Língua portuguesa - Fala.
I. Título

CDU: 81'27=134.3(813.5)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA E LITERATURA



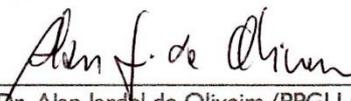
TERMO DE APROVAÇÃO

JEYLLA SALOMÉ BARBOSA DOS SANTOS

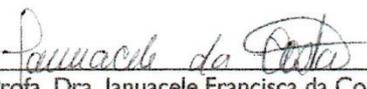
Título do trabalho: "O 'R' NA CODA EM ALAGOAS: Uma análise à luz da sociolinguística variacionista"

Tese aprovada como requisito para obtenção do grau de DOUTORA em LINGUÍSTICA, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

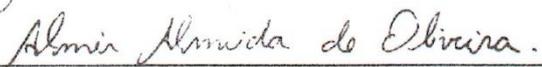
Orientador:


Prof. Dr. Alan Jardel de Oliveira (PPGLL/Ufal)

Coorientadora:


Prof. Dra. Januacele Francisca da Costa (PPGLL/Ufal)

Examinadores:


Prof. Dr. Almir Almeida de Oliveira (UNeal)


Prof. Dr. Fernando Augusto de Lima Oliveira (UPE)


Prof. Dr. Aldir Santos de Paula (PPGLL/Ufal)


Prof. Dra. Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitória (PPGLL/Ufal)

Maceió, 15 de abril de 2019.

A Deus, o meu muito obrigada, por tudo!

A minha família, por ter me apresentado o caminho da educação, que me permitiu alcançar voos.

Aos mestres, com carinho, em especial a minha mãe.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, professor Alan Jardel, pela paciência, pela partilha de conhecimentos e pelas orientações empreendidas para a realização deste trabalho.

A minha coorientadora e parceira, professora Januacele da Costa, por todo o amor, paciência, carinho e orientação prestados a mim desde 2006.

Aos professores do PPGLL, pelo conhecimento compartilhado.

A Wesslen Nicácio, secretário do PPGLL, pela educação e assistência sempre que precisei de informações necessárias.

Aos grupos FONUFAL e Línguas Brasileiras, dos quais participo, pelos encontros e conhecimentos compartilhados.

A todos os professores do curso de Letras, sobretudo aqueles que atuaram no período de 2004 a 2007, eles que me proporcionaram a alegria de conhecer o caos linguístico e entender que pode ser sistematizado.

Ao meu esposo Fabricio, pela paciência, amor, ajuda e enorme compreensão.

As minhas irmãs acadêmicas, Ana Maria e Selma Cruz, por todo apoio dado durante as etapas desta tese. Siempre hermanas!

Ao Musiliyu Oyedeji, pela inerente presteza.

Ao grupo “As linguistas”, formado por Aline, Ana, Ayane, Cris, Fábria, Mara, Priscila, Selma e eu. Esse grupo foi, muitas vezes, meu ombro amigo, meu dicionário, minha ABNT. Obrigada, meninas, pela oportunidade de ter a amizade de vocês. Unidas pela linguística.

Ao grupo “Letrados”, formado por Thaysa, Thales, Manu, Bruno, Elaine, Victor, Mel, Rodrigo, meu esposo Fabricio, Cibely, Jomson e Cristiano, outro grande presente da UFAL e da vida; vocês são um “hino”

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pelo fomento durante os 4 anos de doutorado.

RESUMO

À luz da perspectiva teórico-metodológica da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008[1972]), investigamos, neste trabalho, o segmento /R/ na variedade do Português Brasileiro falado em Alagoas, em posição de coda interna. Tendo como objetivo principal descrever o seu comportamento sociolinguístico, diante da observação *a priori* e a partir de trabalhos prévios de que quatro realizações possíveis podem ser constatadas nessa variedade: a fricativa glotal, como em [p'pɔtɛ] 'porta'; o apagamento, como em [si'visu] 'serviço'; uma realização que estamos considerando um tipo de aproximante, como em ['kɔɹdɛ] 'corda'; e o tepe ['pɔɹku] 'porco'. O *corpus* é constituído pela fala espontânea de 144 participantes nascidos nas cidades de Arapiraca, Delmiro Gouveia, Maceió, Santana do Ipanema, São Miguel dos Milagres e União dos Palmares, distribuídos segundo as variáveis linguísticas contexto seguinte, contexto antecedente, acentuação da sílaba, tamanho da palavra e item lexical, somando-se a estas as variáveis sociais sexo/gênero, faixa etária, níveis de escolaridade, cidade e indivíduo. As variantes identificadas foram submetidas à análise, observando-se o percentual de realização de cada uma, em cada cidade pesquisada, e buscando-se identificar as variáveis linguísticas e sociais que as influenciam, verificando, assim, se os quadros delineados podem ser interpretados como indício de variação estável ou de mudança em curso. Os resultados apontam para as seguintes situações: i) a realização como tepe é uma variante em extinção, devido aos dados escassos (26 casos encontrados em todo o *corpus*), com menos de 1% de realização, e com ocorrência somente na fala de idosos; ii) o apagamento é favorecido pela variável linguística *contexto seguinte* – [+contínuo -soante], com 0,97 de peso relativo para as consoantes de traço [+contínuo] e pelo *contexto seguinte* [não coronal], com peso relativo igual a 0,61–, pela interação entre as variáveis *escolaridade* e *cidade*, mostrando interferência nas cidades de São Miguel dos Milagres e União dos Palmares, pois, nessas cidades, quanto maior a escolaridade, menor o apagamento, configurando-se, desse modo, como um caso de variação estável, tendo também sido demonstrado que há relação com a variável *sexo/gênero*, pois os homens são os que mais favorecem o apagamento, com peso relativo igual a 0.59, enquanto os resultados para as variáveis item lexical e indivíduo mostraram que a interferência dessas variáveis é alta, 56,9% e 44,8% respectivamente; iii) a aproximante ocorre apenas diante de consoantes com os traços [+obstruinte -contínuo], sendo fortemente favorecida, entre estas, pelas coronais /t/ e /d/, enquanto os resultados da análise dos fatores sociais indicam que essa variante está passando por uma mudança linguística em progresso com tendência ao seu desaparecimento. Grande parte da variabilidade observada nos dados pode ser explicada, além de pelas variáveis linguísticas e sociais controladas, pela variação entre indivíduos e itens lexicais. Em relação à variante aproximante, indivíduo mostrou uma interferência elevada, com 40,7% indicando que a variabilidade pode ser explicada pela variação entre os indivíduos. Além da análise considerando a variação do /R/, um fenômeno também observado foi a palatalização das oclusivas /t, d/ depois da variante aproximante, o que nos levou a empreender uma investigação complementar, que forneceu os seguintes resultados: há pouca diferença na variação entre os itens lexicais, apenas 5,4%. A variação no nível social é suficientemente explicada pelas

variáveis idade e cidade. Apesar da frequência de palatalização ser alta, a variante está em desuso em Alagoas.

Palavras-chave: Róticos. Sociolinguística Variacionista. Português Alagoano.

ABSTRACT

Based on the theoretical-methodological approach of Variationist Sociolinguistics (LABOV, 2008 [1972]), this thesis describes the segment / R / in the variety of Brazilian Portuguese spoken in Alagoas in an internal coda position. Its main objective is to describe the sociolinguistic behavior of this segment, by taking into account an *a priori* observation and previous works that describe four possible realizations in this variety: the glottal fricative, as in [pɔhtɐ] 'door'; the deletion, as in [sivisʊ] 'service'; a production that we are considering a type of approximant, as in [kɔɹdɐ] 'rope'; and the tap [porkʊ] 'pig'. The corpus is constituted by excerpts of spontaneous speech of 144 individuals born in the cities of Arapiraca, Delmiro Gouveia, Maceió, Santana do Ipanema, São Miguel dos Milagres and União dos Palmares, distributed according to the following context variables: antecedent context, tonicity, word size and lexical item, adding to these the social variables sex / gender, age group, levels of education, city and individual. The variants were submitted to statistical analysis, in which the percentage of achievement of each one, in each city, was related to the linguistic and social variables that influenced them, thus verifying if the outlined frames can be interpreted as indication of a stable change or change in progress. The results point to the following situations: i) the tap is an moribund variant, due to its scarce appearance in the data (only 26 cases occurred throughout the corpus), with less than 1% of production, and occurring only within the elderly; (ii) deletion is favored by the linguistic variable following context - [+continuous -sonorant], as 0.97 of relative weight for the consonants of [+continuous] and the following [noncoronal] context, with relative weight equal to 0.61-, by the interaction between the variables education and city, showing interference in the cities of São Miguel dos Milagres and União dos Palmares, because, in these cities, the higher the education, the lower the deletion, becoming a case of stable variation. The gender variable also plays a role, as the result showed that men favor deletion, with a relative weight equal to 0.59. The result for the variables lexical item and individual showed that the interference of these is high: 56.9% and 44.8% respectively; (iii) the approximant occurs only in the presence of consonants with the [+obstruction -continuous] features, being strongly favored among them by the coronal /t/ and /d/, while the results of the analysis of the social factors indicate that this variant is going through a linguistic change in progress with a tendency to disappear. Much of the variation observed in the data can be explained by the variation between individuals and lexical items. Regarding the approximant variable, individual showed a high interference, with 40.7% indicating that the variability can be explained by the variation between the individuals. In addition to the analysis considering the variation of the / R /, a phenomenon also observed was the palatalization of the occlusives / t, d / after the variant approach, which led us to undertake a complementary investigation, which came to the following results: there is an inexpressive variation between the lexical items. The variation in the social level is sufficiently explained by the variables age and city. Although the frequency of palatalization is high, the variant is in disuse in Alagoas.

Keywords: Rhoticism. Variationist Sociolinguistics. Portuguese from Alagoas.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Comportamento do /R/ pós-vocálico em posição interna	29
Figura 2 - Mapa 1: Cidades pesquisadas	42
Figura 3 - Oscilograma e Espectrograma do trecho “eu brincava fazia tudo brincava andava de bicicleta” (participante AR18M06)	48
Figura 4 - Oscilograma e Espectrograma das três camadas na janela de transcrição (participante FE25M14).....	49
Figura 5 - Variantes encontradas em Alagoas.....	50
Figura 6 - Oscilograma e Espectrograma da palavra ‘vergonha’ (participante SI65M04).....	70
Figura 7 - Oscilograma e Espectrograma da palavra ‘discordo’ (participante SI71F17).....	70
Figura 8 - Oscilograma e Espectrograma da palavra ‘porta’ (participante SM55M01).....	71
Figura 9 - Oscilograma e Espectrograma da palavra ‘terceiro’ (participante DE70M11).....	73

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Interação entre as variáveis cidade e escolaridade no processo de apagamento	89
Gráfico 2 - Interação das variáveis idade e cidade na realização da aproximante	97
Gráfico 3 - Interação entre as variáveis escolaridade e cidade na realização da aproximante	99
Gráfico 4 - Variável idade no processo de palatalização	102

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Composição da amostra por cidade	45
Tabela 2 - Codificação dos dados.....	49
Tabela 3 - Distribuição das variantes [h], [Ø], [ɹ] e [r] na coda interna.....	77
Tabela 4 - Distribuição comparativa das variantes nos estudos analisados..	79
Tabela 5 - Distribuição das variantes de /R/ em relação ao contexto seguinte .	80
Tabela 6 - produção de tepe	83
Tabela 7- Variáveis independentes incluídas no modelo final (estatisticamente significativas) no processo de apagamento	86
Tabela 8 - Variável cidade no processo de apagamento	88
Tabela 9 - Variável escolaridade no processo de apagamento	88
Tabela 10 - Interação entre as variáveis cidade e escolaridade no processo de apagamento	89
Tabela 11 - Variável contexto seguinte no processo de apagamento	90
Tabela 12 - Variável sexo/gênero no processo de apagamento.....	90
Tabela 13 - Variáveis agregadas de efeito aleatório incluídas no modelo final no processo de apagamento	91
Tabela 14 - Variáveis independentes excluídas do modelo final (sem significância estatística) no processo de apagamento	91
Tabela 15 - Variáveis independentes com significância estatística na realização da aproximante.....	95
Tabela 16 - Interação entre as variáveis idade e cidade na realização da aproximante.....	97
Tabela 17 - Interação entre as variáveis cidade e escolaridade na realização da aproximante.....	99
Tabela 18 - Variáveis independentes sem significância estatística na realização da aproximante.....	100
Tabela 19 - Variáveis agregadas de efeito aleatório incluídas no modelo final na realização da aproximante.....	100
Tabela 20 - Variável cidade no processo de palatalização	102
Tabela 21 - Variável escolaridade no processo de palatalização.....	103

Tabela 22 - Variáveis independentes sem significância estatística no processo de palatalização	104
Tabela 23 - Variáveis agregadas de efeito aleatório incluídas no modelo final no processo de palatalização de [t e d]	104

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	15
2 REVISÃO DE LITERATURA	19
2.1 Introdução	19
2.2 A complexidade dos róticos	19
2.3 Estudos de cunho sociolinguístico	23
2.3.1 Callou, 1987	24
2.3.2 Callou, Leite e Moraes (1996, 2002)	24
2.3.3 Mollica (1997).....	25
2.3.4 Monaretto (2000, 2003).....	26
2.3.5 Santos (2010).....	27
2.3.6 Hora, Pedrosa e Cardoso (2010)	29
2.3.7 Callou et al (2013)	30
2.3.8 Oliveira, Santana e Serra (2014).....	31
2.3.9 Callou, Serra e Cunha (2015).....	32
2.4 Síntese da seção e avaliação	33
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA	36
3.1 Pressupostos básicos da Sociolinguística Variacionista	36
3.2 Fundamentos metodológicos da pesquisa	39
3.2.1 Projeto PORTAL.....	39
3.2.2 Comunidades de fala.....	41
3.2.3 Constituição da amostra.....	44
3.2.4 Coleta e transcrição dos dados	45
3.2.5 Tratamento dos dados.....	48
3.2.6 A variável dependente e suas variantes.....	49
3.2.7 Variáveis independentes	51
3.2.8 Variáveis independentes linguísticas	52
3.2.9 Contexto seguinte	52
3.2.10 Contexto antecedente	53
3.2.11 Acentuação da sílaba.....	54
3.2.12 Tamanho da palavra.....	55
3.2.13 Item lexical	55
3.2.14 Variáveis independentes sociais	55

3.2.15 Sexo/gênero	56
3.2.16 Faixa Etária	58
3.2.17 Escolaridade.....	60
3.2.18 Cidade.....	61
3.2.19 Indivíduo.....	62
3.3 Análise estatística dos dados	63
4 AS VARIANTES DO /R/ EM ALAGOAS.....	65
4.1 Visão geral da descrição de segmentos róticos	65
4.2 Descrição das variantes desta pesquisa.....	68
5 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	75
5.1 Introdução.....	75
5.2 Análise geral dos dados	76
5.3 Análise da variação fricativa glotal [h] versus apagamento [ø]	85
5.4 Análise da variação fricativa glotal [h] versus aproximante [ɹ] e fenômeno relacionado	93
5.4.1 Análise da variação entre a fricativa glotal [h] e a aproximante [ɹ]	94
5.4.2 Variações [t] ~ [tʲ] e [d] ~ [dʲ]	101
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	106
REFERÊNCIAS.....	109
ANEXO 1 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	112

1 APRESENTAÇÃO

Segmentos do tipo ‘r’ costumam apresentar múltiplas variações alofônicas não só no português brasileiro, como também em muitas outras línguas. No português brasileiro, são registradas realizações como velar, uvular ou faríngea, utilizadas pela maioria dos falantes, e dental múltipla, pela minoria, conforme Câmara Júnior (1985 [1970]), p. 35). Tais alofonias constituem uma classe de sons, comumente chamada de róticos, com diferentes tipos de articulação. (LADEFOGED e MADDIESON, 1996), Segmentos dessa classe, embora difíceis de descrever, apresentam características particulares, que buscamos discutir aqui a partir da literatura existente.

Barbosa (2015) faz uma série de observações bastante esclarecedoras sobre a classe dos róticos. Nas línguas que usam o alfabeto latino, esses sons, geralmente grafados com “r” e “R”, são produzidos de formas bastante variadas, o mesmo podendo acontecer nas demais línguas do mundo. Dois desses sons são contrastados não apenas nas diferentes nações lusófonas, mas também entre dialetos e falares no interior de uma mesma nação, como ocorre no português brasileiro, e podem ser produzidos como aproximantes (alveolar e retroflexo); como tepes (alveolar e uvular); como aproximantes (alveolar, pós-alveolar e retroflexo); como fricativas de ponto posterior (velar, uvular e glotal); e mesmo como *off* (aproximantes à direita da vogal) rotacizantes, como no caso do “r” caipira. Essas produções podem ser vozeadas e não vozeadas, dependendo de contexto e língua.

Estudos sobre o *status* fonológico da sílaba (TRUBETZKOY, 1939; GOLDSMITH, 1976; HORA E MONARETTO, 2003; COLLISCHONN, 2005; CARVALHO, 2009) têm procurado avaliar segmentos que ocupam as posições que a constituem. Uma das posições que tem despertado a atenção de estudiosos, sob diferentes perspectivas teóricas, é a posição de coda, preenchida, na maioria das vezes, por elementos consonânticos. Segundo Hora e Monaretto (2003), a posição de coda medial apresenta um desenvolvimento de consoantes bem complexo quando comparado à mesma posição em final de palavra.

Considerada essa possibilidade de variação múltipla de segmentos da classe dos róticos, a investigação aqui desenvolvida encontra suporte na sociolinguística variacionista proposta por Weinreich et al. (2006 [1968]) e Labov (2008[1972]), cujo arcabouço teórico-metodológico assume o princípio da heterogeneidade linguística,

ou variação, propondo que essa heterogeneidade é inerente a todo e qualquer sistema linguístico, variação linguística não sendo um fato aleatório, mas governado por regras e restrições tanto linguísticas quanto extralinguísticas.

Em nossos dados, foram encontradas quatro realizações de /R/¹ em coda silábica: fricativa glotal ['kahtɐ] 'carta'; apagamento [minɛ'vĩnʊ] 'Minervino'; aproximante ['kɔɹdɐ]² 'corda'; tepe ['turmɐ] 'turma'. Dessas, a variante com maior frequência de ocorrência, de modo geral, é a fricativa glotal [h], enquanto que o tepe [r] apresenta frequência muito baixa. A variante apagamento [ø], bem como a variante aproximante [ɹ], são significativas. Essa configuração da variação do /R/ na variedade de Português Brasileiro falada em Alagoas direcionou a nossa investigação no sentido de realizarmos duas análises distintas/separadas. Essa opção será mais bem apresentada adiante.

A variante tepe tendo apresentado, conforme informamos acima, um número bastante reduzido de ocorrências – apenas 26 casos – optamos por não a analisar estatisticamente.

No decurso da investigação, detectamos a existência de um processo variável secundário disparado pela realização do /R/ como aproximante [ɹ]: as oclusivas coronais /t, d/ seguintes realizam-se como palatalizadas [tʲ, dʲ]. Incluímos, então, a análise desse processo no nosso trabalho, visto que tal processo pode contribuir para argumentarmos em favor da nossa hipótese de que a variante de /R/ é uma aproximante e não um rótico consonantal.

Este trabalho, portanto, tem como objetivo geral investigar a variação de /R/ em posição de coda silábica medial, no Estado de Alagoas, apresentando uma descrição do conjunto de variáveis linguísticas e sociais que podem estar influenciando a variação, de modo a verificar se e quais das realizações atestadas apresentam indícios de mudança em curso ou se se trata de variação estável, de acordo com os

¹ Seguiremos a proposta de Silva (1999, p. 161), que transcreve de "R forte", ou seja, o fonema ao qual as variantes tratadas neste trabalho relacionam-se, como /R/, sempre que estivermos nos referindo ao Português Brasileiro.

² Entre as variantes, a transcrição fonética da aproximante apresentou problemas, uma vez que no IPA (International Phonetic Alphabet), há símbolos para duas aproximantes róticas: [ɹ] e [ɻ], sendo o primeiro a transcrição de uma aproximante alveolar/pós-alveolar e o segundo a transcrição de uma aproximante retroflexa. Considerando que a variante rótica aproximante encontrada nos dados do Português Brasileiro falado em Alagoas é uma aproximante alveolar, não retroflexa, transcreveremos esse som como [ɹ].

pressupostos e finalidades da Sociolinguística Variacionista, nosso principal suporte teórico-metodológico.

Os dados utilizados nesta pesquisa foram coletados no âmbito da elaboração do banco de dados do Projeto Português Alagoano – PORTAL – aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Alagoas sob o parecer nº 621.763 e financiado pelo CNPq (406218/2012-9). Segundo Oliveira (2013), o principal objetivo do PORTAL é a constituição de um banco de dados de falares alagoanos que permita o desenvolvimento de pesquisas linguísticas, considerando a língua em uso como objeto de análise.

Como pesquisadora ligada ao projeto PORTAL, coletamos dados em seis cidades alagoanas, onde trabalhamos com 144 informantes – 24 por cidade – estratificados, além de pela variável cidade, pelas variáveis idade, escolaridade e sexo/gênero.

Na análise dos dados, utilizamos o modelo de regressão multinível, e de interação entre variáveis independentes e métodos de seleção de variáveis. As variáveis selecionadas para este trabalho foram sexo/gênero, escolaridade, faixa etária, cidade, contexto seguinte, contexto antecedente, a acentuação da sílaba e tamanho da palavra. Com o modelo de regressão multinível também foi possível controlar o efeito das variáveis “indivíduo” e “item lexical” em um nível mais agregado, uma vez que, sem o controle da variável “indivíduo”, podemos superestimar o efeito das variáveis sociais, enquanto o não controle da variável “item lexical” pode levar a superestimação do efeito das variáveis linguísticas. Toda a análise estatística foi feita através do software R, explicado na seção de metodologia.

A análise levou aos seguintes resultados finais em relação a cada variante observada: i) o tepe é uma variante em extinção, pois, nos dados, a sua ocorrência é muito baixa (26 casos, menos de 1% de realização) e se apresenta somente na fala de idosos; ii) o apagamento mostrou-se como sendo um caso de variação estável, influenciada por uma variável independente linguística, o contexto seguinte; iii) a aproximante, também condicionada pelo contexto seguinte, passa por uma mudança linguística em progresso, com tendência ao seu desaparecimento; iv) a fricativa glotal é a realização mais frequente, com 77,90% de ocorrência no Estado de Alagoas.

O fenômeno da palatalização, sendo um tópico à parte, embora relacionado aos fenômenos principais aqui investigados, apresentou-se como uma variação

possível de ser explicada, no nível social, pelas variáveis idade e cidade. Há pouca diferença na variação quando controlada a variável "item lexical" – apenas 5,4%.

Este trabalho está organizado em mais quatro seções, além desta apresentação.

Na seção 2, fazemos revisão de literatura, apresentando e discutindo trabalhos anteriores que trataram da variação do “r” em coda silábica, sob vários pontos de vista: fonético, fonológico e sociolinguístico, propriamente dito.

Na seção 3, apresentamos a fundamentação teórico-metodológica, percorrendo sobre as concepções da teoria da variação linguística e descrevendo a metodologia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa, discutindo os pressupostos, conceitos e orientações fornecidas pela teoria para a elaboração de trabalhos deste tipo. Por estarmos tratando de uma variação no nível fonético/fonológico da língua, algumas explicações desse caráter são necessárias e, por isso, utilizamos *insights* de teorias fonológicas para descrever e explicar um determinado fenômeno ou processo. Por fim, apresentamos o modelo estatístico utilizado para a obtenção dos resultados.

Na seção 4, mostramos as variantes do /R/ em Alagoas, objetivando descrever os sons encontrados. Na seção 5 tratamos da análise e discussão dos resultados. Por fim, na seção 6, traçamos algumas considerações sobre o trabalho de modo geral, bem como apontamos algumas perspectivas vislumbradas pela investigação.

Compreendemos que o estudo que aqui apresentamos, por se tratar dos resultados de uma investigação sobre a variação de um rótico na(s) variedade(s) alagoana(s), pesquisa que se fazia necessária, é, além de mais uma descrição de um aspecto do Português Brasileiro falado em Alagoas, um trabalho importante para os estudos linguísticos de modo geral, uma vez que lança um pouco mais de luz sobre os róticos, essa classe de segmentos que se apresenta como uma das mais complexas não apenas para os estudos fonéticos e fonológicos, mas também para a teoria da variação.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Introdução

Nesta seção, apresentamos a revisão de literatura com o objetivo de levantar referências que desenvolveram estudos sobre a variação do /R/ em coda silábica e analisar comparativamente os resultados mais relevantes nessas pesquisas. Inicialmente, apresentamos alguns argumentos de Ladefoged e Maddieson (1996), Camara Júnior (1985 [1970]) e Silva (1999), dentre outros, sobre a complexidade do segmento que nos propomos a estudar. Em seguida, nos dedicamos aos trabalhos que tratam do ambiente em que o processo ocorre, a coda da sílaba, que é uma posição fraca, conforme Alvarenga e Oliveira (1997) e Hora e Monaretto (2003), uma vez que, de acordo com a proposta de ciclo de Sonoridade de Clements (1990), resta à coda, como podemos observar nas palavras ‘mar’ e ‘porta’, a parte final e decrescente da sílaba. Isso faz da coda uma posição instável, com muitas possibilidades de variação, que é o que comprovamos na variedade investigada e que exemplificamos aqui com dados extraídos do nosso *corpus*: [‘pɔ:te] ‘porta’, [siruzie] ‘cirurgia’, [barboze] ‘Barbosa’, [peh‘deh] ‘perder’.

2.2 A complexidade dos róticos

A gama de realizações de fonemas róticos, dentro de seus contextos de ocorrência, apresenta uma diversidade de sons que muitos estudiosos da fonética e da fonologia têm tentado esclarecer e até mesmo compreender em áreas dialetais distintas. Segundo Ladefoged e Maddieson (1996), os sons que podem representar o fonema estudado são classificados como róticos e essas nomenclaturas são baseadas no fato de que todos esses sons tendem a ser escritos com a letra ‘r’³, mesmo porque não existe uma propriedade física que constitua a essência de todos os róticos. Ainda para esses autores, não são nem o modo de articulação, nem o ponto de articulação que definem a classe dos róticos, o que torna difícil organizar a noção de classe para esses sons.

³ O alemão e outras línguas saxônicas, como o holandês, usam ‘g’ para um tipo de rótico. Outras línguas usam ‘h’ para a fricativa glotal.

Róticos têm despertado o interesse de muitos foneticistas e fonólogos (DALSTON, 1975; LINDAU 1985; LADEFOGED; MADDIESON, 1996; HERNANDORENA; LAMPRECHT, 1997; RECASENS; PALLARÈS, 1999; VIDOR, 2001; SILVA, 1996, 2002; SOLÉ, 2002; WHITLEY, 2003; MEZZOMO; RIBAS, 2004). Esse interesse se deve ao fato de essa ser uma classe de sons em que ocorre muita variação, como já vimos, e essa variação ampla pode ser encontrada tanto sincrônica quanto diacronicamente.

Ladefoged e Maddieson (1996) buscam argumentos de diferentes naturezas para definir propriedades comuns aos membros dessa classe. Os autores questionam, por exemplo, se a classificação dos róticos é baseada nas relações sincrônica e diacrônica existentes entre os membros da classe ou se há, realmente, uma similaridade fonética entre eles que até o momento não tenha sido percebida. Acreditam que tal similaridade deva ser mais acústica que articulatória, inclusive, como também aponta Lindau (1985).

Sobre a inexistência de similaridades fonéticas entre os sons que ocorrem como variantes de um fonema da classe dos róticos Ladefoged e Maddieson (1996) dizem que, apesar de foneticamente os róticos não apresentarem características comuns, fonologicamente eles apresentam comportamentos similares. Os autores destacam dois argumentos de natureza fonológica: (a) são, praticamente, a única consoante que surge como segundo elemento de grupo consonântico; (b) tendem a ocorrer próximos ao núcleo silábico, observando-se uma afinidade com as vogais, sendo que os róticos podem chegar a fundir-se de várias formas com vogais contíguas ou a terem variantes silábicas. Esse fenômeno pode ser observado entre dialetos de uma mesma língua, observando-se a posição dos róticos em relação às vogais – pós-vocálica ou intervocálica –, o que pode resultar em diferentes realizações. Algumas línguas como Alemão, Sueco, Francês, Farsi e Palauan também apresentam realizações diferentes do fonema, tais como aproximantes, tepes e fricativas.

Para esses autores, esses sons não podem ser considerados, do ponto de vista fonético, uma classe homogênea, embora apresentem algumas características bastante frequentes entre si na maioria das línguas: o ponto de articulação mais comum, por exemplo, é o alvéolo-dental, apesar de existirem ocorrências no ponto pós-alveolar (que podem ser retroflexos) e, em algumas línguas, no ponto de articulação uvular.

Trubetzkoy (1969) já observava a variabilidade apresentada entre os róticos. Em Alemão, por exemplo, quando o "r"⁴ era antecedido de vogais podia realizar-se como um tepe dental, um tepe uvular ou, ainda, uma fricativa velar, sem que se estabelecesse oposição fonêmica entre essas variantes. Nas demais posições, podia ser pronunciado como uma velar "incompletamente articulada" ou como uma vogal não-silábica.

No Português do Brasil, do ponto de vista fonológico, há dois fonemas da classe dos róticos. Silva (1999, p. 159-160) observa que existem o "r fraco" e o "R forte", uma vez que existe um contraste fonêmico entre esses dois tipos do "r" em posição intervocálica, como mostra a existência de pares mínimos em "caro/carro"; careta/carreta". Este contraste fonêmico pode manifestar-se pelo número de vibrações da língua na articulação do segmento consonantal: tepe simples em 'caro' ['karu] e vibrante múltipla em 'carro' ['kaRu]. Monaretto et al. (2000) afirmam que os sons do r-forte (vibrante múltipla) no PB podem corresponder tanto a um tepe propriamente dito, quanto a uma fricativa ou a uma aspirada⁵.

O "R forte" varia consideravelmente no português brasileiro. Silva (1999), o "r fraco" sempre ocorre no início da sílaba. O tepe é representado por /r/ e se relaciona ao "r fraco". A autora afirma que a perda do contraste fonêmico entre "r forte" e "r fraco" é neutralizada no português em posição final de sílaba. Isso quer dizer que o contraste que existe em posição intervocálica não ocorre em posição de coda silábica. Esse contraste também não existe em posição de início de palavra, pois nessa posição apenas é encontrado o "r forte", ou vibrante múltipla, nos termos de Silva (1999). Entretanto, na variedade alagoana, em início de palavra, ocorre uma fricativa glotal surda [h], como mostram os exemplos ['hɔda] 'roda' e ['hadju] 'rádio'.

Para representar esse "R pós-vocálico", utilizamos o símbolo /R/, conforme notado anteriormente, que representa o arquifonema, isto é, o resultado de uma neutralização do contraste entre os dois "r"s em posição final de sílaba – seja em meio de palavra, como em 'car.ta', ou em final de palavra, como em 'mar'.

⁴ O "r" do alemão a que se refere Trubetzkoy é representado em estudos de fonologia alemã como /R/ e ocorre em palavras como ['bo:Rə] "broca".

⁵ Na variedade de Português que estamos investigando, o fonema /R/, conforme representado por Silva (1999), realiza-se, predominantemente, como [h], fricativa glotal surda. Assim, o contraste nessa variedade se faz entre uma tepe simples /r/ e uma fricativa glotal surda /h/, contraste que podemos exemplificar com /'karu/ "caro" versus /'kahu/ "carro".

Como vimos informando, a nossa investigação é sobre a variação desse arquifonema /R/ em coda silábica medial. Lembremo-nos que serão feitas duas análises, uma entre [h] – que é a realização predominante na variedade sob estudo – e [ø] e outra entre [h] e a variante que estamos considerando uma aproximante alveolar [ɹ]⁶. As duas variantes de /R/ apresentam peculiaridades notáveis na variedade em causa: a aproximante ocorre apenas em coda medial, enquanto que o apagamento em final de palavra é quase categórico, como vão mostrar alguns estudos que citaremos adiante⁷.

Segundo Silva (1999), os segmentos [x, ɣ, h, ɦ] relacionam-se a 'r' em posição final de sílaba e esses segmentos concordam em vozeamento com a consoante seguinte. De acordo com a autora, o que ocorre é uma variação posicional pelo fato de as fricativas assimilarem o traço [±voz] da consoante seguinte, pelo menos no dialeto de Belo Horizonte, no qual ocorre uma fricativa vozeada, antes de uma consoante vozeada, como em ['kaɦga] 'carga' uma fricativa desvozeada antes de consoante desvozeada, como em ['toɦtʊ] 'torto' e em final de palavra, como em ['mah] 'mar'.

Parece ser correto afirmar que a realização mais frequente do "R forte" é, em um grande número de dialetos do Português brasileiro, ou a fricativa velar ou a fricativa glotal. Essas realizações são bem diferenciadas do tepe, ou tepe simples, som considerado uma das principais realizações da variante fraca.

Malmberg (1954) nota que os tepes são articulados de tal modo que o órgão articulante – a ponta da língua ou a úvula – provoca uma série de oclusões muito breves, separadas por pequenos elementos vocálicos. O autor constata a ocorrência de mudanças linguísticas na pronúncia de várias línguas da Europa, sobretudo, a ocorrência dos processos fonológicos de enfraquecimento, a substituição "R" anterior por um "R" posterior, processo este também observado e analisado por muitos estudiosos brasileiros.

Neste trabalho, uma de nossas propostas é a análise de uma variante com características de aproximante, considerada assim por não ter a mesma articulação de um som retroflexo, que, segundo Cagliari (1981), pode ser pronunciado de várias

⁶ O som encontrado nos dados desta pesquisa assemelha-se mais ao [ɹ] do inglês do que à retroflexa encontrada em dialetos da região sudeste do Brasil.

⁷ O fato de as realizações serem condicionadas pelo ambiente – natureza fonético-fonológica da consoante seguinte – parece ser um argumento plausível para a escolha da posição coda medial como foco da investigação.

maneiras, sendo a maneira mais comum levantando-se e encurvando-se a ponta da língua em direção à região palato-alveolar ou mesmo palatal. Ainda segundo o autor, dependendo do tipo de constricção produzida pela língua, o som retroflexo pode ser oclusivo [ʈ,ɖ], nasal [ŋ], lateral [l], fricativo ou constrictivo [ɺ]. Pode mesmo ser o som de um tepe, pois, de acordo com o autor, esse tipo de som é produzido com a ponta da língua (raramente o véu palatino) quando se põe a bater repetidamente contra a área alveolar da abóbada palatina atrás dos dentes incisivos (ou contra a parte posterior da língua, como alveolar sonora ‘r’, alveolar surda ‘r’ e uvular sonora ‘r’). Essa última raramente acontece no português.

Observando a articulação da variante aproximante nesta pesquisa, concluímos que a projeção da ponta da língua (articulador ativo) se aproxima do palato duro (articulador passivo) na sua parte alveolar. Do ponto de vista do contexto que segue, pode-se observar que o mais favorável à realização dessa variante é aquele formado por uma consoante oclusiva coronal - /t/ ou /d/. De um modo bastante interessante, ocorre um processo reverso: as oclusivas /t/ e /d/ palatalizam-se depois da aproximante, realizando-se como [tʲ] e [dʲ], respectivamente. Assim, esse processo assemelha-se ao processo de palatalização ou africacção das consoantes /t/ e /d/ quando seguidas da aproximante /j/, fato observado em palavras como [ˈojtʲu] ‘oito’ e [ˈdojdʲu] ‘doido’, que podem ser pronunciadas como [ˈojtiʊ] e [ˈdojdiʊ] ou como [ˈojtʃu] e [ˈdojdʒu], em algumas variedades alagoanas. (SANTOS, 1996; OLIVEIRA, 2017).

A questão dos róticos, dada essa complexidade por eles apresentada, será retomada e tratada mais extensamente em seção específica desta tese, incluindo discussões a respeito das variantes observadas na pesquisa, que serão exemplificadas com dados do *corpus* utilizado para a análise.

Na seção que segue, apresentamos estudos sobre as realizações do /R/ em território brasileiro e seus resultados mais significantes para a nossa própria pesquisa.

2.3 Estudos de cunho sociolinguístico

Selecionamos os estudos a serem aqui apresentados, observando um critério principal: deveria tratar-se de estudo da variação de /R/ na coda silábica, sobretudo a medial, que tivesse como aporte teórico a Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, (2006 [1968]), LABOV, 2008 [1972]). Trabalhos

dessa natureza são essenciais para podermos compreender de forma o mais completa possível o fenômeno linguístico que queremos analisar, as relações existentes entre os fatores linguísticos e sociais e os processos investigados.

2.3.1 Callou, 1987

Em sua tese sob a ótica da sociolinguística variacionista, Callou (1987) investiga as variantes fricativa velar [x], apagamento [∅] e aspiração [h], em posição inicial, intervocálica e pós-vocálica medial, na fala culta carioca, na década de 1980. As variáveis relevantes em seu trabalho foram sexo, os contextos inicial, intervocálico e pós-vocálico medial, área de residência do informante e faixa etária. Outra conclusão da autora é a de que a mudança da norma de pronúncia para a variante aspiração estaria mais avançada entre as mulheres, em todos os contextos, mesmo tendo um alto índice para o contexto inicial. Os homens atingiram um peso relativo igual a 0.21 e as mulheres 0.79. A autora chama a atenção para outros fatores sociais que se mostraram relevantes: a área de residência do falante e sua faixa etária, com predomínio da fricativa na área suburbana e com ápice de uso da variante mais inovadora na faixa mais jovem. Para a autora,

a mudança da norma de pronúncia do 'r' se insere no espaço multidimensional por sua vez histórico, social e linguístico e, nesse sentido, demonstra que a variável extralinguística área geográfica de residência atua, no Rio de Janeiro, como fator de condicionamento nesse fenômeno de variação. (CALLOU, 1987, p. 50)

2.3.2 Callou, Leite e Moraes (1996, 2002)

Ocorrências do /R/ ⁸ em cinco capitais brasileiras (Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife – projeto NURC⁹), em posição pós-vocálica no interior e no final da palavra, foram investigadas por Callou, Leite e Moraes (1996, 2002). O *corpus* do Projeto NURC, utilizado nessa pesquisa, compunha-se de amostras da década de 70. Nesse trabalho, foram analisadas as variantes tepe alveolar /R/, tepe uvular [R], fricativa velar [x], aspirada [h], tepe [r] e zero [∅]. O grupo de fatores “posição

⁸ Nesta seção de revisão de literatura, serão mantidos os símbolos utilizados pelos autores na transcrição dos sons. Do mesmo modo, serão mantidas as referências aos sons como fonema ou como variante de fonema.

⁹ Norma Urbana Culta.

interna/externa no vocábulo” foi selecionado como o mais significativo de todos. Devido a isso, os autores concluíram que o comportamento do fonema em final de vocábulo deve ser analisado, pois a posição final constitui o ambiente em que o apagamento ocorre com mais frequência, atingindo um percentual de 63%.

A fim de comparar resultados de dados coletados em épocas diferentes, Callou, Leite e Moraes (2002) analisaram dados do mesmo projeto, NURC, coletados na década de 90, dessa vez buscando verificar se seria a fricativa glotal e não a fricativa velar a realização predominante, no momento, em muitos dialetos brasileiros, em todos os contextos. Segundo os autores, o processo de implementação da fricativa glotal [h] poderia ser explicado como um tipo de enfraquecimento¹⁰, não sendo exclusividade apenas da posição pós-vocálica, pois, na década de 70, esse uso, embora incipiente, já era encontrado em posição de *onset* silábico.

2.3.3 Mollica (1997)

Uma discussão sobre o apagamento do ‘r’ pós-vocálico falado entre indígenas que tinham como segunda língua o português, pertencentes a famílias linguísticas diferentes localizadas na região do Alto Xingu Meridional foi feita por Mollica (1997). A análise dos dados demonstrou que a queda do ‘r’ em posição final do vocábulo não sofre grande grau de estigmatização, pois é constatado que esse fenômeno atinge tanto a aquisição do português como língua materna – ao se tratar de falantes nativos – quanto à aquisição do português como segunda língua por falantes indígenas.

Mollica observou que falantes indígenas, ao iniciarem seu processo de aquisição da segunda língua, já aprendiam o vocábulo sem o fonema ‘r’ final. A autora tinha como uma de suas hipóteses que os índios copiavam os modelos aos quais eram expostos, já que o falante nativo quase não expressava o ‘r’ ou de fato o apagava, de modo que a não realização da variante na fala do índio era categórica.

¹⁰ A mudança de som conhecida como enfraquecimento (lenição) na literatura fonológica é descrita como sendo um processo de debucalização, ou seja, um segmento perde os traços de articulação na cavidade oral e passa a ser produzido apenas na região laríngea. No caso específico aqui tratado, o segmento "r" perde o traço ponto de articulação na cavidade oral e é produzido com apenas uma fricção na glote. O resultado, como vimos notando, é uma fricativa glotal surda [h].

2.3.4 Monaretto (2000, 2003)

Monaretto (2000) investiga o enfraquecimento ou mesmo o apagamento do 'r' em Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre. A autora afirma que a classe morfológica, função, localidade, posição da palavra, dimensão da palavra, idade, contexto precedente, escolaridade e ritmo são as variáveis que condicionam o apagamento do tepe. Além disso, a autora explica que a diferença entre os pesos relativos referentes à supressão da variável nos verbos e nos nomes é bastante grande e diferente do que se verifica em algumas cidades, como no Rio de Janeiro, por exemplo. O Sul do País é uma região conservadora, na qual o apagamento do fonema se dá, sobretudo, em posição de final de palavra. Segundo a autora, o fenômeno do apagamento de R vem sendo observado por muitos estudiosos há algum tempo e que esse fenômeno não é considerado estigmatizado pelos falantes, mas pelas gramáticas prescritivas por não ser uma variável considerada padrão na língua portuguesa.

Monaretto (2000) aponta para a não realização do segmento rótico em final de sílaba, representado por [ø], que pode ocorrer tanto em meio quanto em final de palavra, sendo o tepe um morfema ou não.

A fim de verificar a possibilidade de haver condicionamentos diferentes, a autora separa os dados da pesquisa entre classes verbais e não verbais. Os resultados apontam uma maior queda do 'r' em verbos no infinitivo (81%), verificando que o apagamento do tepe [r] é quase categórico em final do vocábulo (com índice próximo dos 70%). Para ela, a queda do R é mais frequente entre os jovens, evidenciando um processo de mudança, sendo mais apagada em Florianópolis, tanto em verbos quanto em não verbos, o que mostra o enfraquecimento do R nessa região.

Hora e Monaretto (2003, p. 135) atribuem à fricativa um dos aspectos responsáveis pela atenuação e, em alguns casos, pelo desaparecimento da pronúncia do fonema erre no contexto linguístico atual. Os autores alegam que o erre fricativo mantém "paralelos na história do Português, onde corsariu > cossário, ursu > osso". Segundo eles, foi a primeira fricativa que alterou a grafia de tais vocábulos para as formas conhecidas hoje.

Vemos na observação dos autores que esse desaparecimento de R é uma tendência que, embora seja sutil, já é produtiva no português atual.

Callou e Leite (2000, p. 76) também fazem esse resgate histórico na evolução da língua, ao abordarem a aparição do erre fricativo em lugar do tepe no dialeto português.

A substituição de vibrações apicais por vibrações uvulares e velares para a vibrante forte em português parece datar de fins do século passado [século XIX], pois já encontramos referências ao fato em Vianna (1973), que observa, inclusive, a sua mudança para fricativa.

Há dois pontos em comum nos trabalhos de Monaretto (2000) e Hora e Monaretto (2003). O primeiro deles diz respeito à comprovação de que coexistem, num mesmo dialeto e entre dialetos do português do Brasil, diversas variantes de 'r', em posição pós-vocálica. O segundo ponto reforça uma observação de Callou, Leite e Morais (1996), que dizem haver mudança em curso no PB, envolvendo a produção de 'r'. De acordo com os autores, as variantes tepes, apicais ou uvulares são variantes conservadoras que sofrem mudança, em seu ponto e modo de articulação, rumo a variantes fricativas, que são inovadoras. Essa mudança parece provocar um 'enfraquecimento' do tepe, que assume um caráter contínuo, dado pela fricção com que passa a ser pronunciada.

2.3.5 Santos (2010)

Ao investigar as realizações de /R/ em coda silábica na comunidade de Porto da Rua, Litoral Norte de Alagoas, seguindo a abordagem da Sociolinguística Variacionista, Santos (2010) definiu o ambiente fonético em que essa realização ocorre e verificou a influência de fatores extralinguísticos. O *corpus* para a pesquisa constituiu-se de dados de fala espontânea, gravados em áudio, em forma de textos narrativos ou argumentativos produzidos por 48 informantes, homens e mulheres nascidos (e que sempre viveram) na comunidade pesquisada. A análise partiu da hipótese que restrições linguísticas e não linguísticas motivariam mudanças no comportamento do /R/ em posição de coda. Nesse *corpus*, as variáveis externas controladas foram sexo (masculino e feminino), escolaridade (escolarizado e não escolarizado) e faixa etária (10 a 30; 31 a 50 e maior que 50 anos). Como variável

linguística independente, foi selecionada a consoante seguinte (a classe da consoante seguinte quando em meio de palavra e quando em final de palavra¹¹).

O fator linguístico mostrou-se favorável à ocorrência da variante aproximante, comprovando a hipótese que o ambiente seguinte, mais especificamente a classe da consoante seguinte quando em meio de palavra, seria um dos condicionadores linguísticos dessa realização. Foram analisadas todas as consoantes seguintes encontradas nos dados, tendo as oclusivas coronais se destacado por terem apresentado atuação quase categórica. Além disso, as consoantes /t/ e /d/ estariam também sendo influenciadas, quando diante da variante aproximante, a ponto de serem realizadas próximas ao palato, com a ponta da língua produzindo uma leve palatalização da oclusiva.

Quanto aos fatores não linguísticos, a autora ressalta a relevância de todos eles. A análise dos dados revelou que o fator sexo feminino favorece a realização da fricativa glotal, com peso relativo de .37 para o fator sexo masculino e de .63 para o fator sexo feminino. O oposto foi atestado em relação à aproximante alveolar, pois nesse caso o fator sexo masculino correlacionou-se positivamente com a variante, apresentando uma frequência de 26% de ocorrência e um peso relativo de .63, em contraposição ao fator sexo feminino, que teve frequência de 10% e peso relativo de .37.

Em relação ao fator escolaridade, os dados revelaram que os informantes não escolarizados favorecem a realização da aproximante alveolar, com frequência de 63% e um peso relativo igual a .90 em contraposição aos escolarizados, que apresentaram frequência de 7% e um peso relativo de .37. Os falantes escolarizados favoreceram a realização da fricativa glotal surda com frequência de 93% e um peso relativo igual a .63.

A análise do fator faixa etária revelou uma possível mudança ou uma gradação etária na comunidade pesquisada. Os resultados mostraram que o uso da aproximante alveolar estava sendo liderado pelos informantes com mais de 50 anos de idade, com frequência de 58% e peso relativo de .88, em contraposição aos mais jovens, que tiveram frequência de 3% e peso relativo de .22. Observamos que os medianos se destacam quanto ao peso relativo, com valor igual a .62 para a realização

¹¹ Em final de palavra, a influência da consoante seguinte – da palavra seguinte – ocorre em expressões como Porto de Pedra, por exemplo, em que a última sílaba de Porto é apagada e o /R/ fica em contato com /d/ da preposição.

da variante em estudo. Os mais jovens se destacaram com frequência de 97% e peso relativo igual a .78 em relação à fricativa glotal.

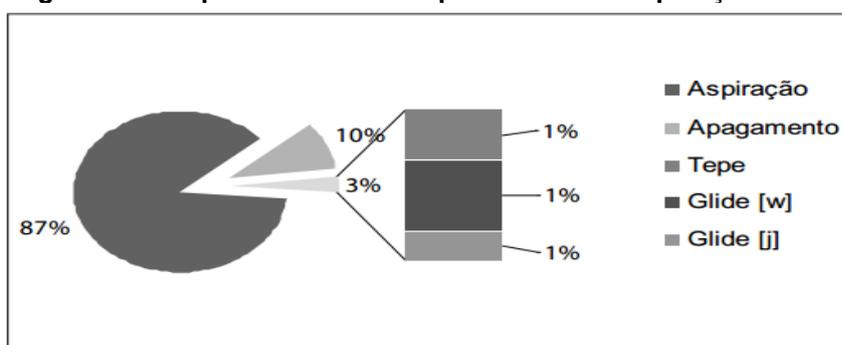
2.3.6 Hora, Pedrosa e Cardoso (2010)

Tomando como *corpus* dados de fala de um dialeto paraibano, Hora, Pedrosa e Cardoso (2010), com o objetivo de observar o *status* da consoante pós-vocálica, focalizaram todos os segmentos que podem ocupar essa posição no Português Brasileiro: as consoantes líquidas /l, r/, a nasal /N/ e a fricativa coronal /s/. Nesta revisão, porém, nos limitamos a discutir os resultados referentes ao "r" pós-vocálico.

A pesquisa mostrou que, em coda medial, há uma interferência de fricativas no contexto subsequente, favorecendo o apagamento do rótico, como se pode observar em palavras como 'garfo', 'curva', 'curso', 'várzea', 'marcha', 'gorjeta', que podem ser realizadas como ['gafu], ['kuve], ['vazje], ['majɛ], [go'zetɛ], respectivamente.

Eles também retomam e discutem o trabalho de Hora e Monaretto (2003), sobre o rótico, em que a variável "r" é analisada separadamente, em relação a sua posição na palavra. Essa separação para análise é explicada pelo fato que a distribuição de variantes e sua frequência são diferentes conforme estejam na posição interna ou na posição final de palavra. Na posição interna, das 4.595 ocorrências registradas pelos pesquisadores, as seguintes variantes são observadas: aspirada [h] (87%), zero fonético [ø] (10%), tepe [r] (1%), glide posterior [w] (1,4%) e glide anterior [j] (0,6%), como mostra o gráfico a seguir, extraído de Hora e Monaretto (2003).

Figura 1 - Comportamento do /R/ pós-vocálico em posição interna



Fonte: Hora, Pedrosa e Cardoso (2010).

Para Hora, Pedrosa e Cardoso (2010), a posição final de palavra é extremamente débil, evitando, por isso, segmentos consonantais. Assim, qualquer que seja o segmento que ocupe essa posição, há uma forte tendência a seu apagamento. Outra explicação possível seria a busca pelo padrão CV, uma tendência universal. Ao contrário, a posição interna, de acordo com Harris e Gussmann (1998) e Ewen e Hulst (2001), citados por Hora, Pedrosa e Cardoso (2010), é bastante resistente a apagamentos ou a inserções de segmentos, e, quando tais processos ocorrem, fazem-no em um nível de bem menor frequência.

2.3.7 Callou et al (2013)

Novamente utilizando dados do projeto NURC, Callou et al (2013) retomaram a questão do enfraquecimento, e, como resultado da investigação, afirmaram que ele se dá muito mais por fatores relacionados à própria articulação do rótico do que por interferência de fatores externos. Nesse trabalho, os autores buscaram apontar os fatores sociais e estruturais condicionantes da variação, a natureza da mudança, o estágio em que os processos se encontram e sua distribuição geolinguística, objetivando estabelecer uma delimitação de áreas dialetais com a distribuição das variantes, que, segundo eles, seriam: tepe alveolar 'r', tepe [r], tepe uvular 'r', fricativa velar uvular [x], aspiração [h]¹² ou zero [∅]¹³, em posição pós-vocálica.

Utilizando o aparato teórico-metodológico da sociolinguística variacionista, foram analisadas as variáveis independentes vogal antecedente, contexto subsequente, dimensão do vocábulo, classe morfológica, posição interna *versus* posição externa do vocábulo. Segundo os pesquisadores, é preciso distinguir a posição interna e a posição externa do vocábulo, não só no que diz respeito à

¹² Estudos como os de Mattoso Camara Júnior (1985 [1970]), Votre (1978), Callou (1987), dentre outros para o dialeto do Rio de Janeiro, consideram que o r forte varia mais amplamente na sua realização e apresenta no falar culto carioca (...) as seguintes variantes: 1) tepe múltipla anterior ápico-alveolar sonora, 2) tepe múltipla posterior-uvular, 3) fricativa velar surda, e 4) fricativa laríngea ou glotal (aspiração) surda. Para outros autores como Massini-Cagliari & Cagliari (2001:126) dentre as possíveis realizações para o r estão a fricativa velar surda e sonora [x, ɣ], fricativa uvular surda e sonora [χ, ʁ], glotal surda e sonora [h, h̥], tepe alveolar surda e sonora [r, r̥], tepe uvular sonora [R]; tepe alveodental [r̥]; e retroflexas anterior/alveolar [ɻ] e posterior palatoalveolar [ɻ̠].

¹³ "O r forte quando em final de palavra pode ainda reduzir-se a zero fonético ou realizar-se como tepe simples quando a palavra seguinte começa por vogal." (Callou & Leite, 1995:73).

distribuição das variantes, mas também em relação aos fatores favorecedores dos processos que ocorrem nessas posições.

As conclusões a que chegaram os autores foram que os processos estão condicionados regionalmente e que existe uma fronteira dialetal entre Porto Alegre e São Paulo e outra entre Rio de Janeiro, Salvador e Recife, que se torna mais nítida na posição interna. O primeiro espaço dialetal (Porto Alegre e São Paulo) opta pelas realizações tepe, enquanto que no segundo espaço (Rio de Janeiro, Salvador e Recife) predominam as realizações como fricativas. As variáveis gênero e faixa etária não foram selecionadas em Porto Alegre em posição final, ao contrário de São Paulo, Salvador e Recife. Já o grupo classe morfológica foi selecionado como favorecedor do processo de apagamento em todas as cidades, mesmo diferenciando a ordem na seleção. Os autores alegam que isso não significa que a diferenciação dialetal não se resume apenas a percentuais de ocorrência de uma determinada realização, podendo definir-se, também, em termos de grupos de fatores e de fatores condicionantes.

Sobre o chamado processo de enfraquecimento, que é um dos processos que nos interessa, os autores dizem que ele pode ser interpretado como uma tendência a aumentar-se a distância na escala de sonoridade entre *núcleo* e *coda*. Em síntese, os autores dizem ficar claro que a norma de pronúncia do “r” aponta para um processo de posteriorização, de enfraquecimento: de anterior para posterior (velar ou laríngeo), com eventual mudança de modo de articulação de tepe para fricativa, em posição de coda, chegando até a cancelar-se, em posição final de vocábulo.

2.3.8 Oliveira, Santana e Serra (2014)

O “*apagamento do rótico em coda silábica interna e externa: a região serrana do Rio de Janeiro*”, estudo efetuado por Oliveira, Santana e Serra (2014), demonstrou que existem grandes expectativas sobre esse processo que vários autores vêm analisando. O objetivo do estudo foi realizar uma comparação do comportamento linguístico de falantes da capital e de dois municípios da região serrana do Rio de Janeiro, além de verificar como o processo de apagamento do rótico é realizado por indivíduos com níveis mais baixos de escolaridade (alfabetizados, tendo cursado, no máximo, até a quarta série do Ensino Fundamental), o que o torna diferente dos

estudos de Callou nas décadas de 70 e 90, que priorizaram dados de falantes de nível superior do projeto NURC.

A única variável apontada como relevante para o processo em coda medial foi o tipo de consoante subsequente. O apagamento ocorreu preferencialmente diante dos sons [k] e [s], no Rio de Janeiro e em Petrópolis; e [k] e [z], em Nova Friburgo. Considerando que as autoras informam ter o apagamento diante de [k] ocorrido com um único item lexical – "porque" – a indicação de preferência por esse apagamento pode ser descartada¹⁴. Podemos, então, considerar que o apagamento ocorre de fato apenas antes de /s/ e /z/, segmentos que podem ser classificados como [-soa, +cont, coronal, +ant].

2.3.9 Callou, Serra e Cunha (2015)

A partir de amostras de fala culta do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB), provenientes das nove capitais do Nordeste Brasileiro, Callou, Serra e Cunha (2015) investigaram o processo de apagamento do 'r', em posição de coda silábica medial e final, observando-se os pressupostos da sociolinguística quantitativa laboviana (Labov, 1994). O trabalho teve como objetivo apresentar os índices de apagamento do 'r' e mostrar que o fenômeno não se restringe à coda silábica final, atingindo também a coda medial, sobretudo em dialetos que apresentam a norma de pronúncia do segmento [-tepe] e [-anterior]¹⁵. Observando a descrição do segmento com os traços apresentados pelos autores, temos uma fricativa glotal surda [h]. Estudos como os de Hora e Monaretto (2003) apontam que o apagamento é condicionado pelo contexto fonológico seguinte, quando preenchido por uma das fricativas.

Os resultados alcançados pela pesquisa – que teve um *corpus* composto de amostras de fala culta do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), estratificadas em duas faixas etárias (de 18 a 30 anos e de 50 a 65 anos). João Pessoa e Maceió lideram o ranking de cancelamento em coda medial, com 22% (197 ocorrências, Input .21) e

¹⁴ Utilizando-se o modelo multinível é possível medir o quanto da variação pode ser explicada pelas variáveis de níveis mais agregados, como o item lexical e o indivíduo. Isso pode ser feito pelo Coeficiente de Correlação Intraclasse (CCI).

¹⁵ Vale ressaltar que essa apresentação está no texto dos autores.

23% (415 ocorrências, Input .23), respectivamente. Por outro lado, Salvador e Fortaleza, que também se destacam pelos percentuais altos de cancelamento em coda final, apresentam percentuais baixos em relação ao zero fonético em coda medial, principalmente a última capital (6,3% e 1,6%, respectivamente). O apagamento do R em coda medial parece também ganhar espaço em Natal e em Recife (15% e 11%, respectivamente).

Os autores destacam as cidades de João Pessoa e Maceió porque a variável região foi selecionada como fator importante para a aplicação da regra do cancelamento do rótico em coda medial. Em João Pessoa, o cancelamento é mais frequente nos contextos em que ao rótico se seguem as fricativas [s], [z] e [v] (97%, 67% e 40%, respectivamente). O mesmo acontece em Maceió, capital em que, mais uma vez, são as fricativas as que mais frequentemente propiciam o cancelamento do R ([s], 76%, e [v], 46%).

2.4 Síntese da Seção e Avaliação

A complexidade de /R/ não é, de modo algum, um fenômeno novo. Gonçalves Viana (1883), no final do século XIX, já havia observado a coexistência de variantes desse segmento num mesmo dialeto.

Os trabalhos selecionados e aqui apresentados mostram que, ainda, a análise do comportamento de /R/ no momento atual é uma tarefa complexa. O segmento, de modo geral, apresenta um conjunto de possibilidades fonéticas, cada qual com sua peculiaridade dialetal, sobretudo em coda silábica, ambiente mais propício para a variação, e que precisa de mapeamentos muito bem delineados para que se possa compreender o funcionamento das regras que aí operam em diferentes níveis.

Alguns trabalhos, como Callou, (1987); Callou *et al* (1996); Monaretto, (2010), afirmam que o domínio estrito do apagamento é a sílaba. Callou *et al* (1998) creem que não se deve entrar na discussão sobre o tema. Mas é nítido que os estudos sobre o fenômeno apontam para a necessidade de se considerar separadamente o comportamento desse segmento em coda medial e em coda final.

De acordo com os estudos mencionados aqui, há um avanço do processo de apagamento em coda silábica final e medial. Temos estudos realizados em capitais de Estados brasileiros que apontam para um avanço quase que categórico do

apagamento na coda final, mostrando, além disso, que o índice de apagamento na coda medial continua a crescer também, paralelamente. Há aspectos que favorecem mais o processo que outros, como a forma do verbo no infinitivo, com forte indício de influência da classe morfológica e da presença do acento lexical na última sílaba¹⁶.

Outro aspecto apontado é a extensão do vocábulo, ou seja, quanto maior o número de sílabas, maior a probabilidade de apagamento, por questões relacionadas ao fator saliência fônica, nesse caso, menos saliência.

Em coda silábica medial, o tipo de consoante subsequente parece ser um fator estrutural importante para a perda do segmento. É comprovado, com base em estudos ao longo da história, que a presença de uma consoante de articulação aproximada a do rótico favorece processos assimilatórios que podem levar ao cancelamento de um dos segmentos. Uma de nossas hipóteses para o processo de apagamento em coda medial em nossa pesquisa é a de que se tivermos a variante “fricativa glotal surda”, que é especificada com o traço [+contínuo], seguida das consoantes fricativas [f,v,s,z] especificadas também com o mesmo traço, a fricativa glotal tende a ser cancelada.

De acordo com Serra & Callou (2013), as variáveis sociais, gênero e faixa etária também atuam no processo de mudança. Isso porque o processo já não atua da mesma forma em todas as faixas etárias representadas no projeto NURC. As capitais Salvador e Porto Alegre apresentaram, na década de 70, uma curva de mudança em progresso, com índices altos de apagamento na primeira faixa etária, enquanto a cidade do Rio de Janeiro, também capital, apresentou relativa estabilidade nas três faixas. Entre as mulheres jovens, a frequência de apagamento em verbos já atingia 97%, em Salvador, e, em Porto Alegre, 93%, o que vem ao encontro da tese de que, nos processos de mudança sonora, as mulheres estão, em geral, uma geração à frente dos homens, como afirmava Gauchat (1905).

Os estudos vêm mostrando que em coda final temos um processo de mudança, de vibrante alveolar para fricativa glotal, de anterior para posterior, chamado por

¹⁶ Duas observações podem ser feitas a esse respeito, mesmo que de caráter especulativo: 1) a forma verbal do infinitivo apresenta frequência muito alta na fala e é também, no léxico da língua portuguesa, o item lexical terminado em /R/ que se impõe estatisticamente – uma busca no dicionário confirmaria essa possibilidade; 2) a presença do acento lexical na última sílaba do vocábulo é bastante controversa, pois existem diferentes hipóteses sobre esse acento final, basicamente se ele seria ou não atribuído devido à presença da consoante final, o que tornaria a sílaba pesada propícia a receber o acento, e, mais ainda, vale a pena observar se palavras sem acento na última sílaba, mas terminados em "r", que são uma minoria no léxico, também não estariam apagando essa consoante final.

Callou (1998) de enfraquecimento, e que este processo também está avançando para a coda medial.

Fenômenos variáveis, conforme assumem todos os estudiosos cujos trabalhos aqui revisamos, podem ser observados sob diferentes perspectivas. A visão da sociolinguística laboviana, por estar relacionada a uma teoria da mudança que leva em conta a forma como a estrutura linguística heterogênea pode ser afetada por condicionamentos estruturais e sociais, apresenta uma das melhores perspectivas para a observação desse fenômeno, a variação na produção do rótico, considerada uma tendência universal. Procuramos, assim, descrever não apenas a variação, mas também a direção da mudança e seu encaixamento na estrutura linguística e social, o que vem sendo feito por muitos pesquisadores, em diferentes regiões do Brasil e do mundo. Nesse sentido, é importante observar o estágio pelo qual o fenômeno vem passando nas cidades pesquisadas para esta tese, através dos seus condicionamentos estruturais e sociais.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Esta seção será dedicada à discussão da fundamentação teórico-metodológica. Os pressupostos teóricos e metodológicos que orientam a coleta e a análise dos dados desta pesquisa são os da Teoria da Variação e Mudança Linguística, proposta por Weinreich et al (2006 [1968]) e Labov (2008 [1972]). Nessa perspectiva teórica, assume-se que a heterogeneidade, ou variação, é inerente a todo e qualquer sistema linguístico e que esta variação não é aleatória, mas governada por regras e restrições tanto linguísticas quanto extralinguísticas. Para Weinreich et al (2006, p. 134), “aprender a ver a língua como inerentemente variável significa, antes de tudo, reconhecer a natureza e a amplitude dessa infração dentro do sistema”. Para dar respaldo às explicações dos fenômenos estudados, visto que se encontram nos níveis fonético e/ou fonológico da língua, apoiamos-nos em pressupostos, conceitos e noções de teorias fonológicas, utilizando para isso modelos clássicos ou modelos recentes, de acordo com as exigências surgidas.

3.1 Pressupostos básicos da Sociolinguística Variacionista

Desde o trabalho conjunto desenvolvido por Weinreich (2006 [1968]), em que se estruturaram as bases para uma teoria da mudança linguística, os autores já alertavam para a necessidade de se romper com a identificação entre estrutura linguística e homogeneidade. Propuseram, então, como postulado básico desse tipo de abordagem, que “em uma língua que serve a uma comunidade complexa (i.e. real) é a ausência de heterogeneidade estruturada que seria disfuncional”. (WEINREICH et al, 2006 [1968], p. 101)¹⁷

Considera-se que há variação sempre que duas ou mais maneiras de se dizer a mesma coisa, em um contexto, estão presentes com certa frequência e sistematicidade, em uma dada comunidade de fala. Para haver variação, portanto, é preciso avaliar se as diferentes possibilidades de expressão estão correlacionadas a determinados contextos estruturais específicos ou a dadas situações de uso da língua, de modo sistemático e frequente. A essas maneiras de se dizer a mesma coisa em

¹⁷ No original, “in a language serving a complex (i. e., real) community, it is absence of structured heterogeneity that would be dysfunctional”.

um mesmo contexto com o mesmo valor de verdade, dá-se o nome de variantes linguísticas; e o conjunto das variantes de um mesmo modo de dizer constitui a variável linguística a ser investigada, a saber, a variável dependente.

À Teoria da Variação interessa, portanto, primordialmente, estudar “a língua como usada pelos falantes nativos para se comunicarem no dia-a-dia” (LABOV, 1972, p. 185)¹⁸, ou seja, o vernáculo, “o estilo em que um mínimo de atenção é atribuído à monitoração da fala”. (LABOV, 1972, p. 208)¹⁹. Trata-se, portanto, de uma abordagem cujo objetivo específico é descrever e explicar os fenômenos linguísticos em si, e não as formulações teóricas e analíticas relativas a esses fenômenos.

Este modelo de análise linguística, proposto por Labov e pesquisadores associados, prevê, entre outros, o tratamento estatístico dos dados coletados, de modo a desenvolver também um suporte quantitativo para subsidiar a análise. Em síntese:

Ao pesquisador variacionista cabe identificar os fenômenos linguísticos variáveis de uma dada língua, inventariar suas variantes, definindo as variáveis dependentes, levantar hipóteses que deem conta das tendências sistemáticas da variação linguística, operacionalizar as hipóteses através de variáveis independentes ou grupos de fatores de natureza linguística e não linguística, identificar, levantar e codificar os dados relevantes, submetê-los a tratamento estatístico adequado e interpretar os resultados obtidos à luz das hipóteses levantadas. (SCHERRE, 1998, p. 43).

Por se tratar de fenômenos produzidos em situações reais de uso da língua, entende-se que esses fenômenos refletem a verdadeira configuração de uma dada língua em um tempo real, sincrônico, e sinalizam também as possíveis direções de uma mudança linguística.

Para a descrição e a análise desse tipo de fenômeno linguístico, é necessário, então, que se proceda ao levantamento de um número significativo de dados de língua falada que represente, o mais fielmente possível, o vernáculo de uma dada comunidade de fala. A escolha desse material de análise exige a superação de um problema metodológico central na pesquisa variacionista, conhecido como o paradoxo do observador: “como coletar a fala espontânea dos usuários de uma dada variedade

¹⁸ Trecho extraído do original “the basic data for any form of general linguistics would be language as it is used by native speakers communicating with each other in everyday life”.

¹⁹ No original, “this is the ‘vernacular’ – the style in which the minimum attention is given to the monitoring of speech”. (LABOV, 2008, p. 244)

de língua que se deseja estudar, sem inibi-los com a presença do próprio pesquisador?”. (LABOV, 2008, p. 209).

Ao mesmo tempo, o autor afirma que “o objetivo da pesquisa linguística na comunidade deve ser descobrir de que modo as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas”. (LABOV, 2008, p. 244). Esse conflito, que constitui o paradoxo do observador, é um dos principais obstáculos que devem ser vencidos para garantir-se que os dados coletados sejam de boa qualidade, que, no entanto, são mais facilmente obtidos por meio de gravações de entrevistas individuais. Para minimizar os efeitos dessa situação paradoxal, Labov (2008) sugere uma série de estratégias de entrevistas. Essas estratégias sugeridas por Labov serão descritas, de modo mais detalhado, na seção referente à coleta de dados para esta pesquisa.

Outro aspecto importante da Teoria da Variação é aquele em que os padrões de comportamento linguístico identificados em uma dada comunidade de fala resultam da ação de uma série de fatores que intervêm, de modo mais ou menos direto, na atividade linguística concreta. Esses fatores que atuam sobre o comportamento linguístico dos falantes podem ser de duas naturezas: de um lado, estão aqueles relativos às características sociais do falante, tais como sua idade, seu sexo, seu nível de escolaridade, a classe social a que pertence, que são chamados de fatores sociais ou extralinguísticos; de outro lado, encontram-se os fatores que dizem respeito aos contextos da estrutura linguística que condicionam a ocorrência de uma ou outra variante, que são chamados de fatores linguísticos.

De um modo bastante interessante, talvez se possa dizer que a teoria laboviana é, sobretudo, ainda que se devam considerar as suas bases filosóficas e epistemológicas, um conjunto de postulados que visam garantir bons resultados para o estudo da língua como uma entidade não mais sistematicamente homogênea, ou um sistema abstrato, como propunha o estruturalismo clássico descritivista. Em vez disso, a língua a ser estudada vai ser concebida como uma entidade real que se processa em uma determinada comunidade de fala, ou seja, a língua passa a ser observada como uma entidade que possui heterogeneidade passível de ser sistematizada. Diante disso, assumimos que a base teórica da Sociolinguística Laboviana se apresenta de forma completa no seu arcabouço teórico-metodológico. Com essa assunção em mente, optamos por desenvolver mais amplamente a discussão dos conceitos e das questões levantadas a respeito, consideradas

relevantes para a pesquisa, na seção sobre metodologia, evitando, assim, repetições desses tópicos.

É importante lembrar que a ação desses fatores não se dá de forma isolada, independentemente da ação dos demais. Trata-se, de fato, de uma combinação das interferências dos diversos fatores, que podem atuar simultaneamente. Sendo assim, para mensurar a interferência de cada fator isoladamente, foram desenvolvidos no âmbito da sociolinguística variacionista ou quantitativa vários modelos matemáticos que permitem avaliar a atuação específica de cada fator, ou seja, o peso relativo específico de cada fator no conjunto dos fatores considerados. O modelo matemático que escolhemos para avaliar nossos dados foi o software R, que será apresentado, mais detalhadamente, na seção referente ao tratamento dos dados.

Na metodologia, a seguir, conforme observamos acima, conceitos importantes da teoria serão apresentados e discutidos mais amplamente, considerando-se a sua relação com os problemas a serem enfrentados na investigação aqui proposta.

3.2 Fundamentos metodológicos da pesquisa

A metodologia contempla a fase exploratória de estabelecimento de critérios de amostragem, entre outros, e a definição de instrumentos e procedimentos para a síntese e a análise de dados e informações, destacando o método. O método, traço característico da ciência, representa um procedimento racional e ordenado (forma de pensar), constituído por instrumentos básicos, que implica utilizar, de forma adequada, a reflexão e a experimentação para proceder ao longo de um caminho (significado etimológico de método) e alcançar os objetivos pré-estabelecidos no planejamento da pesquisa.

Detalharemos, a seguir, as ações desenvolvidas e os elementos e fatores envolvidos.

3.2.1 Projeto PORTAL

Como já mencionado, esta pesquisa integra o Projeto Variação Linguística no Português Alagoano – PORTAL – composto por dados de fala de 10 cidades do Estado de Alagoas, Região Nordeste do Brasil: Arapiraca, Delmiro Gouveia, Maceió,

Palmeira dos Índios, Penedo, Santana do Ipanema, São Miguel dos Milagres, União dos Palmares, Capela e São Miguel dos Campos.

Na primeira etapa do PORTAL, foram coletados dados das principais cidades de cada Mesorregião de Alagoas: Maceió (Mesorregião Leste Alagoano), Arapiraca (Mesorregião Agreste Alagoano) e Delmiro Gouveia (Mesorregião Sertão Alagoano).

Teve-se como objetivo seguinte coletar dados das principais cidades de cada Microrregião: Arapiraca (Microrregião de Arapiraca); Capela (Microrregião da Mata Alagoana); Delmiro Gouveia (Microrregião Alagoana do Sertão do São Francisco); Palmeira dos Índios (Microrregião de Palmeira dos Índios); Penedo (Microrregião de Penedo); Santana do Ipanema (Microrregião de Santana do Ipanema); (São Miguel dos Campos (Microrregião de São Miguel dos Campos); São Miguel dos Milagres (Microrregião do Litoral Norte Alagoano); e União dos Palmares (Microrregião Serrana dos Quilombos).

Inicialmente, o projeto tomou como critério para a seleção das cidades o fator populacional, mas, diante de dificuldades operacionais, sobretudo de ordem financeira, foram coletados dados também em cidades menos populosas.

Os informantes de cada cidade em que os dados foram coletados estão estratificados por idade, sexo/gênero e escolaridade, conforme a metodologia adotada pelo Projeto PORTAL, sendo esse tipo de estratificação social justificado pela observação que essas variáveis sociais são as que têm se mostrado mais relevantes nos estudos sociolinguísticos desde Labov.

O banco de dados do Projeto PORTAL está composto por entrevistas realizadas com 420 informantes. Desses, 240 são integrantes do banco de dados “Alagoas”, no qual estão armazenadas as entrevistas realizadas com informantes das dez cidades citadas aqui, enquanto que 180 são integrantes do banco de dados “Maceió”, em que estão armazenadas as entrevistas realizadas com informantes apenas da cidade de Maceió. Todos os dados estão gravados e suas transcrições foram feitas em sincronização com o áudio no software PRAAT, desenvolvido pelos linguistas Paul Boersma e David Weenink (2007), do Departamento de Fonética da Universidade de Amsterdã, que tem por foco principal a análise sonora, através de parâmetros como frequência, comprimento de onda, decibéis, dentre outros. É utilizado por muitos linguistas (foneticistas, fonologistas, sintaticistas) para rotular e segmentar suas gravações de fala, podendo fazer transcrições e anotações em vários

níveis simultaneamente. O acesso aos dados é livre para toda a comunidade científica por meio do site www.portuguesalagoano.com.br.

Todos os dados até o momento abrigados no banco do Projeto PORTAL foram coletados, transcritos e revisados por estudantes de graduação, mestrado e doutorado que integram o projeto. Essas atividades são coordenadas pelo professor Alan Jardel de Oliveira, coordenador do projeto.

Para a elaboração desta Tese, especificamente, trabalhamos com dados de informantes pertencentes a seis cidades – São Miguel dos Milagres, União dos Palmares, Maceió, Arapiraca, Delmiro Gouveia e Santana do Ipanema – cuja coleta e transcrição também foram feitas pela autora desta tese. Essas seis cidades constituem, portanto, as comunidades de fala escolhidas para a realização deste estudo.

3.2.2 Comunidades de fala

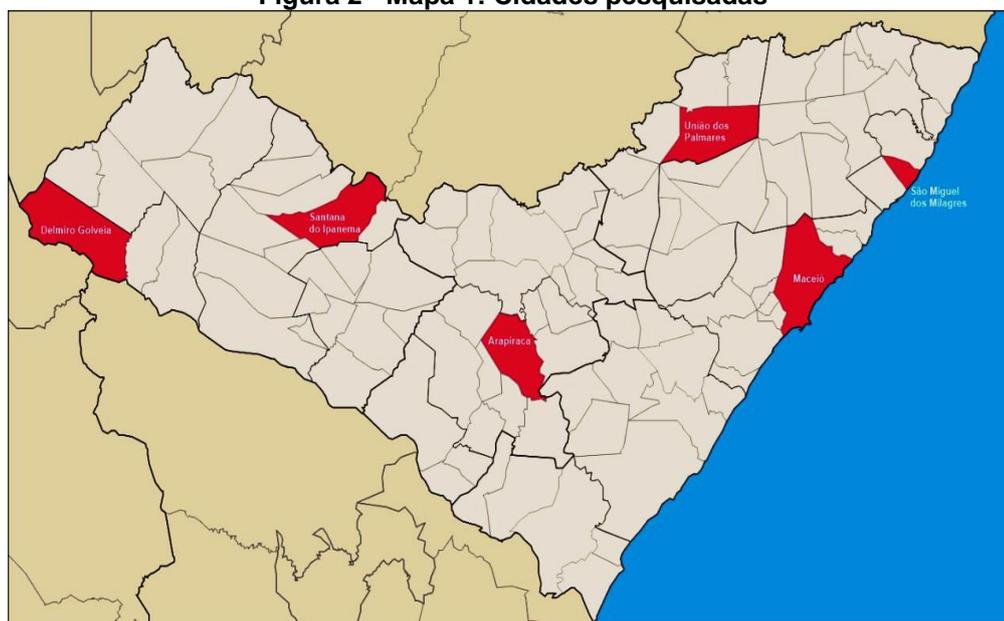
Uma comunidade de fala, para Labov (1972, p. 120-1), não é definida por qualquer acordo marcado no uso de elementos de linguagem ou pela participação em um conjunto de normas compartilhadas. Essas normas podem ser observadas em tipos claros de comportamento avaliativo e pela uniformidade dos padrões abstratos de variação, que são invariantes em relação a níveis específicos de uso. A comunidade real de fala, conforme definida por Labov, então, não se representa por indivíduos que se expressam da mesma forma, senão por aqueles que compartilham as mesmas regras, as quais sofrem avaliações, diferenciando-os de outros grupos.

Para a sociolinguística, dados os seus pressupostos, é necessário que os dados básicos para qualquer forma de linguística geral seja a língua tal como usada por seus falantes nativos comunicando-se uns com os outros na vida diária, o que quer dizer o vernáculo, conforme definimos anteriormente. É esse vernáculo, a língua falada espontaneamente pelos falantes de um grupo definido como uma comunidade real de fala, ali observada diretamente, que é o objeto de estudo da variação linguística, dado que a língua é concebida, nessa perspectiva teórica, como um fato social. (LABOV, 2008 [1972]). Sendo esse o objeto de estudo da sociolinguística, constitui-se o ponto de partida do estudo do processo de variação e mudança de uma língua.

Nesta pesquisa, conforme já informamos, trabalhamos com dados de fala de seis cidades alagoanas, cada uma delas considerada, *a priori*, como sendo uma comunidade de fala, basicamente porque elas apresentam realidades sociocultural e econômica diferentes e estão localizadas, do ponto de vista geográfico, relativamente distantes.

A Figura 1 mostra, no mapa de Alagoas, a localização das cidades em que os dados para esta pesquisa foram coletados.

Figura 2 - Mapa 1: Cidades pesquisadas



Fonte: Autora, 2019 - Adaptado de Variação Linguística no Português Alagoano – PORTAL, 2013.

De forma sucinta, apresentamos a seguir algumas características das cidades pesquisadas.

São Miguel dos Milagres é um dos mais antigos núcleos de povoação de Alagoas. Pertence à mesorregião do Leste Alagoano, microrregião do Litoral Norte Alagoano. Sua colonização começou durante a invasão holandesa em Alagoas (século XVII), quando moradores de Porto Calvo fugiram à procura de um abrigo de onde pudessem, também, observar o movimento dos invasores que utilizavam o rio Manguaba para chegar ao interior. Eles encontraram, na região, uma colina de onde avistava-se extensa área de terras até o mar. Formou-se aí o engenho Mata Redonda, local onde houve uma grande batalha, sendo os holandeses expulsos da região. O povoado foi elevado a vila, sob a jurisdição do município de Porto de Pedras, em 1864.

A emancipação ocorreu somente em 1960. Com uma população de mais ou menos 8.022 habitantes, São Miguel dos Milagres é considerado um dos destinos turísticos nordestinos mais procurados nacional e internacionalmente. O IDH-M²⁰ do município é de 0,591 (considerado 'baixo') e tem-se uma renda mensal média de 1,8 salários mínimos.

União dos Palmares também é um dos mais antigos núcleos de povoamento de Alagoas. Pertence à mesorregião do Leste Alagoano, porém à microrregião Serrana dos Quilombos. A presença de não indígenas na região data do final do Século XVI, quando negros fugitivos de engenhos de açúcar dos Estados de Alagoas e Pernambuco chegaram à Serra da Barriga, onde instalaram o Quilombo dos Palmares (por volta de 1580). O povoado Macacos, que deu origem à União dos Palmares, teve início no século XVIII e ficava localizado na margem esquerda do rio Mundaú. O crescimento do povoado provocou seu desmembramento do município de Atalaia em 1831. Em 1944, ocorreu a mudança de denominação para "União dos Palmares", em homenagem ao quilombo que permaneceu na região por quase um século. Sua população é de cerca de 66.000 habitantes. O IDH-M do município é de 0,600 (considerado 'médio') e a renda média mensal é de 1,6 salários mínimos.

Maceió, o povoado que deu origem à cidade, surgiu num engenho de açúcar e está situada na microrregião homônima e mesorregião do Leste Alagoano. Entretanto, não foi o engenho que fez Maceió ganhar importância como povoado. No seu livro *Interpretação da Província*, Dirceu Lindoso (2005) avalia que o desenvolvimento da cidade se deu por ser "o caminho que ligava as terras úberes do vale do Mundaú, por meio da lagoa do Norte, ao porto natural de Jaraguá". Após passar pelas mãos de alguns proprietários e ter as suas terras divididas, Maceió voltou a ser objeto de preocupação da monarquia lusa somente após a ocupação holandesa, quando, em 1673, D. Pedro II, de Portugal, filho de D. João IV, decidiu que a localidade deveria ser povoada e o Porto de Jaraguá fortificado. A Vila de Maceió foi desmembrada da Vila de Alagoas (atual cidade de Marechal Deodoro) em 1817 e foi transformada em cidade em 1839, quando D. João VI assinou o alvará régio. Capital do Estado, Maceió é a maior cidade de Alagoas, com uma população de 1.029.129 habitantes. Possui IDH-M de 0,721 (considerado 'elevado') e renda média mensal de 2,7 salários mínimos.

²⁰ IDH-M = Índice de Desenvolvimento Humano Municipal.

A cidade de Arapiraca pertence à mesorregião do Agreste Alagoano, microrregião Arapiraca, e foi elevada à categoria de município em 30 de outubro de 1924. Fundada por Manoel André Correia dos Santos, o povoamento da localidade começou na primeira metade do século XIX e, atualmente, Arapiraca possui uma população de 234.185 habitantes (IBGE, 2010), sendo, depois de Maceió, a cidade mais populosa do Estado. Apresenta um IDH-M de 0.649 (considerado 'médio'), com renda média mensal de 1.7 salários mínimos.

Delmiro Gouveia teve como primeiro nome “Pedra”, devido a grandes rochas que existiam próximo ao local onde depois foi construída a estação de trens. Três irmãos da família Vieira Sandes foram os primeiros habitantes da localidade, segundo consta nos registros da Prefeitura Municipal. Em 1903, chegou à região, vindo de Recife (PE), o cearense Delmiro Augusto da Cruz Gouveia, que se estabeleceu vendendo couros de bovinos e peles de caprinos, trazendo à região vários empreendimentos. Delmiro Gouveia pertence à mesorregião do Sertão Alagoano, microrregião Alagoana do Sertão do São Francisco. A cidade foi elevada à categoria de município em 14 de fevereiro de 1954 e atualmente tem uma população de 52.597 habitantes. Seu IDH-M é de 0,631 (médio) e a renda mensal média é de 1,7 salários mínimos.

Santana do Ipanema era, no século XIX, um pequeno arraial habitado por índios e mestiços. Atualmente, é a principal cidade da mesorregião do sertão de Alagoas. Tornou-se vila em 1836 e foi elevada à categoria de cidade em 1921. Com uma população de aproximadamente 48.232 habitantes, Santana do Ipanema apresenta um IDH-M de 0,616 (médio) e uma renda média mensal de 1,7 salários mínimos.

3.2.3 Constituição da amostra

Alguns critérios básicos de seleção para que o indivíduo pudesse participar na composição da amostra deste trabalho foram os seguintes: i) ter nascido no município; ii) não ter se ausentado do município por mais de 1 ano; e, preferencialmente, iii) ter ambos os pais nascidos também no município.

Foram, assim, selecionados 144 participantes, sendo 24 por cidade pesquisada. Para compor a amostra, nos utilizamos do método “amigo do amigo”

(MILROY, 2004), de forma que os participantes foram selecionados sem que a entrevistadora os conhecesse. A amostra de língua registrada por esse método fica sendo uma amostra que é constituída através de um mecanismo não probabilístico, pois, após um contato inicial com alguns sujeitos da comunidade a ser estudada, os indivíduos seguintes que participarão da pesquisa são indicados pelos primeiros. Estes indicam novos prováveis participantes e, assim, sucessivamente, até que a amostra esteja completa.

A amostra por cidade foi composta por cotas, considerando-se as variáveis sociais *sexo/gênero*, *faixa etária* e *escolaridade*, estratificada conforme a Tabela a seguir:

Tabela 1- Composição da amostra por cidade

		faixa etária		
		18-30 anos	45-55 anos	>65anos
sexo/gênero	escolaridade			
Feminino	<9anos	2	2	2
	>11 anos	2	2	2
Masculino	<9 anos	2	2	2
	>11 anos	2	2	2
Total		24 participantes por cidade		

Fonte: OLIVEIRA, 2013.

3.2.4 Coleta e transcrição dos dados

As pesquisas sociolinguísticas vêm se dedicando ao estudo da língua em uso no seio das comunidades de fala, com atenção devida aos aspectos linguísticos e sociais. Estudiosos têm se dedicado à variabilidade presente no uso da língua e observado os efeitos positivos e negativos sobre a emergência desse uso, prevendo seu comportamento regular e sistemático. Com esse entendimento, decidimos, neste estudo, trabalhar com dados oriundos de fala natural, a fim de captar e analisar melhor as variantes de /R/ em posição de coda silábica medial existentes nas cidades pesquisadas, sob a luz da perspectiva teórico-metodológica da sociolinguística variacionista (LABOV, 2008[1972]), conforme já informamos.

A coleta de dados foi realizada entre julho de 2014 e outubro de 2015. O método “amigo do amigo” foi de suma importância para esta coleta. A partir de tal

intermediação, muitos informantes se mostraram bastantes solícitos durante a entrevista, assim como quando solicitados a indicar novos colaboradores. Em contato com os participantes, evitamos a palavra “entrevista”. Foi preferido a palavra “conversa” porque estamos fazendo uma pesquisa que lida com dados espontâneos e era preciso que os participantes se sentissem à vontade para conversar, de modo que não houvesse o policiamento da fala, controlando-a e, assim, enviesando a amostra.

A Sociolinguística Variacionista é fundamentalmente empírica, pois obtém os dados reais de fala, baseando suas conclusões nos fatos linguísticos, observados em contextos reais de uso. Para isso, é importante obter-se o discurso livre do falante, o vernáculo, a forma de fala mais natural possível, embora, como afirma Labov (2008[1972]), em uma entrevista não se deva esperar encontrar o vernáculo em uso, já que, nessa situação, a fala é sempre mais monitorada do que nas situações mais informais.

Ao fazer essa observação, retomamos uma questão crucial da teoria da variação, já levantada neste trabalho, o paradoxo do observador. O problema descrito pelo paradoxo do observador diz respeito, basicamente, a como encontrar o vernáculo, o modo como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas, se, porém, só é possível obter-se tais dados por meio da observação sistemática. Já dissemos (à p. 32) que Labov (2008[1972]) sugere como isso pode ser feito. Seguindo a proposta do autor, descrevemos aqui as estratégias utilizadas na nossa pesquisa para minimizar os efeitos da situação de coleta de dados e da presença do entrevistador e seus equipamentos de gravação.

Os participantes eram informados de que a conversa seria gravada e que somente os pesquisadores teriam acesso ao conteúdo registrado e ao questionário social, preenchido logo após a entrevista, juntamente com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido²¹ – TCLE (Anexo), documento que garante ao participante da pesquisa o respeito aos seus direitos e autoriza ao pesquisador a utilização dos áudios e questionários.

O roteiro de gravação com cada participante foi organizado da seguinte forma: em primeiro lugar, pedíamos uma narrativa e, depois, uma descrição. A nossa

²¹ O TCLE desta pesquisa foi aprovado pelo comitê de ética em pesquisa com o número de CAAE: 17274214.7.0000.5013.

pressuposição era que estaríamos levando o informante a construir um percurso histórico e que seria mais fácil e confortável conversar, relembando de casos e histórias, que poderiam recriar emoções fortes do passado vivido, e, partir disso, descrever elementos presentes na sua memória e reavivados pela narração de eventos. No final, apresentávamos um tema para a argumentação, normalmente um tema atual que sabíamos estar presente nas conversas do povo brasileiro.

Com a finalidade de garantir-se um padrão de dados coletados, o roteiro básico da entrevista com cada participante foi estruturado da seguinte forma:

1. *NARRAÇÃO – “Conte uma lembrança importante”.*

a) da sua infância em casa.

b) da sua infância na escola.

c) da sua infância com amigos.

d) de como era a cidade na sua infância

e) da sua infância com os pais.

f) da sua infância com os avós.

g) da infância dos seus filhos em casa (caso tenha filhos).

h) da infância dos seus filhos na escola (caso tenha filhos).

i) da sua juventude ou adolescência.

j) de relacionamentos amorosos (marido/esposa, namorado (a), etc., como conheceu o marido/esposa, namorado (a), etc.)

2. *DESCRIÇÃO – “Conte com o máximo de detalhes possível...”*

a) como era a casa em que você morava quando tinha 10 anos

b) como era a cidade na sua infância.

3. *ARGUMENTAÇÃO – “O que você pensa sobre...”*

a) pena de morte

b) aborto

c) casamento entre pessoas do mesmo sexo

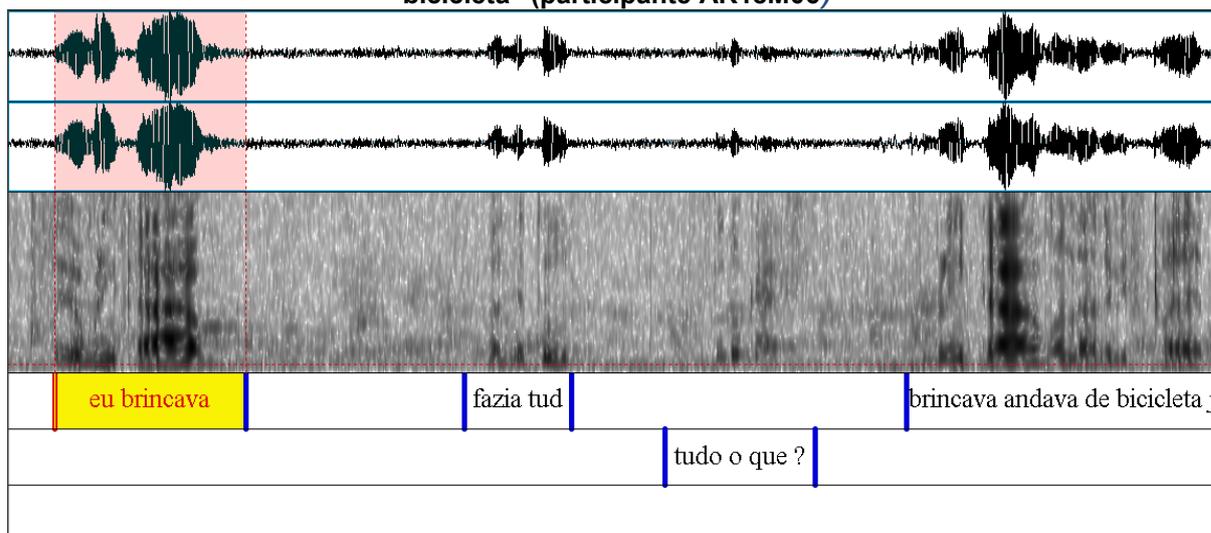
Para a gravação, foi utilizado um gravador da marca TASCAM, modelo DR 100. As gravações foram feitas em formato .wav, com taxa de amostragem de 24bits e resolução de 48kHz. Utilizamos também um microfone headset condensador

cardioide unidirecional da marca Arcano, modelo WZ – 1000. As gravações tiveram duração entre 9 e 11 minutos, para cada indivíduo, totalizando 1.584 horas de registros de fala.

3.2.5 Tratamento dos dados

As transcrições dos dados foram feitas utilizando-se o software Praat (Boersma & Weenink, 2007), que é uma ferramenta utilizada para a análise de voz, conforme já mencionado. Foi feita a segmentação do áudio, de modo que a transcrição (orto)gráfica corresponde exatamente ao trecho de fala que pode ser ouvido em determinado ponto selecionado, como podemos observar na Figura 2, a seguir, que é uma janela de transcrição.

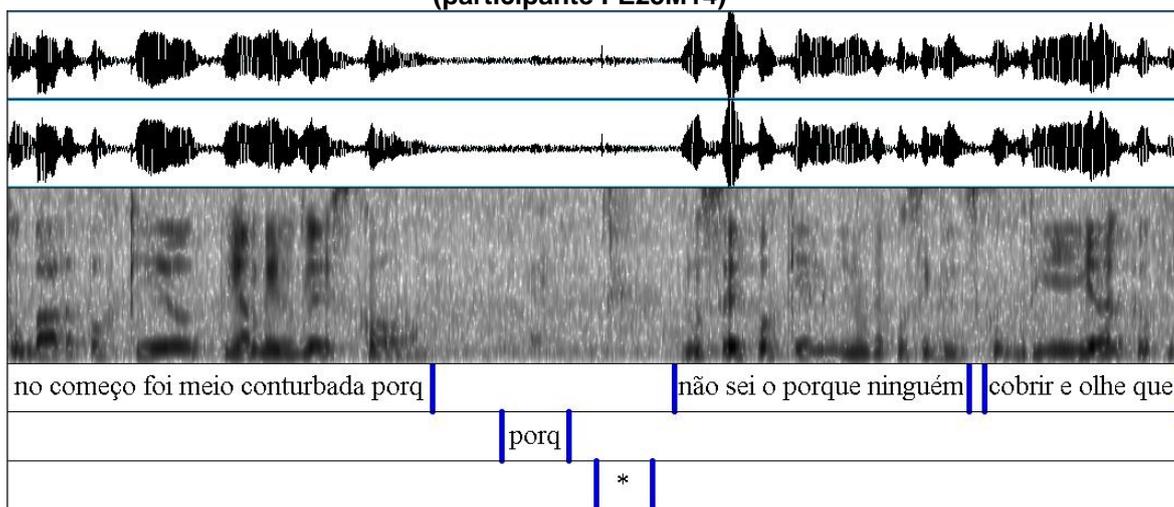
Figura 3 - Oscilograma e Espectrograma do trecho “eu brincava fazia tudo brincava andava de bicicleta” (participante AR18M06)



Fonte: Elaboração própria, 2019.

Os intervalos no Praat foram criados em função das pausas (silêncio maior ou igual a 200ms). A janela de transcrição apresenta três camadas: na primeira camada, transcrevemos a fala do participante; na segunda camada, encontra-se a transcrição da fala do entrevistador; na terceira camada, está transcrito o que chamamos de ‘outros’, falas de terceiros presentes e outros sons detectados nos registros. Vejamos na figura a seguir.

Figura 4 - Oscilograma e Espectrograma das três camadas na janela de transcrição (participante FE25M14)



Fonte: Elaboração própria, 2019.

As ocorrências do fenômeno a ser analisado nesta pesquisa foram identificadas e organizadas em um banco de dados específico que contém, ainda, as variáveis de interesse do estudo. Quando julgamos necessário, algumas ocorrências foram analisadas acusticamente no *software Praat*.

Os dados foram codificados conforme o modelo apresentado e descrito na Tabela 2.

Tabela 2 - Codificação dos dados

Código do informante: **SI18M08**

SI - para Santana do Ipanema

18 – idade

M – sexo/gênero masculino

08 –nível de escolaridade

(ensino fundamental)

Fonte: Elaboração própria, 2019.

3.2.6 A variável dependente e suas variantes

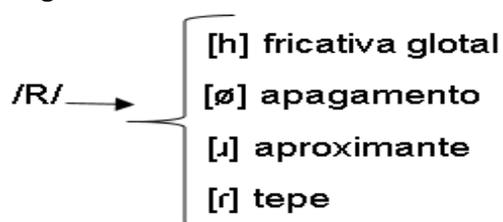
A variável linguística deste estudo é o arquifonema /R/ do Português Brasileiro quando em posição de coda silábica medial, como em /kɔR.da] ‘corda’, de acordo com Silva (1999), que afirma ser ele comumente nomeado “R posvocálico”. Esse

arquifonema apresenta diferentes realizações fonéticas, dependendo da variedade do falante e do contexto linguístico em que ele ocorre. Em todo o território brasileiro, têm sido encontradas e registradas múltiplas realizações do "R pós-vocálico", como já notamos anteriormente, sendo [r r x h ʁ] as mais comumente citadas em trabalhos sobre róticos, conforme Seção 1.

Em nosso trabalho, tomando como base investigações que já efetuamos em Alagoas sobre variação de "r" em coda silábica (SANTOS, 2010), bem como outros trabalhos que consideraram dados da região, como, por exemplo, Callou, Serra e Cunha (2015), definimos como sendo o conjunto de variantes que compõem a variável /R/ – "R pós-vocálico" em coda medial – as seguintes realizações: fricativa glotal [h], apagamento [∅], aproximante [ɹ], tepe [r].

Consideramos, assim, que o arquifonema /R/, nossa variável dependente do ponto de vista da estrutura fonológica da língua portuguesa, apresenta o seguinte envelope de variação na variedade falada em Alagoas, nas cidades que compõem o universo da pesquisa:

Figura 5 - Variantes encontradas em Alagoas



Fonte: Elaboração própria, 2019.

Variantes em alternância representam “maneiras diferentes de dizer a mesma coisa”. (LABOV, 1972, p. 271). Essa alternância, porém, pode ser vista como parcialmente aleatória, pois em determinado momento o falante pode usar uma ou outra alternativa, sem necessariamente querer indicar qualquer diferença de significado com a escolha, conforme afirmam Guy e Zilles (2007).

A pesquisa aqui desenhada, bem como a análise executada sobre os dados obtidos, tomou por base essa variável dependente. Entretanto, no programa utilizado para a análise estatística, não rodamos todas as variantes ao mesmo tempo. Em vez

disso, efetuamos duas rodadas, uma envolvendo a variante fricativa glotal versus apagamento e outra procurando observar a variação entre a fricativa glotal e a aproximante. A variante tepe, vale lembrar, por apresentar frequência de ocorrência pouco significativa, não foi analisada estatisticamente.

As variantes que apresentam características de róticos estudadas nesta tese possuem especificidades fonéticas que precisam ser esclarecidas de modo a se poder ter uma ideia mais clara dos fenômenos focalizados. Com isso em mente, abrimos uma seção específica, logo em seguida a esta seção de fundamentação teórico-metodológica, antes de apresentarmos os resultados da análise variacionista quantitativa, para aí expormos a discussão e descrição dos sons que encontramos nos nossos dados. Tomamos essa decisão por considerarmos que a inserção da descrição, que resultou bastante alongada, causaria uma quebra indesejada na exposição dos procedimentos metodológicos. Além disso, a descrição proposta apresenta dados do nosso corpus, o que significa que fizemos uma análise fonética desses dados. A seção, então, extrapola os limites de uma discussão de pressupostos e/ou de uma descrição de procedimentos metodológicos.

3.2.7 Variáveis independentes

Variável independente é um conceito da Teoria da Variação que, segundo Labov (1988), denomina um grupo de fatores estruturais e sociais suscetíveis de resultar em diferentes valores. Qualquer processo analisado sob essa perspectiva pode ser explicado por um conjunto de variáveis que agem conjuntamente, cada uma delas constituída por um grupo de fatores. Através de tais grupos de fatores, são identificados os contextos que favorecem ou desfavorecem a variação selecionada para estudo. As variáveis independentes, isto é, os grupos de fatores que podem influenciar a variação, são de dois tipos: linguísticas e sociais.

Para esta pesquisa, foram controladas cinco variáveis linguísticas – contexto seguinte, contexto antecedente, acentuação da sílaba, tamanho da palavra e item lexical – e cinco sociais – sexo/gênero, faixa etária, escolaridade, cidade e indivíduo.

Os grupos de fatores constituintes de cada uma das variáveis estão relacionados às hipóteses formuladas para a pesquisa, algumas delas já testadas em outros estudos, outras definidas a partir das nossas próprias observações

assistemáticas ou mesmo em trabalhos prévios. Com base na Fonologia Autossegmental (1976), em Callou (1987), Callou, Moraes e Leite (1996), Silva (1999), Monaretto (2000), Bisol (2005), Santos (2010) e Oliveira, Santana e Serra (2014) selecionamos as variáveis linguísticas independentes para esta tese.

A seguir, definimos as variáveis independentes linguísticas, buscando as correlações existentes entre elas e a variável dependente.

3.2.8 Variáveis independentes linguísticas

Como vimos anteriormente, as variáveis independentes linguísticas são grupos de fatores que dizem respeito aos contextos da estrutura linguística que condicionam a ocorrência de uma ou outra variante.

Foram selecionadas, de acordo com os parâmetros estabelecidos teórica, metodológica e empiricamente, quatro variáveis linguísticas independentes e estabelecidos os grupos de fatores correspondentes.

O conjunto de variáveis linguísticas, com seus grupos de fatores correspondentes, ficou constituído da seguinte forma:

Variável	Grupo de Fatores
Contexto seguinte	[coronal] e [±contínuo]
Contexto antecedente	[±posterior]
Acentuação da sílaba	sílaba preacentuada, acentuada, não acentuada
Tamanho da palavra	duas sílabas, três sílabas, quatro ou mais sílabas

A seguir, apresentamos e discutimos cada uma dessas variáveis, bem como os fatores que as compõem.

3.2.9 Contexto seguinte

As teorias fonológicas, em seus diversos modelos, atestam que a pronúncia de um segmento pode ser influenciada pelo ambiente em que este segmento ocorre, na sílaba ou na palavra, a princípio. Assim, um determinado segmento realiza-se de formas variadas quando na adjacência de segmentos diversos.

A teoria dos traços distintivos (CHOMSKY e HALLE, 1968), por ser tratar de um modelo linear, propunha que um traço não poderia ir além ou aquém do segmento, não sendo possível, dentro de uma mesma palavra, haver comunicação de matrizes, ou seja, a palavra era uma sequência de matrizes incomunicáveis entre si. Um processo de assimilação de traços era compreendido como uma mudança de traços, ou seja, um segmento portando um determinado traço mudaria esse traço por outro ou por um valor diferente desse outro traço.

A Fonologia Autossegmental (GOLDSMITH, 1976) lançou o postulado que os traços têm status de segmentos autônomos, ou seja, são, autossegmentos. O princípio central da Fonologia Autossegmental é, portanto, que os segmentos (ou fonemas) podem ser divididos em unidades menores que podem ser manipuladas de forma independente por operações fonológicas, como supressão ou espraiamento. A ideia defendida é a de que regras fonológicas não operam apenas com segmentos e matrizes de traços, mas também, com autossegmentos, considerando que a segmentação independe das partes dos sons das línguas.

Conforme já definimos, as nossas variantes são [h], [ø], [r] e [ɹ]. Para o estabelecimento do grupo de fatores que compõem a variável independente linguística contexto seguinte, consideramos as premissas da teoria fonológica, tratadas acima, mais especificamente, as premissas da Fonologia Autossegmental, além dos achados já disponíveis na literatura sobre o tema e, ainda, nossas observações, tanto sistemáticas (SANTOS, 2010) quanto assistematicamente, dado o longo convívio com falantes de Alagoas.

O grupo de fatores ficou assim definido, em termos de traços distintivos: [coronal] e [\pm contínuo]. O objetivo aqui era verificar a hipótese levantada de que consoantes seguintes com traço [coronal] favoreceriam a realização da aproximante, enquanto consoantes seguintes com o traço [+contínuo] favoreceriam o apagamento.

3.2.10 Contexto antecedente

Baseamo-nos nas mesmas premissas fonológicas apresentadas acima, quando tratamos do contexto seguinte, para elegermos o grupo de fatores da variável dependente linguística contexto antecedente. Ainda, conforme observamos quando identificando as variantes a serem analisadas nesta pesquisa, segundo Ladefoged e

Maddieson (1996), existe uma afinidade entre róticos e vogais: é provável que os róticos tenham variantes silábicas ou que se apresentem coarticulados a vogais contíguas.

Nossa hipótese quanto a esta variável baseou-se também nos achados de trabalhos anteriores, como Callou, Moraes e Leite (2013), que mencionam o contexto antecedente ao tratar sobre a sílaba enquanto domínio da posteriorização de R²² e afirmam que essa posteriorização é mais frequente quando o segmento que precede o rótico é uma vogal posterior. Monaretto (2000) afirma que o contexto precedente é uma das variáveis que condicionam o apagamento. Em relação à realização do rótico como aproximante – uma das nossas variantes – apenas Santos (2010) apresenta resultados, já que nenhum outro trabalho pôde ser encontrado que apresentasse tal realização.

O grupo de fatores definido para esta variável em termos de traços distintivos é o [±posterior]. O objetivo aqui era verificar a hipótese levantada de que vogais de traço [+posterior] favoreceriam a realização da aproximante, ao passo que, vogais de traço [-posterior] favoreceriam o apagamento.

3.2.11 Acentuação da sílaba

Em relação à variável acentuação da sílaba, levantamos a hipótese de que a ocorrência de /R/ em uma sílaba não acentuada, por questões articulatórias, facilitaria a sua supressão, ao mesmo tempo em que a sua ocorrência em uma sílaba acentuada favoreceria a ocorrência como aproximante. Assim, observamos o comportamento da variável dependente, de acordo com a acentuação da sílaba em que ela ocorre. É válido notar que não encontramos, em nossa busca por trabalhos sobre o tema no âmbito da sociolinguística variacionista, qualquer trabalho que tenha levado em consideração a acentuação da sílaba como uma variável independente a ser analisada.

²² Apresentado desta forma no trabalho de Callou, Moraes e Leite (2013).

3.2.12 Tamanho da palavra

Para Monaretto (2000), o tamanho da palavra é uma das variáveis linguísticas que condicionam o apagamento. Segundo Soares (2008), as estruturas de maior extensão são fortes candidatas à assimilação. Para a variável tamanho da palavra, a hipótese é que o /R/ seria menos saliente em vocábulos maiores e teria, por isso, maior probabilidade de cancelamento.

Com base nessas observações, selecionamos tamanho da palavra como uma variável dependente a ser analisada no nosso trabalho.

3.2.13 Item lexical

O controle da variável item lexical permite mensurar os efeitos das variáveis linguísticas, controlando discrepâncias geradas no nível dos itens lexicais. Em nosso banco de dados, por exemplo, a palavra “parte” é uma das mais recorrentes. Isso quer dizer que se não houver o controle da variável mencionada pode haver interferência nos resultados, em relação à recorrência da palavra. Segundo a teoria da difusão lexical, a variação é lexicalmente gradual e há distinção de aplicação do processo entre itens lexicais que têm as mesmas características linguísticas. Havendo o controle, podemos garantir que nada disso ocorra, ou seja, podemos prevenir que nem a alta frequência de uma variante em um indivíduo nem a alta frequência de um item lexical no *corpus* venha interferir nos resultados.

3.2.14 Variáveis independentes sociais

A Teoria da Variação, já foi dito, observa padrões de comportamento linguístico identificados em uma dada comunidade de fala. Fatores importantes para essa observação e análise são os que dizem respeito às características sociais do falante, tais como sua idade, seu sexo, seu nível de escolaridade, a classe social a que pertence. Cada variável independente social é constituída por um grupo de fatores desse tipo, que são chamados de fatores sociais ou extralinguísticos. A seguir, expomos os grupos de fatores selecionados como prováveis condicionadores dos

padrões de comportamento linguístico observados na investigação em pauta: sexo/gênero, faixa etária, escolaridade, cidade, e indivíduo²³.

3.2.15 Sexo/gênero

Segundo Labov (1999), no que diz respeito a variáveis sociolinguísticas estáveis, os homens usam com maior frequência as formas não padrão, ao passo que, quando se trata de mudança originada de cima, as mulheres tendem a favorecer a forma de prestígio. Na tentativa de confirmar os princípios apresentados, Labov (2008[1972]) destaca em especial a pesquisa de Gauchat (1905), considerada a precursora dos estudos sociolinguísticos da mudança. Gauchat analisou a diversidade fonética entre três gerações de falantes do francês suíço na aldeia de Charmey e concluiu que ali se verificava uma mudança em progresso, com destaque para o papel das mulheres na promoção da mudança.

Diferentes estudos (CALLOU, 1987; SERRA E CALLOU, 2013) atestam que homens e mulheres falam de forma diferente e demonstram uma forte influência do fator sexo na escolha das formas utilizadas por eles, o que favorece a disseminação da ideia de que a mulher tende a ser mais conservadora e/ou propagadora da mudança. Nesse sentido, as diferenças linguísticas devidas ao fator sexo surgem porque a língua, como um fenômeno social, está intimamente relacionada a atitudes sociais.

Em pleno século XXI, apresentar a mulher como conservadora e/ou propagadora da mudança é fechar os olhos para um cenário cheio dos papéis da mulher na sociedade, hoje modificado, paulatinamente, mas bem diferente do que acontecia no início da década de 1980. Os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística de (2014) mostram que, nos últimos 40 anos, a proporção de mulheres em idade ativa ocupadas mais que dobrou, como jornalistas, professoras, médicas, advogadas, psicólogas, fonoaudiólogas, entre outras ocupações. Hoje não temos mais aquela mulher que cuidava apenas da casa e dos filhos; a mulher continua presente em tais atividades domésticas, mas não apenas. Com a diminuição da taxa

²³ A presença das variáveis independentes sociais *item lexical* e *indivíduo* neste trabalho se dá devido ao papel que estas têm na análise dos dados. Objetiva-se buscar evidências mais robustas acerca da relação entre condicionamentos fonéticos e o papel do item lexical e do indivíduo na variação e ou propagação da mudança linguística.

de fecundidade, o sexo feminino passa a ocupar mais espaço no mercado de trabalho, uma vez que quanto menos filhos, maior a possibilidade de sair e ocupar uma função fora do lar. A esse respeito, Freitag (2015, p. 22) considera que:

Parece ser contraditório ter “hipóteses clássicas” em uma ciência que se propõe ser interdisciplinar com foco e relações dinâmicas, como a sociedade e a língua, principalmente num campo que tem mostrado tendências de abordagem distintas como é o caso do campo em exame, perpassando por rótulos diferenciados, como sexo, feminismo e gênero.

Diante da discussão implementada por Freitag (2015), é imprescindível que vejamos a variável sexo não de forma isolada, mas imbricada aos aspectos relacionados ao papel social que a mulher exerce, sejam eles tradicionais ou mais contemporâneos. O que queremos afirmar aqui é que a sociedade evolui, a língua também; logo, as relações que são estabelecidas entre os indivíduos tendem a adaptações ou a mudanças.

Ainda que considerando as possíveis mudanças na sociedade, no que diz respeito ao papel da mulher, para fins de comprovação ao que Santos (2010) aponta em sua dissertação – que os usos linguísticos empregados pelas mulheres estão relacionados à variante padrão, haja vista os papéis sociais tradicionais desempenhados pelas mulheres – consideramos, nesta pesquisa, analisar a variável sexo/gênero, de acordo com a hipótese clássica, na expectativa que os resultados mostrassem uma correlação significativa entre ela e a variável analisada.

Existem muitas pesquisas sobre processos variáveis do português que apontam para o que poderíamos denominar uma maior consciência feminina do status social das formas linguísticas. Em Santos (2010), verificamos que as mulheres se sobressaem aos homens em relação ao uso da variante fricativa glotal, pois aos homens coube um maior percentual de realização da variante aproximante. Callou, Moraes e Leite (2013), ao se referirem ao processo de posteriorização do tepe, concluem que, no Rio de Janeiro, são sempre as mulheres que apresentam uma frequência mais alta, embora com o mesmo padrão de distribuição dos homens.

Embora pareça ser uma variável controversa, com bastante polêmicas tendo sido travadas a seu respeito, mantivemos sexo/gênero como uma das variáveis independentes no nosso estudo.

A seguir, tratamos da variável faixa etária, apresentando algumas das discussões já levantadas a respeito.

3.2.16 Faixa Etária

Recentemente a validade da variável faixa etária também tem estado sob discussão. Segundo Freitag (2005), trata-se de uma variável extremamente complexa, pois a ela estão relacionados outros aspectos sociais, tais como rede de relações, mercado de trabalho e escolarização. Ainda segundo essa autora, os resultados obtidos na correlação entre as faixas etárias devem ser analisados com maior cuidado, pois nem todo indício de mudança em curso apresentado pela distribuição dos resultados em função da faixa etária é reflexo somente da gradação etária dos falantes que constituem a amostra do estudo. Por isso, o método utilizado para a obtenção dos resultados deve ser bem pensado e bem executado.

Para esta pesquisa, optamos pela estratégia do tempo aparente. A análise em tempo aparente considera a distribuição das ocorrências do fenômeno em estudo em função das faixas etárias, a partir de uma amostra sincrônica, com a finalidade de caracterizar uma situação como sendo de estabilidade, de mudança incipiente, de mudança em progresso ou de mudança completada.

Os resultados de uma mudança linguística em tempo aparente podem indicar uma mudança de comportamento linguístico que se repete a cada geração, o que chamamos de gradação etária, ou os resultados podem apontar para uma mudança em progresso, onde as pessoas mais jovens farão uso de maior frequência de formas inovadoras, em relação aos indivíduos mais velhos.

A variável foi dividida em três faixas etárias: 18-30 anos; 40-55 anos; e acima de 65, em conformidade com os critérios estabelecidos pelo Projeto PORTAL. A variável faixa etária torna-se de grande importância em estudos sociolinguísticos, sobretudo nesta pesquisa, pois partimos de uma análise em tempo aparente, buscando detectar indícios de mudança em tempo real. Labov (2008[1972]) afirma que as diferenças entre faixas etárias podem ser fictícias quando se leva em conta a distinção entre os grupos não apenas pela passagem do tempo, visto que “um grupo pode ter uma educação mais completa e melhores perspectivas (...) E assim, o que

parece devido à faixa etária termina sendo condicionado por outros fatores". (MONTEIRO, 2000, p. 51)

Freitag (2005) diz que o controle da faixa etária é, sim, válido, desde que sejam levados em conta os outros fatores sociais que compõem o feixe rotulado faixa etária. A autora reforça que é preciso, então, definir quantas e quais as faixas etárias que podem ser controladas e que podem fornecer pistas significativas para a compreensão real do fenômeno de variação e de mudança linguística.

Em seu estudo na ilha de Martha's Vineyard, Labov (2008[1972]) utilizou o seguinte recorte na idade para a seleção dos seus informantes: 14-30a, 31-45a, 46-60a, 61-75a. O autor conclui que são os jovens que mais se aproximam do vernáculo da ilha, especialmente os jovens do sexo masculino. Chambers (2003) propõe três faixas etárias: crianças, adolescentes e adultos. Eckert (1997), por sua vez, propõe que as faixas etárias representem o curso da vida linguística: infância, adolescência, vida adulta e velhice. Em nosso trabalho propomos três faixas, como já anunciamos. Segundo a hipótese clássica, a língua de um indivíduo se constitui até cerca de seus quinze anos de idade. Sendo assim, analisá-la a partir dos dezoito anos, idade incluída em nossa primeira faixa etária, está dentro do pressuposto apontado.

Segundo Freitag (2005), essa saída metodológica pressupõe que a idade cronológica dos indivíduos represente uma "passagem no tempo". Milroy e Gordon (2003, p. 35) apresentam argumentos que ratificam essa ideia quando dizem que

As diferenças através das gerações de falantes são interpretadas como evidência de mudança linguística de acordo com a hipótese de tempo aparente. Este princípio sustenta que pessoas de idades diferentes podem ser tomadas como representantes de momentos diferentes. Assim, a fala de alguém de 75 anos de idade hoje representa a fala de um período mais anterior do que a fala de alguém de 50 ou de 25 anos. Comparando esses três falantes sincronicamente, o pesquisador pode realizar inferências diacrônicas sobre os acontecimentos linguísticos nos últimos 50 ou mais anos. (MILROY; GORDON, 2003, p. 35).²⁴

Cabe ao pesquisador, sempre que generalizar resultados em relação a esta variável, levar em consideração os aspectos sociais, biológicos que permeiam o

²⁴ No original: Differences across generations of speakers are interpreted as evidence of language change in accordance with the apparent time hypothesis. This principle maintains that people of different ages can be taken as representative of different times. Thus, the speech of a 75-year-old of today represents the speech of an earlier period than does the speech of a 50-year-old or a 25-year-old. Comparing these three speakers synchronically allows the researcher to draw diachronic inferences about developments over the last 50 or so years.

comportamento linguístico dos falantes, cabendo-lhe ainda a responsabilidade de identificar, acuradamente, os processos de variação e mudança linguística, pois nem todo indício de variação acarreta numa mudança no sistema linguístico, embora, como é sabido desde os primeiros trabalhos sociolinguísticos na perspectiva aqui utilizada, toda mudança em um sistema pressuponha variação em algum momento.

A significância positiva para a variável faixa etária já foi atestada em diversos trabalhos. Santos (2010), por exemplo, mostrou que a variante aproximante é realizada muito mais pelos mais velhos, ficando os mais jovens, na faixa etária entre 18 e 30 anos, com a produção da fricativa glotal. Segundo Labov (1966), os mais jovens, na maioria das vezes, são mais predispostos a inovações, utilizam mais as formas novas, principalmente quando estão sendo observados, ao passo que os idosos, que já não são obrigados a se comportar de acordo com a norma padrão, não sofrem mais as pressões sociais da idade adulta e do mercado de trabalho.

De acordo com a nossa hipótese, esperávamos que a variável faixa etária acima de 65 anos favorecesse o processo de realização da aproximante, enquanto que a faixa etária entre 18 e 30 anos o desfavorecesse. Quando Santos (2010) pesquisou a comunidade de Porto da Rua, Litoral Norte de Alagoas, observou que a variante era uma forma usada na comunidade, mas que tendia a desaparecer porque já não estava sendo realizada pelos jovens, mas apenas pelos idosos.

Com a análise do tempo aparente, procuramos verificar se a variação de /R/ apresenta-se como estável ou se se configura como mudança em progresso.

Apresentamos a seguir a variável escolaridade, também discutindo a sua complexidade.

3.2.17 Escolaridade

O interesse pela variável escolaridade, que tem sido amplamente discutida nas pesquisas em sociolinguística, ressalta sua relevância no estudo de diferentes fenômenos linguísticos, com vários estudos – Scherre (1996); Silva et al. (1991), por exemplo) – apontando seu valor social, motivo por que ela foi considerada também em nosso estudo, com o objetivo de avaliar sua influência nos usos das variantes.

Santos (2010) mostrou a relevância da escolaridade com relação ao uso da variante aproximante: os falantes menos escolarizados foram os que mais produziram

essa variante, enquanto que os falantes mais escolarizados usavam a variante fricativa glotal. A hipótese para este trabalho foi, então, que também no universo mais amplo de pesquisa agora delineado, quanto mais baixo for o nível de escolarização do informante, maior é a probabilidade de produção da aproximante.

Em consonância com a nossa posição em favor da variável escolaridade como uma que deve ser controlada, Votre (2012, p. 51) afirma que "[...] a escola gera mudanças na fala e na escrita das pessoas que as frequentam e das comunidades discursivas. Constata-se, por outro lado, que ela atua como preservadora de formas de prestígio, face a tendências de mudança em curso nessas comunidades".

É comum observarmos a relação direta entre escolarização e uso de formas de prestígio. Entretanto, é preciso ter em mente que se faz necessário elencar a existência de outros aspectos que devem ser levados em consideração quando trabalhamos com a variável escolaridade, aspectos tais como a classe social, o tempo de permanência na escola, a oportunidade de estudar, a profissão de cada um, o hábito de leitura. Esses aspectos, sem dúvida, influenciam no comportamento social dos indivíduos, afetando os relacionamentos no ambiente escolar e na vida em sociedade. A variável escolaridade, assim, constitui-se como uma variável bastante complexa.

3.2.18 Cidade

A variável cidade foi escolhida para esta pesquisa ao decidimos ampliar a pesquisa que havíamos realizado para a nossa dissertação de mestrado (SANTOS, 2010), quando investigamos a variação de /R/ apenas em uma comunidade: o povoado de Porto da Rua, município de São Miguel dos Milagres, litoral Norte de Alagoas. Dessa forma, estendemos a amostra para mais cidades, visto que estaríamos fazendo parte do Projeto PORTAL, que pretendia coletar dados em diversas cidades do Estado de Alagoas, conforme já explicitado em diferentes pontos desta tese.

Como vimos, a variável aproximante revelou-se presente na comunidade de Porto da Rua, povoado localizado no município de São Miguel dos Milagres. O nosso interesse pela variação de /R/ levou-nos a buscar compreender se as variantes detectadas na pesquisa anterior estariam também ocorrendo na fala de outras cidades

alagoanas, localizadas em diferentes regiões (meso- e micro-). Nossa atenção estando voltada, em um primeiro momento, para a variante aproximante, mas conscientes, também, que encontraríamos um envelope mais largo de variação, hipotetizamos que, na amostra ampliada, seria possível verificar correlações entre as cidades e os usos das variantes.

A esse tipo de variação que busca investigar o comportamento de padrões linguísticos a partir da análise de localidades geograficamente separadas chama-se variação diatópica. No nosso caso, observamos a distância geográfica entre as localidades onde os dados seriam coletados, vistas essas localidades como unidades espaciais distintas, para estabelecermos, a princípio, cidade como uma das variáveis passíveis de influenciar a variação, possibilitando-nos identificar marcas linguísticas que caracterizariam a fala de uma cidade em relação a outra ou outras.

Callou, Moraes e Leite (2013) afirmam em que os processos que se referem ao /R/, sobretudo quando observados na posição de coda interna à palavra, estão condicionados regionalmente e que existe uma fronteira dialetal entre Porto Alegre e São Paulo e entre Rio de Janeiro, Salvador e Recife. Porto Alegre e São Paulo optam pelas realizações tepes, ao passo que Rio de Janeiro, Salvador e Recife escolhem as fricativas. Em nossa pesquisa, embora as cidades estudadas pertençam ao Estado de Alagoas, região Nordeste, pretendemos verificar se, entre essas cidades, ocorreria variação de dialetal de /R/, pois podemos dizer que elas se diferenciam entre si em termos de aspectos sociais, históricos, econômicos e, possivelmente, étnicos.

O estado de Alagoas, como vimos, encontra-se dividido em três mesorregiões (Agreste Alagoano, Leste Alagoano e Sertão Alagoano), que, por sua vez, estão divididas em treze microrregiões. O objetivo do projeto PORTAL é coletar dados de, pelo menos, uma cidade em cada uma dessas microrregiões. Atualmente, o projeto apresenta dados de dez cidades alagoanas, uma em cada microrregião, das quais seis foram objeto da investigação aqui apresentada, conforme já informamos.

3.2.19 Indivíduo

Recentemente têm-se observado a importância da observação de duas variáveis de nível mais agregados, o indivíduo e o item lexical – do item lexical, falamos na subseção sobre variáveis linguísticas – em trabalhos de sociolinguística

variacionista, com a finalidade de se mensurar de modo mais seguro o quanto a variação de uma variável dependente pode ser explicada. Em nossa pesquisa, buscamos controlar essas variáveis para melhor entender o quanto a variação de /R/ pode ser explicada pela variabilidade entre indivíduos e pela variabilidade entre os itens lexicais.

Observar o controle individual da aproximante e do apagamento permite-nos medir os efeitos das variáveis sociais, controlando diferenças geradas no nível dos indivíduos. Deixando de fazer tal controle, podemos cometer erros estatísticos, no sentido de que a fala individual não representa uma comunidade, conforme aponta Labov (2001), ao dizer que o objeto da linguística é a língua falada em uma comunidade de fala e não a fala individual do indivíduo, comumente nomeado idioleto.

3.3 Análise estatística dos dados

Para a análise estatística dos dados, utilizamos o software R²⁵. Os dados foram submetidos à análise estatística, de acordo com as propostas apresentadas em Oliveira (2009, 2011b, 2012), relacionadas à utilização de modelos de regressão logística binomial, modelos de regressão logística multinível, e de interação entre variáveis independentes e métodos de seleção de variáveis.

A estimativa dos efeitos associados às variáveis independentes foi feita utilizando-se modelos de regressão logística multinível, um modelo multivariado que controla efeitos de variáveis mais agregadas. Criamos duas subamostras com a intenção de observar quantitativamente a ocorrência das variantes estudadas e compará-las. Assim como criamos duas subamostras, fizemos também duas análises separadas: uma entre as variantes fricativa glotal e apagamento; e outra entre as variantes fricativa glotal e aproximante.

Os dados analisados neste estudo possuem estrutura hierárquica, já que as observações podem ser agrupadas segundo os participantes (indivíduos) que as produziram e os itens lexicais. De acordo com Johnson (2008), os modelos de regressão multinível são mais adequados para dados que possuem estrutura hierárquica porque incorporam naturalmente essa estrutura na regressão.

²⁵ www.r-project.org

Oliveira (2012) afirma que, ao desconsiderarmos a variabilidade entre os indivíduos e itens lexicais, o modelo convencional superestima o efeito das variáveis sociais e linguísticas, apresentando resultados que não explicam adequadamente a interferência de indivíduos e itens lexicais sobre o processo em estudo. A estimativa do quanto da variabilidade observada pode ser explicada pelos níveis mais agregados (indivíduo e item lexical) é obtida por uma medida denominada coeficiente de correlação intraclasse (CCI).

Para este trabalho, também foram utilizados dois testes estatísticos: o teste da razão da máxima verossimilhança (TRMV) e o teste de Wald (TW). O TRMV analisa a significância estatística entre variáveis independentes, permitindo identificar variáveis independentes estatisticamente significativas e hierarquizar tais variáveis; o TW analisa a significância estatística entre fatores no interior das variáveis independentes, permitindo identificar fatores que apresentam efeitos estatisticamente diferentes da média dos efeitos dos fatores em uma variável independente.

Toda a análise estatística foi feita com o auxílio do software R, utilizando os pacotes 'gmodels' (para gerar Tabelas de contingência), 'lme4' (para regressão logística multinível, TRMV e TW) e 'visreg' (para gerar os gráficos).

4 AS VARIANTES DO /R/ EM ALAGOAS

Esta seção tem por objetivo descrever de modo mais alentado as variantes róticas enfocadas na investigação aqui apresentada. Estamos, portanto, buscando deixar mais evidente o fato que, além das realizações mais comuns já discutidas em muitos trabalhos de cunho fonético, fonológico e sociolinguístico, apresentamos neste trabalho o que consideramos uma realização aproximante, diferente, ousamos afirmar, das realizações fonéticas de variantes róticas já apontadas para o Português do Brasil.

Por outro lado, dada a difundida impossibilidade de se delimitar de forma precisa as características articulatórias e acústicas dessa classe de sons, buscamos caracterizar o mais precisamente possível os segmentos observados na variedade sob estudo.

4.1 Visão geral da descrição de segmentos róticos

Como observado anteriormente (subseção 1.2 'a complexidade dos róticos'), não existe uma propriedade física única que constitua a essência de todos os róticos, de acordo com os autores ali citados, os quais também fazem notar que não é nem o modo de articulação nem o ponto de articulação o que define a classe e que a similaridade entre eles deve ser mais acústica que articulatória.

Na sequência, buscamos apresentar algumas das características dos róticos, tanto do ponto de vista articulatório quanto do ponto de vista acústico, com base na literatura existente sobre o tema a que tivemos acesso.

Do ponto de vista acústico-articulatório, as consoantes líquidas possuem ao mesmo tempo características vocálicas e consonantais porque, para serem produzidas, a ponta da língua toca os alvéolos, provocando obstrução total do trato vocal. Ao mesmo tempo, formam-se canais laterais, nos quais a onda sonora ressoa. Além de ressoar por esses canais, a onda ressoa no trato vocal, onde há uma constrição, provocada pelo dorso da língua, como ocorre durante a produção de vogais. (SILVA, 1996).

Maddieson (1996), na tentativa de caracterizar os róticos sobre seu ponto e modo de articulação, se depara com o problema da não especificidade da articulação,

o que o leva a afirmar, que, quanto ao modo de articulação, os róticos mais recorrentes seriam as vibrantes, seguidas pelos tepes. De acordo com esse autor, os locais mais comuns de articulação estão na área dental-alveolar, embora os pós-alveolares (retroflexos) não sejam incomuns, e, em alguns idiomas, mesmo uma articulação uvular possa ser encontrada. Pelo que vemos, não há um padrão que inclua todos os róticos, mas pode haver características semelhantes entre segmentos, entre variantes róticas.

Lindau (1985) tenta encontrar um correlato acústico comum aos róticos, partindo da hipótese de que, havendo regularidade fonológica entre eles, deve existir também uma regularidade fonética que justifique seu agrupamento numa mesma classe fonológica. Ela afirma que

Dada a variação articulatória, é difícil imaginar um único correlato articulatório para um traço rótico. Ao invés disso, a invariância deve ser situada no domínio acústico. Baseados em dados principalmente do inglês, Ladefoged (1975) e Lindau (1978) sugerem um terceiro formante baixo como fator acústico comum. (LINDAU, 1985, p. 158).

Essa autora ainda faz uma distinção entre tepes apicais e tepes uvulares. A produção dos tepes apicais ('r') consiste em dois ou três "pulsos", sendo que a taxa de vibração para o tepe surdo é um pouco mais lenta. O ponto de constrição desses segmentos, porém, varia de língua para língua, o que pode explicar a sua ampla gama de variação. Já os tepes uvulares ([R]) tendem a ser mais longos e se constituem de quatro a seis "pulsos", com a úvula vibrando mais rapidamente do que a ponta da língua. Do ponto de vista acústico, devido à constrição na região velar/uvular, o pico do terceiro formante desse som é mais alto. Essas variantes uvulares, como em francês ([R]) e sueco ([ʀ]), apresentam F3 alto. O [R] uvular francês contém fricção.

Ao testar a hipótese do F3 baixo em dados de quatro línguas indo-europeias (inglês, sueco, francês e espanhol) e sete línguas faladas na África Ocidental (hausa, degema, edo, ghotuo, kalabari, bumo, izon), reunindo num inventário alofones que refletissem todos os pontos e modos de articulação, Lindau (1985) afirma que houve, nesse inventário, um maior número de aproximantes e tepes, tendo como ponto de articulação preferido o dental-alveolar. Essa descrição visual realizada sugeriu à autora que o F3 baixo não é comum a todos os róticos das línguas de seu inventário, mas somente aos róticos do inglês americano. Não conseguindo comprovar sua hipótese, ela continua observando os segmentos róticos e acrescenta que pode haver

uma “relação de parentesco” entre as variantes, concluindo que não há qualquer propriedade física que constitua a essência de todos os róticos. Ao invés disso, a relação entre os membros da classe dos róticos está mais para um parentesco de família.

Os tepes ([r]), por sua vez, conforme Lindau (1985), são produzidos de maneiras diferentes não só em línguas diferentes, mas também dentro de uma mesma língua. O ponto de articulação preciso varia, o que faz com que os loci dos formantes difiram tanto entre línguas quanto entre informantes. No geral, eles se caracterizam por um fechamento muito rápido, percebido no espectrograma como um espaço praticamente vazio, por causa da baixa energia dos formantes.

Róticos fricativos, tanto surdos quanto sonoros contêm ruído, às vezes com picos centrais, onde é difícil precisar um formante. Sobre essa dificuldade em relação à identificação formântica, Kent e Head (2015) fazem menção à fricativa glotal [h], que, tipicamente, não está associada a transições formânticas. Segundo eles, a fricativa [h] não apenas é produzida na glote e faringe, mas pode ser quase completamente coarticulada com o formato do trato vocal da vogal seguinte, como na palavra do Inglês “he” [hi], “ele”, em que a configuração do trato vocal para a vogal [i] é assumida durante a produção da fricativa. Por isso, transições formânticas estão virtualmente ausentes, embora o segmento de ruído [h] frequentemente possua uma estrutura semelhante ao de formantes (como notado por Stevens (1960)). Jongman et al (2000) encontraram pouca evidência de que as transições formânticas carregam informação importante relacionada ao ponto de articulação da fricativa.

Ainda sobre fricativas, Barbosa (2015) afirma que esses sons não têm formante próprio. O que há é uma versão ruidosa da vogal que antecede a fricativa. Para ilustrar melhor, o autor destaca a questão do vozeamento do segmento analisado, considerando que o vozeamento de uma fricativa depende do contexto em que ela se realiza. Como exemplos, podemos comparar uma fricativa seguida de consoante surda, na palavra [ˈkahte] ‘carta’, com uma fricativa seguida de uma consoante sonora, na palavra [ˈkahle] ‘Carla’. Para Barbosa, os formantes durante a fricativa são uma fase de transição do movimento formativo que vai do segmento analisado ao segmento que a sucede; é isso o que caracterizaria uma fricativa glotal.

Para Kent e Head (2015), o traço articulatorio essencial de uma fricativa é uma constrição estreita mantida em algum ponto do trato vocal. Quando o ar passa através

da constrição, em uma taxa de fluxo adequada, o resultado é uma condição de turbulência. A turbulência significa que o movimento de partículas no fluxo se torna altamente complexo, formando pequenos vórtices na região logo além do segmento constricto. A condição aerodinâmica de turbulência é associada com a geração de ruído de turbulência no sinal acústico. São, assim, três as características que definem as propriedades articulatórias, aerodinâmicas e acústicas essenciais das fricativas: formação de uma constrição estreita em algum ponto do trato vocal, desenvolvimento de fluxo aéreo turbulento e geração de ruído de turbulência.

Sobre a aproximante, Barbosa (2015) diz que sua produção se dá pela configuração dos articuladores da fala, configuração definida pela aproximação do corpo da língua da região do trato que lhe é superior, eventualmente superposta a uma articulação secundária como o arredondamento labial, no caso de vogais arredondadas, que em Português são [o ɔ u].

Lindau (1985) descreve a aproximante alveolar ([ɹ]), especialmente no inglês americano, como tendo formantes como uma vogal, indicando que o trato vocal não tem constrição menor do que a de vogais. Para elas, nesse som, F2 e F3 apresentam valores baixos, devido ao arredondamento dos lábios.

4.2 Descrição das variantes desta pesquisa

Na seção 2, (subseção 2.2.6), apresentamos a variável da nossa pesquisa, /R/ em coda silábica medial, bem como o conjunto de variantes que a compõem na variedade linguística pesquisada: fricativa glotal [h], apagamento [∅], aproximante [ɹ]²⁶, tepe [r]. A variante tepe [r] foi excluída da análise sociolinguística, devido a sua baixa ocorrência nos dados.

Como já informamos na subseção sobre tratamento dos dados, selecionadas as ocorrências da variável no corpus, essas ocorrências foram submetidas a análise no Praat, buscando-se compreender objetivamente as suas características acústicas.

Os dois processos relacionados à variação de /R/ em coda silábica que foram analisados do ponto de vista sociolinguístico nesta pesquisa envolvem as variantes

²⁶ De acordo com nossas análises, a realização do rótico no Brasil que mais se aproxima da variante aproximante aqui descrita é o "r" caipira. (BRANDÃO, 2007) *SIGNUM: Estud. Ling.*, Londrina, n.10/2, p. 265-283, dez.

aproximante e apagamento. Essas duas variantes são comparadas, na análise, à fricativa glotal, dado ter sido essa variante atestada como sendo a de maior ocorrência nos dados.

De acordo com Lindau (1985), já citada anteriormente, os róticos fricativos surdos e sonoros, contêm ruído, às vezes com picos centrais, onde é difícil precisar um formante. As fricativas são caracterizadas pela formação de uma constrição estreita em algum ponto do trato vocal, pelo desenvolvimento de fluxo aéreo turbulento e pela geração de ruído de turbulência. Segundo Kent e Head (2015), essas três características definem as propriedades articulatórias, aerodinâmicas e acústicas essenciais das fricativas.

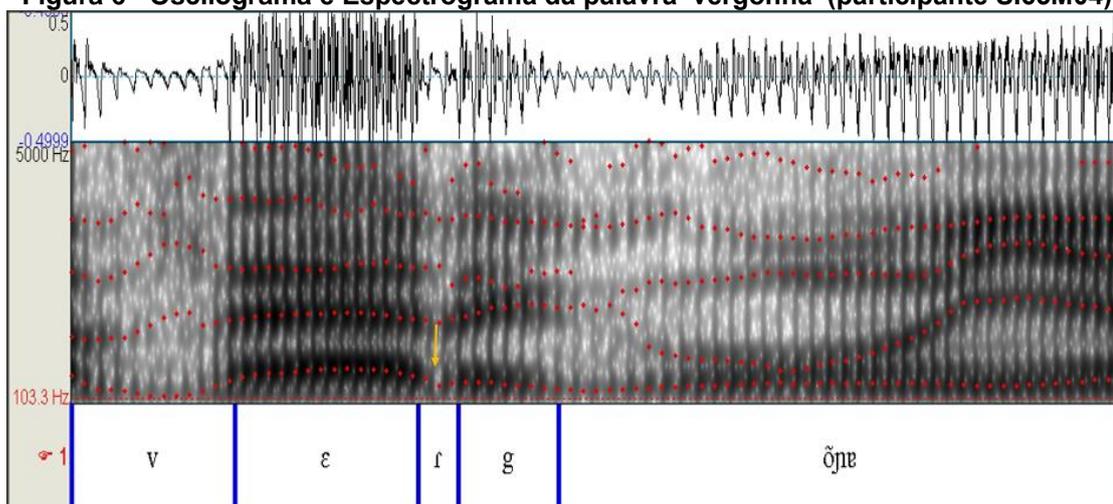
É difícil descrever precisamente uma variante rótica, sobretudo a aproximante, que se apresenta coarticulada à vogal que a antecede. Como consequência dessa interação, foi estabelecida uma estratégia metodológica para auferir os valores das frequências dos formantes com o intuito de contemplar pontos importantes na trajetória vogal+rótico, comumente VR. Dividimos a trajetória em três posições – posição inicial (PI), medial (PM) e final (PF) – de onde pudemos extrair os valores das frequências dos formantes, objetivando saber se haveria diferença na configuração formântica entre os segmentos. Teríamos um movimento conjunto de F2 e F3 diante de vogais arredondadas similar ao que Leite (2010) observou em seus estudos? Destacamos “similar” por percebermos que o movimento não é exatamente igual.

Analisando acusticamente as repetições de /R/, percebemos a predominância da variante [h] glotal e a comparamos com a variante [ɹ] aproximante e com a variante apagamento [∅] quanto ao comportamento dos formantes para saber se a diferença existia e vimos que há diferenças acústicas entre elas.

Mostramos, a seguir, quatro espectrogramas, cada um deles apresentando uma das quatro variantes destacadas neste estudo: o tepe [r]; a fricativa glotal [h]; a aproximante [ɹ]; e o apagamento [∅].

Iniciamos mostrando oscilograma e espectrograma da variante tepe, pois, embora tenha apresentado pouca ocorrência nos dados, motivo pelo qual não foi incluída na análise estatística, consideramos necessária uma descrição acústica de sua realização fonética.

Figura 6 - Oscilograma e Espectrograma da palavra 'vergonha' (participante SI65M04)

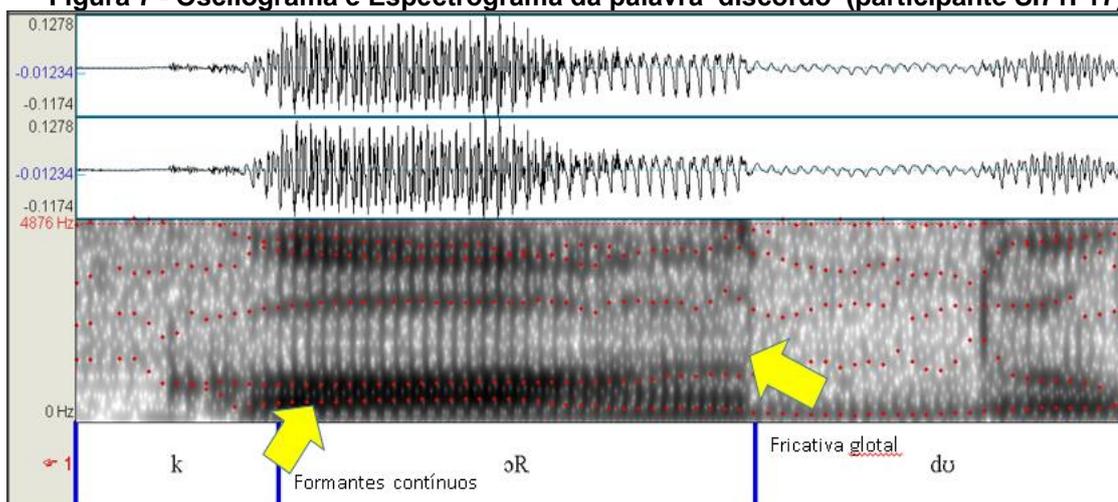


Fonte: Elaboração própria, 2019.

Na Figura 6, vemos uma única batida (indicada pela seta) para a variante analisada e uma queda brusca de energia de curta duração. Segundo Silva (1996), há casos em que não é possível identificar o final do fechamento: é como se o informante necessitasse somente do movimento do dorso da língua (considerando-se também a existência de um movimento da ponta) para produzir o tepe.

A Figura 7, a seguir, traz oscilograma e espectrograma da variante [h] conforme emitida por um dos participantes da pesquisa na palavra [dis'kõhdʊ] 'descordo'.

Figura 7 - Oscilograma e Espectrograma da palavra 'descordo' (participante SI71F17)



Fonte: Elaboração própria, 2019.

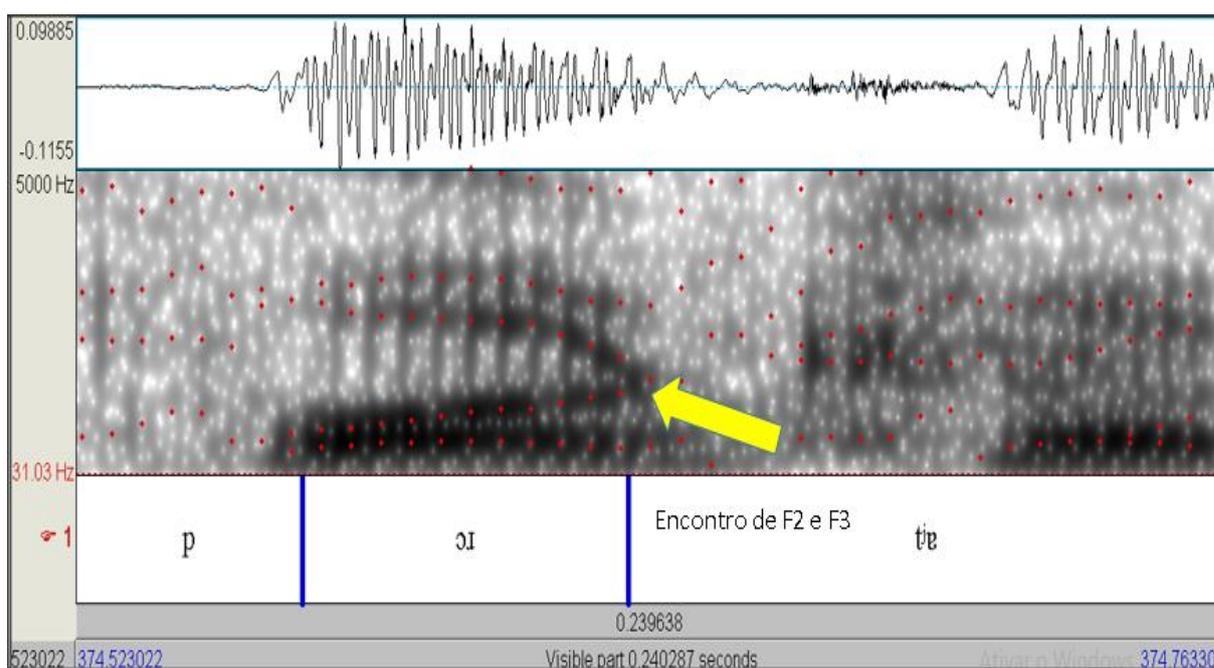
A fricativa glotal [h] analisada na figura acima foi realizada diante da vogal média baixa posterior [ɔ]. Podemos observar um contínuo na trajetória formântica

entre a vogal e a fricativa, sem nenhuma modificação de formantes, durante a transição entre os dois segmentos. Há uma duração relativamente longa de ruídos, típico das fricativas, embora a energia despendida seja menor pelo fato de não se tratar de um som estridente.

A variante aproximante encontrada em nossos dados apresenta uma configuração semelhante ao que foi descrito pelos autores citados acima. Caracteriza-se por apresentar F3 abaixado, bem próximo de F2, quando a vogal que a antecede é arredondada, em palavras como ‘morto’ e ‘corda’. Quando a vogal que a antecede não é arredondada, a configuração formântica não é a mesma.

Na Figura 8, a seguir, podemos observar o comportamento dos formantes na realização da aproximante em um exemplo dos nossos dados, a palavra [ˈpɔrtɐ] ‘porta’.

Figura 8 - Oscilograma e Espectrograma da palavra ‘porta’ (participante SM55M01)



Fonte: Elaboração própria, 2019.

A descida de F3 e a elevação de F2 na realização da [ɹ] aproximante na palavra ‘porta’, diante da vogal média posterior [ɔ], são visíveis no espectrograma. Seria interessante analisar palavras com a vogal [i], de modo a verificar se o mesmo padrão seria encontrado para a aproximante, mas em nossos dados somente foram encontradas ocorrências diante das vogais [ɛ], [ɔ], [a].

Comparando a configuração dos formantes de F3 entre [h] e [ɹ], a aproximante apresenta um F3 abaixado, perto de F2, ao contrário da fricativa, que não está associada com transições formânticas, confirmando, assim, a afirmação de Kent e Head (2015) a esse respeito.

Kent e Read (2015) também mencionam o abaixamento da frequência de F3 como característica do rótico, dando como exemplo o 'r' do inglês. Para eles, este 'r' é, às vezes, descrito como tendo uma articulação "com a língua em concha" ou "retroflexa", mas, na verdade, a articulação para esse som pode ser bastante complexa.

Os formantes da aproximante ([ɹ]) se assemelham aos de uma vogal, indicando que o trato vocal não tem constrição menor do que a de vogais. Durante a realização da aproximante, F2 e F3 apresentam valores baixos, devido ao arredondamento dos lábios. Esse arredondamento dos lábios está relacionado à presença da vogal posterior no contexto precedente.

Ladefoged e Maddieson (1996) apontam uma afinidade entre róticos e vogais. Segundo esses autores, é bastante provável que róticos tenham variantes silábicas ou que se apresentem coarticulados de várias maneiras a vogais contíguas. Em seu estudo sobre o rótico, Leite (2012) afirma, baseado em outros estudos, como o de Silva (1996), que tanto no português quanto no inglês há alongamento da vogal diante do rótico, além da notória capacidade de os dois segmentos apresentarem-se coarticulados.

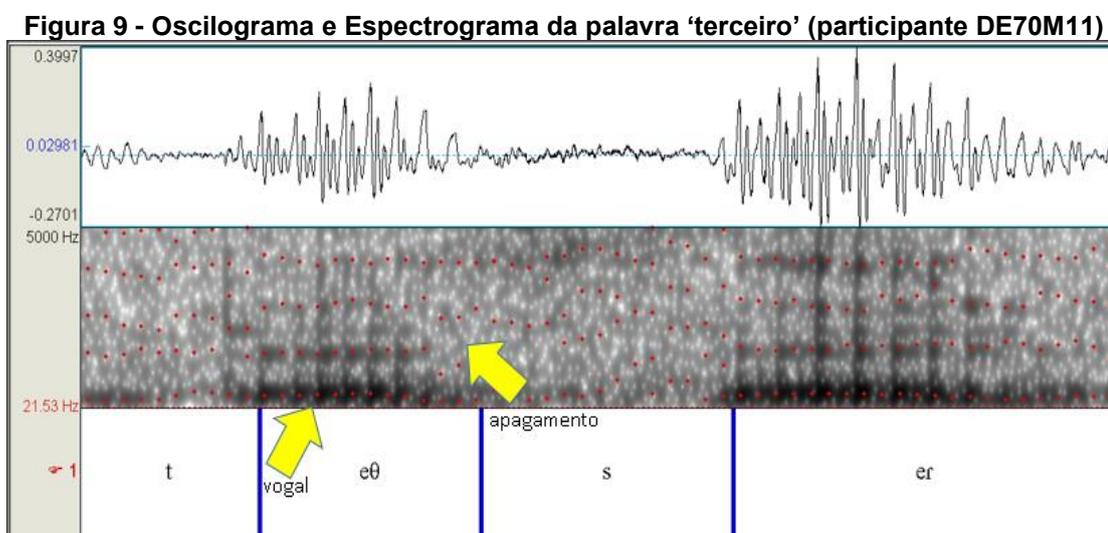
Sabemos que é difícil precisar com exatidão uma variante rótica. A descrição de uma aproximante, que mostra coarticulação com a vogal que a antecede, parece apresentar um grau de dificuldade ainda mais elevado. Assim como Kent e Head (2015), Recasens (1991) também trata dos efeitos coarticulatórios que parecem estar relacionados à natureza da vogal que segue ou precede uma líquida. Processos fonológicos, como a assimilação de ponto e modo de articulação da consoante seguinte, sobretudo as alveolares, ao referirmo-nos à passagem de fricativa para a variante aproximante, são um tipo demonstrável desses efeitos.

Um efeito coarticulatório detectado nos nossos dados diz respeito ao processo de palatalização sofrido pela consoante seguinte à realização da variante aproximante, quando essa consoante pertence a uma classe de segmentos que pode ser definida pelos traços [-cont, cor]. As duas consoantes que formam essa classe, as

oclusivas /t/ e /d/, são realizadas como [tʰ] e [dʲ], respectivamente. Esse processo aponta para a natureza vocálica do segmento rótico em foco, ou seja, permite-nos classificar esse segmento como pertencendo a um tipo que alia propriedades consonânticas a propriedades vocálicas; portanto, uma aproximante rótica. A propriedade vocálica, o não fechamento total da constrição no palato que produz o segmento, concorre para a palatalização da consoante seguinte.

Na subseção precedente, vimos que Lindau (1985) afirmou, depois da análise de um repertório extenso de línguas, que o F3 baixo não é comum a todos os róticos das línguas de seu inventário, mas somente aos róticos do inglês americano. Esse argumento, considerando que a variante por nós analisada apresenta características semelhantes, parece justificar a nossa decisão de classificar o som detectado nos dados desta pesquisa, ainda, como aproximante alveolar.

Vejamos a seguir a variante apagamento [∅], observando as pistas acústicas que confirmam a sua ocorrência nos dados e que mostram as diferenças entre ela e as demais realizações do rótico.



Fonte: Elaboração própria, 2019.

Observamos a variante apagamento [∅] na palavra 'terceiro', diante da vogal média alta /e/, seguida de uma consoante fricativa /s/. Vemos que a trajetória formântica da vogal /e/ é preservada, não sofre qualquer alteração no trato vocal. Após a realização vocálica, há um momento de silêncio, caracterizando a não realização de

/R/. No nosso corpus, o fenômeno parece restrito a alguns itens lexicais e a alguns ambientes fonéticos: [te'serũ] 'terceiro'; [ene'zia] 'energia'; [sɛ'vẽti] 'servente'.

Essa mesma observação já havia sido feita por Callou e Oliveira (2014) quando analisaram a distribuição do processo de apagamento do rótico nas quatro últimas décadas, confrontando dados de três capitais, conforme vimos acima.

Sabemos que assimilação total do segmento seguinte pelo rótico causa apagamentos: a fricativa glotal – uma variante do /R/ que substitui quase que inteiramente, na variedade que estudamos, a vibrante múltipla proposta como o fonema em outras variedades do Português Brasileiro – é comumente apagada diante de fricativas alveolares, labiodentais e palatais. Esse fato é confirmado nos nossos dados.

5 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

5.1 Introdução

Conforme mencionado nesta tese, a consoante /R/, apresenta múltiplas variações alofônicas tanto no português brasileiro, como também em muitas outras línguas. Tais alofonias constituem uma classe de sons com diferentes modos de articulação, os róticos, principalmente em posição de coda medial, a posição que apresenta uma gama bem ampla de variantes, quando comparada à mesma posição em final de palavra.

Em nossos dados, encontramos quatro variantes do /R/ em coda interna: a fricativa glotal [h] (como em ['pɔhtɐ], para 'porta'); o apagamento [∅] (como em [si'visu], para 'serviço'); a aproximante retroflexa [ɻ] (como em ['kɔɻdɐ], para 'corda') e o tepe [r] (como em ['barku], para 'barco').

Para classificar tais variantes, utilizamos o espectrograma de banda larga, conforme já descrevemos e ilustramos na seção 4. Cada segmento foi segmentado e delimitado, a fim de observar-se a produção de cada um deles. A seguir, damos exemplos de ocorrências de cada uma das variantes detectadas.

a) Fricativa glotal – [h]

(1)

“só tinha a [pɔhtɐ] da frente, a de trás não tinha” (porta) - MC48M04

(2)

“o [abohtu] é uma coisa muito errada” (aborto) - UP11F05

b) Aproximante – [ɻ]

(3)

“era como se fosse a casa de primeiro andar, mas a minha casa na [veɻdadɪ] era na ladeira” (verdade) - AR60F15

(4)

“eu digo e o que me [impoɻtɐ] lá?” (importa) - SM80M01

c) Apagamento – [∅]

(5)

“a praça é a do seu [minɛvinu] e hoje onde é a casa da Jaci” (Minervino) - UP21M13

(6)

“eu cantei o primeiro [vɛsu] que eu cantei aquele o primeiro eu senti diferente uma coisa diferente, né?” (verso) - SM84F11

d) Tepe – [r]

(7)

“que qualidade não é, não vale nada não, o que vale é a [vɛrgonhɐ] e o caráter de cada um” (vergonha) - SI65M04

(8)

“vou aos bailes, não [perku] um baile aqui” (perco) - SI68FM16

Nesta seção, apresentamos e discutimos os resultados para os grupos de fatores sociais e linguísticos testados, com o objetivo de verificar a relação desses fatores com a variação do /R/ em falares alagoanos.

5.2 Análise geral dos dados

A partir da análise do corpus de fala espontânea constituído por entrevistas de 144 participantes residentes nas cidades de Arapiraca, Delmiro Gouveia, Maceió, Santana do Ipanema, São Miguel dos Milagres e União dos Palmares, identificamos 3.963 (três mil, novecentos e sessenta e três) ocorrências de /R/ na coda silábica interna. A Tabela 3, a seguir, mostra a distribuição das variantes de /R/.

Tabela 3 - Distribuição das variantes [h], [Ø], [j] e [r] na coda interna

Variantes	Total	%
[h] fricativa glotal	3089	77,90%
[Ø] apagamento	555	14,00%
[j] aproximante	293	7,40%
[r] tepe	26	0,70%
Total	3.963	100%

Fonte: Elaboração própria, 2019.

Como podemos observar, a fricativa glotal [h] é a variante mais frequente, com variante apagamento [Ø] sendo a segunda mais frequente, seguida da variante aproximante [j], identificada apenas nos estudos de Santos (2010), de acordo com a revisão de literatura; por fim, temos a ocorrência mais baixa, a variante tepe, umas das mais estudadas no português brasileiro, porém pouquíssimo frequente em Alagoas.

Ao elaborarmos nossas hipóteses, acreditávamos que a fricativa glotal seria a variante mais frequente em Alagoas. Santos (2010) já apontava para esse resultado. Em seus dados, a autora verificou que a frequência de ocorrência da fricativa glotal era mais alta, tanto na sua correlação com a variável linguística contexto seguinte, única variável linguística independente observada, como também na correlação com as variáveis sociais. Para a variável sexo, a autora afirma que a fricativa está correlacionada positivamente aos dois sexos, com um peso relativo de .37 para o homem e .63 para a mulher. Em relação à aproximante, foram os homens que se correlacionaram positivamente com a variante, com uma frequência de 26% de ocorrência e um peso relativo de .63 em contraposição às mulheres, que se correlacionaram com uma frequência de 10% e um peso relativo de .37. Em relação à variável escolaridade, ela observou que os informantes não escolarizados tendem a realizar a variante aproximante muito mais que os escolarizados; quanto à fricativa glotal, são os escolarizados que a realizam mais e com um número bem significativo, atingindo uma frequência de 93%. A autora finaliza sua análise social, observando a variável faixa etária e conclui que são os informantes com mais de 50 anos de idade que realizam a aproximante, com uma frequência de 58% e um peso relativo de .88.

Os mais jovens se destacam com uma frequência de 97% e um peso relativo igual a .78 em relação à fricativa glotal.

Nesta tese, em que um número maior de variáveis independentes foi analisado, também obtivemos resultados que corroboram o que Santos (2010) apontou em relação às variantes fricativa glotal e aproximante. Callou, Moraes e Leite (2013) e Hora, Pedrosa e Cardoso (2015) também apontam em seus estudos um destaque para a realização da fricativa glotal na região Nordeste, como veremos mais adiante, na Tabela 4. Sobre a variante apagamento, o resultado também pode ser corroborado pelos resultados dos trabalhos de Callou, Moraes e Leite (2013) e Hora, Pedrosa e Cardoso (2015), quando mencionam o crescimento desta variante em território brasileiro, sobretudo no Nordeste, em coda medial e em coda final. Quanto ao tepe, variante bastante estudada no português brasileiro, apresenta frequência de realização bastante baixa em Alagoas: apenas 26 casos.

A seguir, apresentamos uma tabela comparativa dos percentuais desta pesquisa com o dos estudos apresentados na revisão de literatura.

Tabela 4 - Distribuição comparativa das variantes nos estudos analisados

Variantes	Callou (2009) RJ – 90	Callou (2009) RJ- 70	Carvalho (2009)- Piauí	Brasil	Monaretto (2002) – VARSUL ²⁷ – Sul do Brasil	Santos (2010)-Porto da Rua -AL	Callou, Serra e Cunha (2015) João Pessoa e Maceió	Santana e Serra (2013) RJ e Petrópolis	Hora, Pedrosa e Cardoso (2010)- PB Oliveira,	Callou, Moraes e Leite (2013) - Porto Alegre, SP, RJ, Salvador e Recife	Este estudo
[h]	46 %	30 %	48,1%	-	77%	-	-	87%	RJ, Salvador e Recife – acima de 90%	77,9%	
									São Paulo 3%		
									Porto Alegre 4%		
Ø	7%	%	2,2%	2	5%	22%	23%	8% 6%	3%	Salvador 62%	14%
										Porto Alegre 38%	
[ɹ]	-			-	-	3%	-	-	-	-	7,4%
[r]		1%	19,1%	60%	-	-	-	1%	-	-	0,7%

Fonte: Elaboração própria, 2019.

Examinando-se os dados apresentados na Tabela 4, podemos constatar que há variação diatópica no português brasileiro em relação ao uso do /R/ em posição de coda. A frequência de realização da glotal é mais alta na região Nordeste. Nossos dados – juntamente com os de Callou (2013); Hora, Pedrosa e Cardoso (2010); e Carvalho (2009) – apontam que nesta região há uma tendência para a maior realização da glotal. Santos (2010) também comprova essa tendência em Porto da Rua, município de São Miguel dos Milagres, litoral alagoano.

Sobre a variante [Ø], os dados indicam que, desde a década de 70, como apontado por Callou (2013), essa variante vem sendo encontrada em praticamente todas as regiões do país. A autora afirma que a distribuição da regra de cancelamento do 'r' está relacionada à região de origem do falante. Ela chega a essa conclusão por ter observado em sua pesquisa as cidades de Salvador e Porto Alegre e verificado que nas duas cidades o processo se encontra em etapas opostas: enquanto em

²⁷ VARSUL - projeto Variação Linguística Urbana no sul do Brasil.

Salvador ocorre mais o apagamento, em Porto Alegre o 'r' em coda silábica tende a ser preservado, manifestando-se como uma das variantes possíveis. Embora os resultados de Callou refiram-se à posição de coda final, os apresentamos para comparar seu crescimento categórico com o crescimento inicial de apagamento em coda medial.

Em Carvalho (2009), sobre o falar do Piauí, os resultados apontaram tendência ao apagamento do rótico. De acordo com o autor, mesmo diante da manutenção do 'r' sua realização é caracterizada por uma variante que indica o seu enfraquecimento, a fricativa glotal. O autor afirma que o segmento [h] é uma variante que apareceu em posição de coda medial e final, com predominância da medial.

Sobre a aproximante, apenas Santos (2010) apresenta dados sobre esta variante, tendo encontrado 23% de realização em Porto da Rua, povoado de São Miguel dos Milagres, Alagoas, resultados que nos levaram a expandir os dados para o Estado alagoano.

Observando a variante tepe, vemos que esta é bem mais estudada e muito presente no Sul do Brasil, com 60% de ocorrência, como aponta Monaretto (2002). Uma frequência também significativa desta variante foi mostrada no estudo de Carvalho (2009), com 19% no Piauí.

A Tabela 5, a seguir, foi elaborada no início da análise com o objetivo de observarmos a distribuição das variantes em relação ao contexto seguinte.

Tabela 5 - Distribuição das variantes de /R/ em relação ao contexto seguinte

Contexto seguinte		Total	% [h]	% Ø	% [ɹ]	% [r]
oclusivas	[p]	16	87,5	12,5	0	0
	[b]	40	67,5	22,5	0	10,0
	[k]	242	89,7	6,6	1,7	2,1
	[g]	96	88,5	3,1	6,2	2,1
	[t]	1249	83,8	0	16,2	0
	[d]	450	80,9	0,7	18,4	0
fricativas	[f]	19	89,5	9,1	0	0
	[v]	96	26,0	69,8	0	4,2
	[s]	429	23,8	74,8	0	1,4
	[z]	28	10,7	89,3	0	0
	[ʃ]	4	0,0	100,0	0	0
	[ʒ]	129	22,5	74,4	0	3,1
so	[l]	8	100,0	0	0	0
	[m]	815	99,0	0,0	0	0,1
	[n]	342	100,0	0	0	0

TOTAL	3963	77,9	14	7,4	0,7
-------	------	------	----	-----	-----

Fonte: Dados da autora, 2019

Observando a variante [ø], vemos que ela tem ocorrência mais alta quando o contexto seguinte é uma fricativa. Vejamos os exemplos abaixo:

(9)

“Ele vende leite em casa vende [pɛ'fumi] e coisa da tupperware” (perfume)

AR42M07

(10)

“Eu estou até na [hɛ'zɛvɛ] da polícia de dois mil e seis” (reserva) AR40M15

(11)

“Com a graça de deus a gente vai encontrando ['fosɛ]” (força) – DE74F11

(12)

“Ele começou a fumar com doze anos ou [ka'tozi]” (quatorze) – SI66M03

(13)

“Era o pelotão na frente a gente [ma'jãdu] atrás era um pouco da ditadura” (marchando) – AR47M14

(14)

“E terminei o primário em Arapiraca né? No Adriano ['ʒɔʒi] na escola (Jorge) – AR79F15

Hora, Pedrosa e Cardoso (2010) afirmam que o apagamento é condicionado pelo contexto fonológico seguinte – quando preenchido por uma fricativa, como nos exemplos apresentados acima. Entretanto, nos dados encontramos muitos casos de apagamento também diante das oclusivas [p] e [b]. Vejamos os exemplos a seguir:

(15)

“Mas eu não corria muito terminava apanhando ou os meninos me pegava na [su'preze]” (surpresa) – UP45M15

(16)

“Muito você se [suprɛ'ẽdi] não é? Você que vive lá em Maceió” (surpreende) – DE47F15

(17)

“Crime ['babaru] aí absurdo” (bárbaro) – SI55M03

(18)

“Soldando uns bagulhos para lá negócio de [kabura'do] de carro essas coisas” (carburador) – SM19M07

Callou, Serra e Cunha (2015) também concluem que, na capital Maceió, são as fricativas as que mais frequentemente propiciam o cancelamento do 'r': ([s], 76%, e [v], 46%). Callou et al (2013), ao analisar o fenômeno no Sul e Sudeste do país, afirmam que o apagamento está relacionado às mudanças na articulação da consoante, de tepe para fricativa e de anterior para posterior. Os sucessivos estágios de mudança na realização do rótico, tanto do modo quanto do ponto de articulação – tepe anterior para fricativa posterior, aspiração e apagamento – estariam relacionados ao processo de enfraquecimento e conseqüente apagamento da consoante.

Conforme mostrado na Tabela 5, também concluímos que o contexto seguinte propicia o apagamento de /R/ em coda medial, principalmente se este contexto for de fricativas, como [v], 69,8% [s], 74,8% [z] 89,3% [ʃ], 100% [ʒ], 74,4%. Nossos dados aproximam nossa pesquisa das mencionadas no parágrafo anterior, no sentido de que o processo de apagamento está avançando na região Nordeste, conseqüentemente, nos falares alagoanos.

Ainda sobre a Tabela 5, o apagamento do /R/ não ocorre diante de consoantes soantes (/l/, /m/, /n/). Não houve nenhum apagamento nos 1.165 dados de /R/ seguidos de consoantes soantes. Concluímos, a partir da Tabela 5, que tais consoantes bloqueiam o apagamento; por isso, os dados em que o ambiente seguinte ao /R/ é constituído por uma dessas consoantes serão excluídos da análise que envolve a variante apagamento.

Também podemos observar, na Tabela 5, que a aproximante ocorre somente diante das oclusivas /t, d, k, g/. Não houve nenhuma realização como aproximante em 1.926 ocorrências de /R/ nos demais ambientes: 705 casos em que a consoante seguinte é uma fricativa; 1.165 casos em que a consoante seguinte é uma soante; e nos 56 casos em que essa consoante seguinte é uma oclusiva labial. Assim, a análise da variação entre a realização do ‘r’ e a aproximante será restrita aos contextos nos quais ela ocorre, quais sejam, quando seguidas das oclusivas /t, d, k, g/.

A Tabela 5 nos mostra que a aproximante, além de ocorrer apenas antes de consoantes oclusivas, e é favorecida quando seguida de oclusivas alveolares /t/ (16,2%) e /d/ (18,4%). O percentual diante das oclusivas velares é significativamente menor: 1,7% para /k/ e 6,2% para /g/.

Vejam alguns exemplos:

(19)

“E ali era o porto das [baɪ'kasə]” (barcaça) [SM97F01]

(20)

“Aí depois eu desistir de [ˈkaɹgɛ] de horário” (carga) [AR76M08]

(21)

“ Não aí no [sɛɪ'tãw] de Pernambuco” [AR76M08]

(22)

“Eu passeava muito tinha muitos amigos não [pɛɪ'dʒɛ] nada” [MC70F15]

A pequena quantidade de dados da variante [r], 26 casos, o que corresponde a 0,66% do total de dados, dificulta a utilização de métodos estatísticos de regressão e testes de hipóteses. Tendo isso em vista, nossa opção foi analisar as ocorrências de tepe e buscar generalizações a partir delas. A Tabela 6 apresenta as palavras que contêm essa variante.

Tabela 6 - Produção de tepe

Palavras	Ocorrências	Participantes	Cidade	Faixa etária
'barbosa'	4	AR89M11	Arapiraca	Idoso

'perco'	1	SI68M16	Santana do Ipanema	Idoso
'mercado'	1	AR76M08	Arapiraca	Idoso
'porco'	1	MC77F00	Maceió	Idoso
'supermercado'	1	SI65M04	Santana do Ipanema	Idoso
'circo'	1	MC70F15	Maceió	Idoso
'perguntar'	1	MC65M07	Maceió	Idoso
'vergonha'	1	SI65M04	Santana do Ipanema	Idoso
'preservou'	1	SM18F09	S. Miguel dos Milagres	Idoso
'servia'	1	SI65M04	Santana do Ipanema	Idoso
'sirvo'	1	SI65M04	Santana do Ipanema	Idoso
'árvore'	1	SI74F01	Santana do Ipanema	Idoso
'comércio'	2	SI89F11	Santana do Ipanema	Idoso
'conversando'	2	SI65M04	Santana do Ipanema	Idoso
'terceiro'	1	SI89F11	Santana do Ipanema	Idoso
'diversas'	1	SI89F11	Santana do Ipanema	Idoso
energia'	3	SI65M04	Santana do Ipanema	Idoso
'energia'	1	MC70F15	Maceió	Idoso
'turma'	1	SI46F04	Santana do Ipanema	Idoso

Fonte: Elaboração própria, 2019.

Analisando as ocorrências de tepe, percebemos que o processo ocorre apenas na fala de idosos. Quanto à cidade onde se realiza a vibrante, em Santana do Ipanema foram identificadas mais ocorrências (16 casos). Em Arapiraca ocorreram 5 casos; em Maceió, 4 e em São Miguel dos Milagres, 1 caso. Não parece haver uma generalização do ponto de vista diatópico no uso da variante em Alagoas. Maceió e São Miguel dos Milagres localizam-se no leste alagoano, Arapiraca, no centro, e, Santana do Ipanema, no Oeste. Em relação a outras variáveis sociais, há participantes de diferentes níveis de escolaridade e de ambos os sexos/gêneros. O contexto seguinte é variado, tanto em termos de modo de articulação, quanto em termos de ponto de articulação, vozeamento e nasalidade do segmento seguinte (há fricativas, oclusivas e nasais; bilabiais, alveolares, alveopalatais e velares). O processo ocorre

em sílabas acentuadas (sirvo, comércio, circo, porco, etc.) e em sílabas não acentuadas (energia, servia, vergonha, marcado, etc.).

O fato de o tepe ser bastante raro em Maceió e estar presente somente na fala dos idosos, nos leva à conclusão de que tal variante está em extinção nos falares alagoanos. Em relação às variáveis sociais sexo/gênero e escolaridade, não parece haver favorecimento de uma ou outra categoria no interior de tais variáveis. O mesmo pode ser dito em relação a variáveis linguísticas como o contexto seguinte e a acentuação da sílaba.

Diante da pequena quantidade de ocorrências da variante tepe, nos limitamos, nesta pesquisa, às análises feitas acima.

Na análise estatística dos dados, a seguir, a seleção das variáveis estatisticamente significativas e a hierarquização de tais variáveis foi feita utilizando-se o teste da razão da máxima verossimilhança. Utilizamos o teste de Wald para testarmos se haveria diferença estatisticamente significativa entre o efeito dos fatores e a média dos efeitos dos fatores.

Foram, desse modo, efetuadas duas análises distintas/separadas: em 5.3, a seguir, apresentamos a análise da variação entre a fricativa glotal [h] e o apagamento [∅]; na sequência, em 5.4, trazemos a análise da variação entre a fricativa glotal [h] e a aproximante [j] e de um fenômeno relacionado a essa última realização: a palatalização da oclusiva coronal seguinte, desdobrando-se, assim, em duas subseções – 5.4.1 e 5.4.2, respectivamente.

5.3 Análise da variação fricativa glotal [h] versus apagamento [∅]

Como vimos na seção anterior, o apagamento é bloqueado diante de consoantes soantes, motivo pelo qual os dados que apresentaram esse ambiente foram excluídos da análise a seguir.

As variáveis independentes sociais analisadas foram sexo/gênero, escolaridade, cidade e idade, enquanto que as variáveis independentes linguísticas foram Acentuação da sílaba, contexto anterior [posterior], tamanho, contexto seguinte [coronal], contexto seguinte [contínuo]. As variáveis agregadas controladas foram o item lexical e o indivíduo.

Utilizando o teste da razão da máxima verossimilhança, identificamos as variáveis estatisticamente significativas para a variação entre a realização do /R/ e o seu apagamento. Vejamos.

Tabela 7- Variáveis independentes incluídas no modelo final (estatisticamente significativas) no processo de apagamento

	Total	%apagamento	Peso Relativo	Significância
Cont. seg. [contínuo]				2,2e-16
[-contínuo]	1.784	1,8	0,03	
[+contínuo]	694	74,1	0,97	
Cidade*escolaridade ²⁸	2.478			4,4e-08
Cont. seg. [coronal]				0,001374
[não coronal]	486	20,4	0,61	
[coronal]	1.992	22,4	0,39	
Sexo/gênero				0,0258
Feminino	1.252	18,1	0,41	
Masculino	1.226	26,1	0,59	

Fonte: Elaboração própria, 2019.

Analisamos a variável contexto seguinte [\pm contínuo] com a hipótese de que o traço [+contínuo] poderia favorecer o apagamento, considerando que o segmento que sofre o apagamento, a fricativa glotal [h] possui também esse traço e que, conforme pode-se pressupor a partir do Princípio do Contorno Obrigatório (PCO) (GOLDSMITH, 1976), sequências adjacentes de unidades idênticas são proibidas nas representações fonológicas. Portanto, se tivermos a variante “fricativa glotal”, que é especificada com o traço [+contínuo], seguida das consoantes fricativas [j, v, s, z], especificadas também com o mesmo traço, a fricativa glotal, na coda, tenderia a ser cancelada, dada a similaridade fonética entre os segmentos.

Hora, Pedrosa e Cardoso (2010) separam, de um lado, a consoante fricativa; e de outro, as líquidas. Os autores afirmam que o apagamento da líquida tepe é condicionado pela presença da consoante fricativa em posição subsequente, como em “garfo, curva, curso, várzea, marcha, gorjeta”. Para explicar a questão do apagamento ou manutenção do segmento em coda medial ou final, os autores se

²⁸ Devido a sua complexidade, os resultados dessa variável serão apresentados a seguir.

baseiam na descrição da estrutura silábica do PB. Para eles, a posição final de palavra é extremamente débil e por isso evita segmentos consonantais. Assim, qualquer que seja o segmento que ocupe essa posição, há uma forte tendência ao seu apagamento ou, ainda, à busca pelo padrão CV, preenchendo-se apenas duas posições na sílaba, o onset e o núcleo. Na busca de mais esclarecimentos, Hora, Pedrosa e Cardoso (2010) apoiam-se em Harris e Gussmann (1998) e Ewen e Hulst (2001), que propõem que a posição interna é bastante resistente a apagamentos ou inserções de segmentos, e, quando ocorrem, fazem-no com menor frequência. Já as posições inicial e final, por serem o início e o fim de domínio prosódico, respectivamente, são bastante débeis, com maior probabilidade de apagamento para a posição final.

Na coda silábica medial, o tipo de consoante subsequente parece ser um fator estrutural importante para a apagamento. Verifica-se, historicamente, na língua portuguesa, que a presença de uma consoante de articulação aproximada a do rótico favorece processos assimilatórios que podem levar ao cancelamento de um dos segmentos. (CALLOU, SERRA E CUNHA, 2015).

Para Callou, Serra e Cunha (2015), o apagamento é mais frequente nos contextos em que ao rótico se seguem as fricativas [s], [z] e [v] (97%, 67% e 40%, respectivamente), em João Pessoa. Ainda para os autores, o mesmo acontece em Maceió, capital em que são as fricativas as que mais frequentemente propiciam o cancelamento do /R/: ([s], 76%, e [v], 46%).

Em nossos dados, observamos, como já mencionado, que o contexto seguinte, de traço [+contínuo] é o que mais favorece o apagamento. De um modo geral, na tabela 6, temos 74,1% para contexto seguinte que apresenta o traço [+contínuo] e apenas 1,8% para contexto seguinte sem a presença desse traço. O peso relativo obtido é de 0,97 e 0,03, respectivamente. Comparando nossos dados com os de Callou, Serra e Cunha (2015); Hora, Pedrosa e Cardoso (2010), concluímos que existe a similaridade de traços também nos falares alagoanos, quando nos referimos ao cancelamento de /R/ diante de fricativas, corroborando, assim, nossa hipótese de que o traço [+contínuo] da consoante seguinte favorece o apagamento, o que pode ser explicado pelo Princípio do Contorno Obrigatório, que, como vimos, foi proposto por Goldsmith (1976): o apagamento da fricativa ocorre devido à similaridade fonética entre os segmentos, ou seja, acontece uma mudança combinatória consequente da contiguidade de dois sons determinados em determinado encadeamento fônico,

levando os sons envolvidos, em virtude da natureza de suas articulações, a harmonizar-se entre si.

A seguir, apresentamos os resultados da análise das variáveis cidade e escolaridade, em um primeiro momento isoladamente e, em seguida, observando a interação entre as duas variáveis. Decidimos testar a interação porque o modelo final mostrou que havia uma probabilidade de a escolaridade ter um efeito maior ou menor em alguma cidade.

Tabela 8 - Variável cidade no processo de apagamento

Fatores		%	PR	Significância
	total			
AR	592	19.1	0.55	0.732
DE	572	14.9	0.54	0.760
MC	678	14.6	0.45	0.729
SI	513	10.7	0.29	0.118
SM	566	18.0	0.75	0.043
UP	722	13.9	0.28	0.092

Fonte: Elaboração própria, 2019.

A Tabela 8, que trata da variável cidade, mostra que há um efeito estatisticamente significativo no processo de apagamento na cidade de São Miguel dos Milagres, como um peso relativo igual a 0.75.

Tabela 9 - Variável escolaridade no processo de apagamento

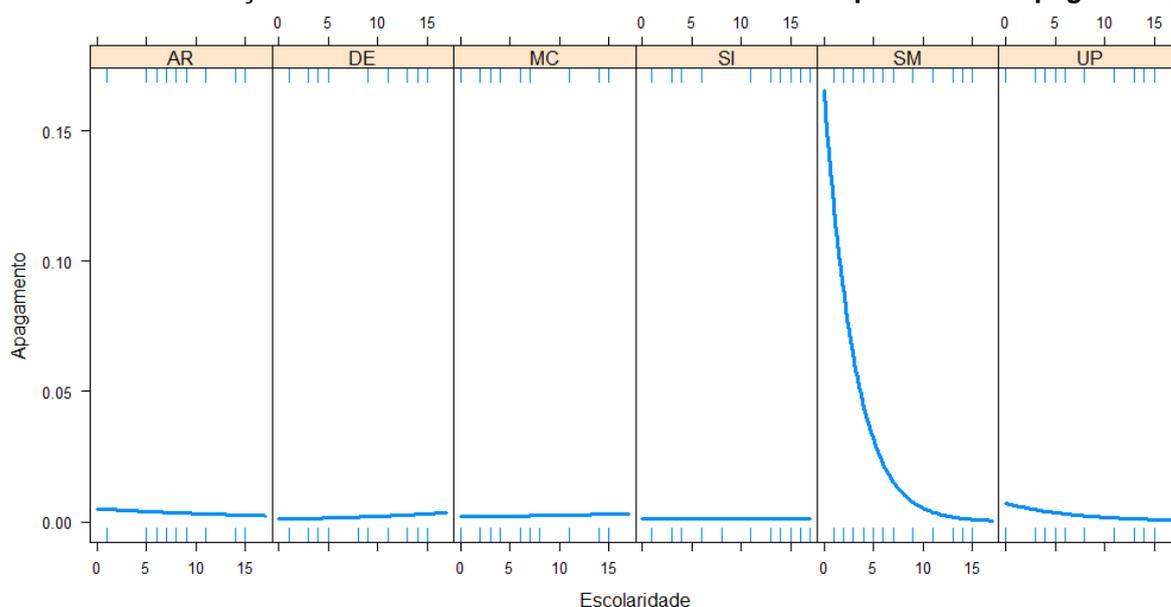
Fatores	total	%	PR	Significância
<=9	1477	16.2	0.71	0.000
>=11	2166	14.5	0.30	0.001

Fonte: Elaboração própria, 2019.

Vemos na Tabela 9 que há um efeito estatisticamente significativo no processo de apagamento em falantes de menor escolaridade, com um peso relativo igual a 0.71, diferente dos mais escolarizados, que apresentam 0.30 de peso relativo.

O Gráfico 1, a seguir, apresenta o resultado da interação entre as variáveis cidade e escolaridade, análise que foi efetuada com o objetivo de verificar se haveria um efeito maior ou menor da escolaridade no processo de apagamento em alguma das cidades da amostra, como havia previsto o modelo final²⁹.

Gráfico 1 - Interação entre as variáveis cidade e escolaridade no processo de apagamento



Fonte: Elaboração própria, 2019.

Tabela 10 - Interação entre as variáveis cidade e escolaridade no processo de apagamento

Cidade	Sig. TRM ² escolaridade
Arapiraca	0,799
Delmiro Gouveia	0,749
Maceió	0,557
Santana do Ipanema	0,530
São Miguel dos Milagres	<0,001
União dos Palmares	0,048

Fonte: Elaboração própria, 2019.

²⁹ O modelo final é aquele que se mostrou mais eficaz: elimina-se as variáveis não significativas e deixa-se nele apenas as variáveis significativas estatisticamente. Isso demonstra que os métodos automáticos auxiliam na escolha das variáveis, mas não devem substituir o bom senso e o conhecimento do problema.

Analisando o Gráfico 1 e a Tabela 10, observamos que somente em São Miguel dos Milagres e em União dos Palmares há um efeito estatisticamente significativo da escolaridade no apagamento de /R/ na coda medial. Nessas cidades, quanto mais alto o nível de escolaridade, mais baixa é a taxa de ocorrência da variante apagamento. Nas demais cidades, essa relação não é observada. Como podemos observar no gráfico, o efeito é bastante evidente em São Miguel dos Milagres. Esses resultados justificam a análise da interação, realçando sua importância.

Tabela 11 - Variável contexto seguinte no processo de apagamento

Fatores	total	%	PR	Significância
Cont. seg. [coronal]				0,001374
[coronal]	1.992	22,4	0,39	
[não coronal]	486	20,4	0,61	

Fonte: Elaboração própria, 2019.

Para a variável *contexto seguinte coronal* levantamos a hipótese de que consoantes com a presença do traço [coronal] favoreceriam a realização da aproximante, ao passo que consoantes sem esse traço favoreceriam o apagamento. Como mostra o resultado, o traço [não coronal] apresenta peso relativo igual a 0.61 favorecendo o apagamento.

Tabela 12 - Variável sexo/gênero no processo de apagamento

Fatores	total	%	PR	Significância
Sexo/gênero				0,0258
Feminino	1.252	18,1	0,41	
Masculino	1.226	26,1	0,59	

Fonte: Elaboração própria, 2019.

Quanto à variável *sexo/gênero*, a hipótese levantada foi que o processo analisado também revelaria a correlação significativa entre a variável dependente e a variável social analisada. O resultado mostrou que existe a relação e que são os homens os que mais favorecem o apagamento, com peso relativo igual a 0.59.

Abaixo, apresentamos os resultados do Coeficiente de Correlação Intraclasse (CCI) para as variáveis *indivíduo* e *item lexical* envolvendo o processo de apagamento.

Tabela 13 - Variáveis agregadas de efeito aleatório incluídas no modelo final no processo de apagamento

	n	Variância	CCI	Sig.TRMV
Indivíduo	144	2.680	44,8%	1,176e-12
Item lexical	600	4.352	56,9%	4,952e-15

Fonte: Elaboração própria, 2019.

Os resultados para as variáveis agregadas apontam que a interferência de tais variáveis é bastante alta: 56,9% para o item lexical e 44,8% para o indivíduo. Isso indica que grande parte da variabilidade observada nos dados pode ser explicada, além de pelas variáveis sociais e linguísticas, pela variação entre indivíduos e itens lexicais.

Na Tabela 14, apresentamos as variáveis não significativas para a análise e, conseqüentemente, excluídas do modelo de regressão logística multinível.

Tabela 14 - Variáveis independentes excluídas do modelo final (sem significância estatística) no processo de apagamento

	Total	%apagamento	Peso Relativo	Sig,Wald	Sig.TRMV
Acentuação da sílaba					>0,999
Não acentuada	1.300	25,2	*	*	
acentuada	1.178	18,5	*	*	
Tamanho					0,793
Dissílabo	1.082	13,3	*	*	
Trissílabo	915	31,3	*	*	
Polissílabo	481	24,3	*	*	
Cont. ant.[posterior]					0,725
[-posterior]	1.011	33,6	*	*	
[+posterior]	1.467	14,0	*	*	
Idade	2.478	0,2/ano			0,384

Total	2.478	22,0
-------	-------	------

Fonte: Dados da autora, 2019

A Tabela 14 traz as variáveis independentes que se mostraram como sendo não significativas para a pesquisa. As variáveis *acentuação da sílaba*, *tamanho da palavra*, *contexto antecedente [posterior]* e *faixa etária* não têm efeito estatisticamente significativo para a variação entre [h] e [Ø].

Quanto à *acentuação da sílaba*, a nossa hipótese foi que a presença do /R/ em sílaba acentuada favoreceria o apagamento, pois, conforme Carvalho (2009), o apagamento se apoia na sílaba acentuada para compensar a ausência do rótico. Os resultados, porém, não nos levam a essa relação. Concluímos, assim, que o processo de apagamento independe da acentuação da sílaba.

Em relação ao *tamanho da palavra*, podemos concluir que não há associação entre o tamanho e o apagamento. Monaretto (2000), buscando investigar o apagamento em coda final, também inseriu esta variável em sua análise, com a hipótese de que quanto mais longa a palavra maior seria a taxa de apagamento. Assim como em nossa pesquisa, sua hipótese não foi confirmada, uma vez que o falante apaga tanto em palavras de uma só sílaba, como em palavra de duas ou mais sílabas.

Quanto ao *contexto antecedente [posterior]*, podemos concluir que esse traço na vogal anterior não tem influência sobre o apagamento do /R/.

Sobre a variável *idade*, observamos que há um aumento no apagamento de 0,2% para cada ano de idade; entretanto, esse aumento não é estatisticamente significativo. Isso indica que estamos diante de um processo de variação estável, que não há indício de mudança linguística em progresso em direção ao apagamento.

No início desta seção, informamos que foram efetuadas duas análises separadas, uma sobre a variação entre a fricativa glotal [h] e o apagamento [Ø] e outra sobre a variação entre a fricativa glotal [h] e a aproximante [ɹ].

Também já informamos que, relacionada à análise da variação entre a fricativa glotal [h] e a aproximante [ɹ], ou, mais precisamente, como resultado da realização aproximante, um fenômeno secundário foi observado – a palatalização das oclusivas coronais /t/ e /d/ –, o que nos levou a realizar mais uma análise com os dados contendo esse fenômeno.

Nas subseções a seguir, apresentamos as duas análises indicadas.

5.4 Análise da variação fricativa glotal [h] versus aproximante [ɰ] e fenômeno relacionado

Como vimos anteriormente, a ocorrência da aproximante é restrita à presença das oclusivas /t, d, k, g/ no contexto seguinte. Não houve nenhuma ocorrência da variante em ambientes linguísticos diferentes desses. Diante disso, foram excluídos desta análise todos os dados nos quais as consoantes seguintes não pertencem ao grupo de consoantes determinado.

Vejamos alguns exemplos das variantes observadas:

(23)

“Ciúme por [ˈpa.ti] dela que era muito ciumenta” (parte) [MC65M07]

(24)

“Assim eu fazia me [akɰˈdave] de madrugada dava café o doente” (acordava) [UP88F04]

(25)

“A gente veio [ẽbaɰˈkadɰ]” (embarcado) [SM97F01]

(26)

“Todo dia seis [ˈkaɰgɐ] de mandioca” (carga) [AR89M11]

Nas análises acústicas, identificamos a existência de um processo variável secundário, que não envolve somente a variação do /R/, mas que é consequência dessa variação, em especial, da *aproximante*. Trata-se da palatalização das oclusivas /t/ e /d/ quando a variante realizada antes delas é a aproximante [ɰ].

Vejamos alguns exemplos retirados dos dados:

(27)

“[pɛɰ.tiɰ] dos fumicultores do clube fumicultores” (perto) [AR89M11]

(28)

“Cem quilos tenho pego por ai com o [hɔbɛ.tiɰ]” (Roberto) [SM66M02]

(29)

“Daqui para loja toda [taɹdʒ] trocava de roupa” (tarde) [UP80F15]

Aparentemente, a palatalização de /t/ e /d/ aqui é similar à palatalização progressiva de tais segmentos precedidos da aproximante [j], como em “oito”, produzido como [ojtʃu] e “doido”, produzido como [dojdʒu], investigada por Santos (1996) e por Oliveira (2017) em dados de fala de Maceió. Nesses trabalhos, a realização das oclusivas /t/ e /d/ como [tʃ] e [dʒ], respectivamente, é tratada como um processo de assimilação, pelo qual o traço [-anterior] da aproximante [j] espraia para o nó de ponto da consoante seguinte, fazendo-a realizar-se como uma africada, uma consoante complexa, portanto.

No caso da palatalização provocada pelo espraimento do traço [-anterior] da aproximante [j], que ocorre nos nossos dados, a consoante seguinte apenas se palataliza, ou seja, o segmento resultante não é uma consoante complexa, mas apenas uma consoante palatalizada: [tʃ] e [dʒ].

Se considerarmos que a aproximante [j] – realização fonética de uma vogal [i] em posição de coda, conforme Camara Júnior (1985 [1970]) – é um segmento palatal como o são as fricativas [ʃ] e [ʒ], o fato de essa realização de /R/ nos nossos dados apenas palatalizar a consoante seguinte e não a tornar um segmento complexo, parece-nos ser uma evidência forte que nos leva a descrever o segmento em questão como sendo uma aproximante alveolar.

Nesta subseção, estamos, portanto, apresentando duas análises: i) a variação entre [h] e [ɹ], incluindo somente dados de oclusivas /t, d, k, g/ e ii) a variação entre /t,d/ e a palatalização de tais segmentos, incluindo somente os casos em que o /R/ ocorre como aproximante.

5.4.1 Análise da variação entre a fricativa glotal [h] e a aproximante [ɹ]

Para a variação entre [h] e [ɹ], as variáveis independentes sociais analisadas foram *sexo/gênero*, *escolaridade*, *cidade* e *idade*, enquanto que as variáveis independentes linguísticas foram *acentuação da sílaba*, *tamanho da palavra* e *contexto seguinte [coronal]*. Além dessas variáveis, controlamos as variáveis agregadas *item lexical* e *indivíduo*.

Utilizando o teste da razão da máxima verossimilhança, identificamos as variáveis estatisticamente significativas para a variação entre a variante fricativa [h] e a aproximante [ɹ].

Na Tabela 15, a seguir, apresentamos as variáveis independentes estatisticamente significativas e que, conseqüentemente, foram incluídas no modelo de regressão logística multinível.

Tabela 15 - Variáveis independentes com significância estatística na realização da aproximante

	Total	%aproximante	Peso Relativo	Significância
Contexto seguinte [coronal]				2,18e-12
[não coronal]	311	3,2	0,17	
[coronal]	1.693	16,7	0,83	
Idade*Cidade ³⁰				4,59e-11
Sexo/gênero				3,74e-06
Feminino	986	9,1	0,35	
Masculino	1.018	19,9	0,65	
Escolaridade*Cidade				0,00028
Total	2.004	14,6		

Fonte: Elaboração própria, 2019.

Entre as variáveis linguísticas, somente *contexto seguinte [coronal]* apresentou significância estatística para a aproximante. Observa-se que o traço [coronal] favorece a realização da aproximante (PR=0,83).

Vejamos alguns exemplos retirados dos dados:

(30)

“Porque Deus e bom, mas eles atiraram para matar que [koj'to] o retrovisor do meu lado” (cortou) - AR76M08

³⁰ Devido a sua complexidade, os resultados dessa variável serão apresentados a seguir.

(31)

“Nem por [ˈpa.ti] de pai nem por [ˈpa.ti] de mãe” (parte) - MC77F00

(32)

“A brincadeira era brincar de boneca jogar [ˈkɔ.ɰe] roubar bandeira” (corda) - UP71F06

(33)

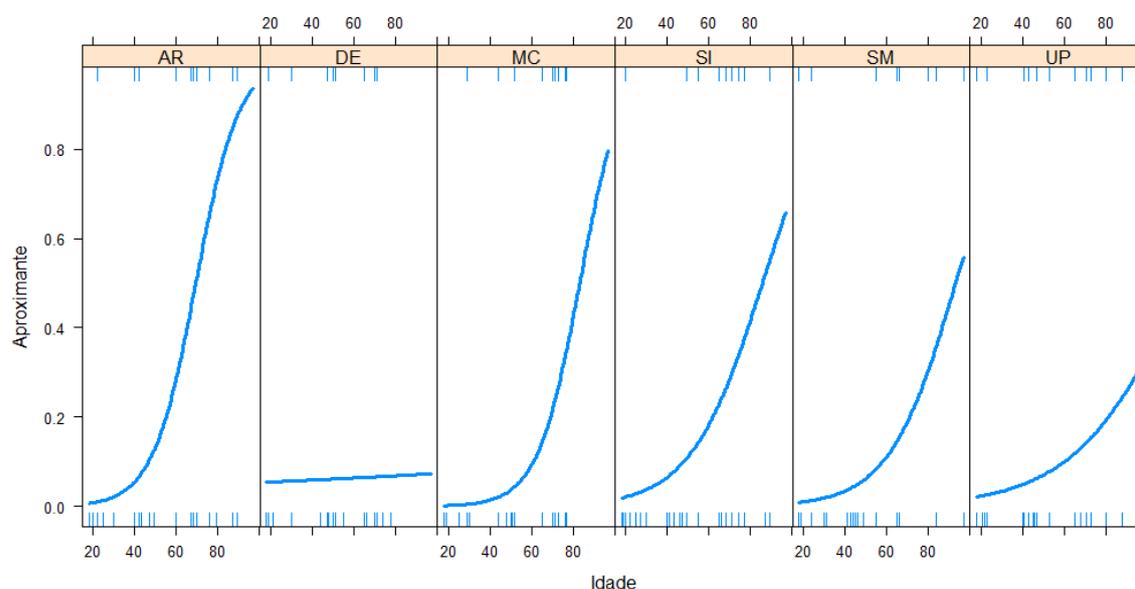
“Eu ia lá no [ˈfa.ɰu] da carne” (fardo)- [SM84F01]

Como podemos verificar na Tabela 15, acima, a realização da aproximante não está restrita à classe de consoantes [+obstruente, -contínuo, coronal], pois encontramos tal variante antes consoantes não coronais (/k/ e /g/), como em [baɫˈkase] ‘barcaça’ e [ˈkaɫge] ‘carga’. Entretanto, o peso relativo obtido para essas ocorrências é muito baixo: 0,17.

Considerando que a variante ocorre somente seguida de oclusivas (Tabela 5), podemos concluir que o processo se restringe à presença dos traços [+obstruente, -contínuo] no contexto seguinte e, dentro desse recorte, é fortemente favorecido pela presença do traço [coronal], ou seja, pelas consoantes /t/ e /d/.

Vejamos, no que segue, os resultados encontrados pela análise das variáveis sociais em relação ao fenômeno estudado.

O gráfico a seguir apresenta o resultado da interação entre as variáveis *idade* e *cidade*. Logo após o gráfico, apresentamos a Tabela 16 com as significâncias das variáveis analisadas para cada cidade com o objetivo de analisar o efeito da idade em cada uma das cidades.

Gráfico 2 - Interação das variáveis idade e cidade na realização da aproximante

Fonte: Elaboração própria, 2019.

Tabela 16 - Interação entre as variáveis idade e cidade na realização da aproximante

Cidade	Sig.TRMV idade
Arapiraca	0,000124
Delmiro Gouveia	0,741
Maceió	0,00498
Santana do Ipanema	0,0375
São Miguel dos Milagres	0,03668
União dos Palmares	0,000231

Fonte: Elaboração própria, 2019.

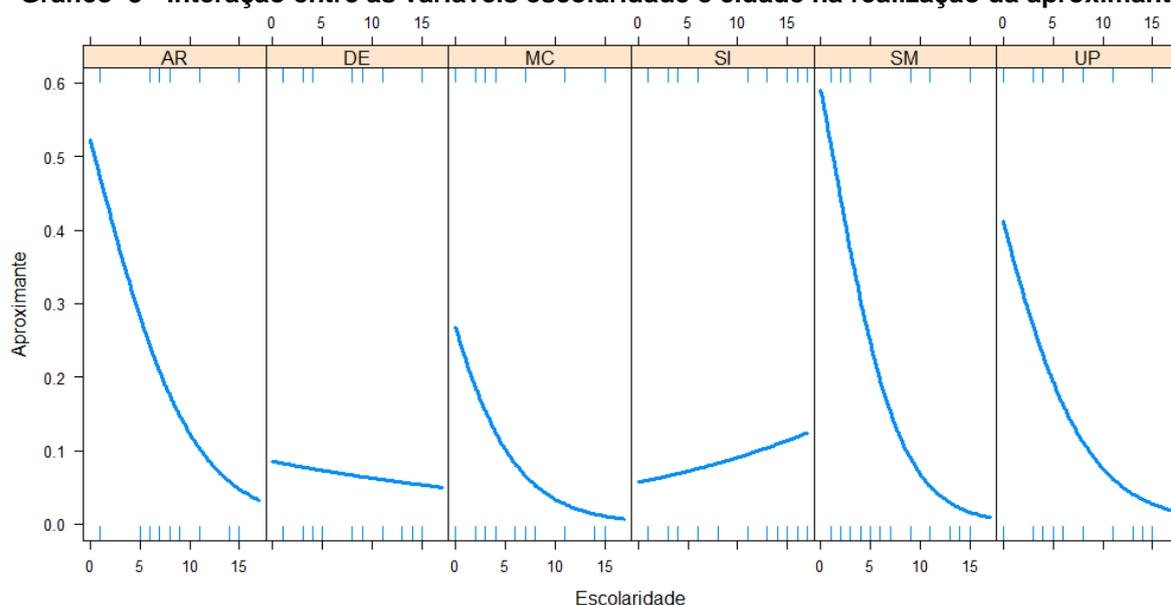
Pela análise do Gráfico 2, podemos concluir que o uso da aproximante aumenta de acordo com a idade do falante. Observamos, entretanto, que o efeito da idade não é o mesmo em todas as cidades, daí o efeito estatisticamente significativo da interação. Somente em Delmiro Gouveia tal relação não é estatisticamente significativa (Tabela 16). Para todas as demais cidades, podemos concluir que há um processo de mudança linguística em progresso com tendência ao desaparecimento da aproximante. Em Delmiro, o processo já está mais avançado, visto que até entre os idosos é muito baixo o índice de realização da aproximante.

Em relação à variável *sexo/gênero*, os resultados apresentados na Tabela 15 mostram que os homens realizam mais a aproximante do que as mulheres, apresentando um peso relativo igual a 0,65, enquanto as mulheres apresentam $PR=0,35$. Não há interação entre as variáveis *sexo/gênero* e cidade, o que indica que a diferença entre os *sexos/gêneros* pode ser observada em todas as cidades, em proporções similares.

Retomando o que vimos para São Miguel dos Milagres e União dos Palmares, quando analisamos a interação entre as variáveis cidade e escolaridade, observamos que nessas cidades quanto maior a escolaridade, menor o apagamento. Esse resultado, somado ao resultado da análise da variável *sexo/gênero*, indica que o apagamento pode ser uma variante linguística estigmatizada entre os falantes das comunidades de fala.

Esses fatos observados mostram as diferenças de comportamento sociolinguístico já apontadas por Labov (1972) e Trudgill (1972): são atribuídas à maior consciência feminina do *status* social das formas linguísticas. Muitos trabalhos em sociolinguística fazem menção à relação existente entre padrões de estratificação social e o gênero, concluindo que as mulheres, independentemente de outras categorias sociais, tendem a usar mais formas padrão do que os homens. Labov (1990) argumenta que os homens usam uma frequência maior de formas não padronizadas do que as mulheres em situações estáveis, e que as mulheres geralmente são as inovadoras na mudança linguística.

A seguir, apresentamos, no Gráfico 3, os resultados da interação entre as variáveis cidade e níveis de escolaridade e, na Tabela 14, as significâncias da escolaridade para cada cidade pesquisada.

Gráfico 3 - Interação entre as variáveis escolaridade e cidade na realização da aproximante

Fonte: Elaboração própria, 2019.

Tabela 17 - Interação entre as variáveis cidade e escolaridade na realização da aproximante

Cidade	Sig. TRM ^V escolaridade
Arapiraca	0,029
Delmiro Gouveia	0,866
Maceió	0,036
Santana do Ipanema	0,573
São Miguel dos Milagres	0,044
União dos Palmares	<0,001

Fonte: Elaboração própria, 2019.

Quanto à escolaridade, nossa hipótese foi a de que, quanto menor a escolaridade, maior a probabilidade de produção da aproximante. Os efeitos da interação entre as variáveis cidade e escolaridade apresentados no Gráfico 3 nos mostram que essa relação pode ser observada em Arapiraca, Maceió, São Miguel dos Milagres e União dos Palmares.

O nível de escolarização do falante e o contato deste com o ambiente escolar tende a contribuir para o aumento do uso de variedades cultas, cujas formas tendem a ser socialmente prestigiosas. É o menor uso da aproximante pelos mais escolarizados, pelas mulheres e pelos mais jovens que contribui para associarmos essa variante a algum estigma, especialmente em São Miguel dos Milagres, Arapiraca e União dos Palmares.

O processo analisado neste trabalho está diretamente relacionado ao tempo de escolarização dos falantes, uma vez que a aproximante não é largamente utilizada por todos os falantes das comunidades pesquisadas.

Seguimos ainda com a segunda análise sobre a variação entre a fricativa glotal [h] e a aproximante [ɰ], mostrando os resultados das variáveis independentes sem significância estatística na realização da aproximante.

Tabela 18 - Variáveis independentes sem significância estatística na realização da aproximante

	Total	%aproximante	Peso Relativo	Sig.Wald	Sig.TRMV
Tamanho					0,6596
dissílabo	1.052	14,8	*	*	
trissílabo	613	14,0	*	*	
polissílabo	339	15,0	*	*	
Acentuação da palavra					0,1691
Não acentuada	945	13,1	*	*	
acentuada	1.059	16,0	*	*	
Total	2.004	14,6			

Fonte: Elaboração própria, 2019.

A Tabela 18 revela que não há relação entre a variável tamanho da palavra e a realização da aproximante e que também não há diferença estatisticamente significativa entre sílaba não acentuada e sílaba acentuada no que diz respeito à variável acentuação da sílaba.

Apresentamos a seguir, na Tabela 19, os resultados para as variáveis agregadas *indivíduo* e *item lexical* na realização da aproximante.

Tabela 19 - Variáveis agregadas de efeito aleatório incluídas no modelo final na realização da aproximante

	n	Variância	CCI	Sig.TRMV
Indivíduo	144	2.2600	40,7%	2.2e-16
Item lexical	425	0.6812	17,2%	0.0002

803

Fonte: Elaboração própria, 2019.

Os resultados para o CCI dos níveis foram 40,7% para indivíduos e 17,2% para item lexical. Esse resultado nos permite afirmar que a interferência do item lexical é reduzida (17,8% da variabilidade entre a fricativa glotal e a aproximante é explicada pela variação entre os itens lexicais). Isso indica que a maior parte da variabilidade pode ser explicada pela variável *contexto seguinte [coronal]*, a única variável linguística estatisticamente significativa. Em relação ao indivíduo, a interferência é elevada: 40,7% da variabilidade pode ser explicada pela variação entre os indivíduos.

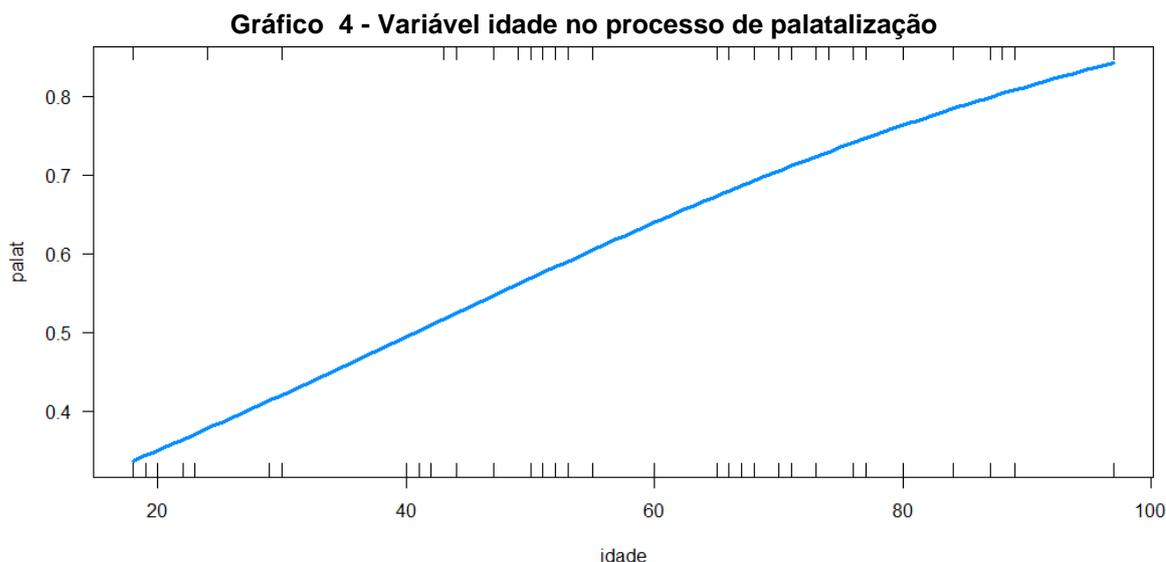
Mostramos, a seguir, também um processo secundário detectado durante a análise dos dados com foco no fenômeno central desta pesquisa, a variação de /R/ em coda silábica. Trata-se do processo de palatalização que envolve apenas as consoantes /t/ e /d/ precedidas de aproximante [ɹ], processo já apresentado mais acima neste trabalho, que consideramos um achado valioso, pois parece fornecer uma evidência fonológica para a caracterização do segmento aproximante, uma das nossas variantes.

5.4.2 Variações [t] ~ [tʲ] e [d] ~ [dʲ]

Para a análise desse processo de palatalização, selecionamos apenas as consoantes /t/ e /d/ precedidas de aproximante [ɹ], visto que a palatalização ocorre apenas nesse contexto. As variáveis sociais analisadas foram *sexo/gênero, escolaridade, cidade e idade*. As linguísticas foram *Acentuação da sílaba, tamanho da palavra e tipo de consoante (t ou d)*. As variáveis agregadas controladas foram o *item lexical* e o *indivíduo*.

Apenas as variáveis “*idade, cidade e escolaridade*” apresentaram significância estatística.

Vejamos os resultados referentes a estas variáveis, no Gráfico 4 e na Tabela 20, a seguir.



Fonte: Elaboração própria, 2019.

Pela análise do gráfico, podemos concluir que a probabilidade de ocorrência da palatalização das oclusivas antecedidas da aproximante [j] aumenta com a *idade*. Apesar da frequência de palatalização ser alta (62,2%), temos indício de que a variante está em desuso em Alagoas.

Em seguida, os resultados para a variável *cidade*, também considerada significativa.

Tabela 20 - Variável cidade no processo de palatalização

	Total	% _{palatalização}	Peso Relativo	Sig, _{Wald}	Sig. _{TRMV}
Cidade					0,0003
Arapiraca	67	41,8	0,24	0,001	
Delmiro Gouveia	19	31,6	0,30	0,081	
São Miguel dos Milagres	70	72,9	0,56	0,425	
Maceió	39	69,2	0,58	0,401	
Santana do Ipanema	46	73,9	0,66	0,061	
União dos Palmares	42	71,4	0,67	0,055	
Total	283	62,2			

Fonte: Elaboração própria, 2019.

Pela análise da Tabela 20, concluímos que o processo é desfavorecido em Arapiraca e em Delmiro Gouveia. Já em Santana do Ipanema e União dos Palmares, há um maior favorecimento. Em nenhuma cidade, porém, houve significância em relação ao efeito médio, provavelmente devido ao tamanho reduzido desta sub-amostra.

Para finalizar o resultado das variáveis sociais consideradas significativas, apresentamos a variável escolaridade.

Tabela 21 - Variável escolaridade no processo de palatalização

	total	%	PR	Sig
<=9	781	25.6	0.72	0
>=11	912	9.1	0.28	0

Fonte: Elaboração própria, 2019.

Observando a Tabela 21, vemos que a variável escolaridade apresenta significância estatística, por apresentar um diferencial considerável entre os participantes com maior e menor escolaridade. O processo de palatalização é favorecido significativamente pelos de menor escolarização, com um peso relativo de 0.72, enquanto os participantes que detêm maior nível de escolaridade apresentam 0.28 de peso relativo. Tal resultado corrobora com os dados da realização da aproximante, analisada na Tabela 17, que mostrou a interação entre cidade e escolaridade, revelando que quanto menor a escolaridade, maior a probabilidade de produção da aproximante. O mesmo acontece em relação ao processo de palatalização.

Concluída a apresentação dos resultados das variáveis que tiveram significância estatística no processo de palatalização, passamos a discutir os resultados das variáveis sem significância estatística.

Na Tabela 22, a seguir, estão postos os dados referentes a essas variáveis.

Tabela 22 - Variáveis independentes sem significância estatística no processo de palatalização

	Total	%palatalização	Sig.TRMV
Consoante			0,896
t	201	62,2	
d	82	62,2	
Tamanho			0,785
Dissílabo	150	59,3	
Trissílabo	82	67,1	
Polissílabo	51	62,7	
Acentuação da sílaba			0,594
Não acentuada	120	65,8	
Acentuada	163	59,5	
Sexo/gênero			0,123
feminino	87	59,8	
masculino	196	63,3	

Fonte: Elaboração própria, 2019.

A variável *tamanho da palavra* não apresenta significância estatística para a realização da palatalização das consoantes /t/ e /d/ precedidas de aproximante [j]. Quanto à variável *acentuação da sílaba*, concluímos que não há diferença estatisticamente significativa entre sílaba não acentuada e sílaba acentuada. Em relação à variável *sexo/gênero*, também concluímos que não há relação entre tal variável e a realização da palatalização de /t/ e /d/.

Abaixo, apresentamos os resultados do Coeficiente de Correlação Intraclasse (CCI) para as variáveis *indivíduo* e *item lexical* envolvendo o processo de palatalização.

Tabela 23 - Variáveis agregadas de efeito aleatório incluídas no modelo final no processo de palatalização de [t e d]

	n	Variância	CCI	Sig.TRMV
Indivíduo	63	0,1584	4,6%	0,136
Item lexical	110	0,4930	13,0%	0,408

Fonte: Elaboração própria, 2019.

Observando os resultados para as variáveis agregadas, podemos dizer que a interferência do item lexical e do indivíduo no processo de palatalização é bastante baixa (13% e 4,6%, respectivamente) e não apresenta significância estatística. Isso

indica que há pouca diferença na variação entre os itens lexicais e que a variação no nível social é suficientemente explicada pelas variáveis *idade* e *cidade*.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para esta pesquisa, tomamos como objeto de investigação a realização do /R/ em posição de coda silábica interna em falares alagoanos, sob a luz da perspectiva teórico-metodológica da sociolinguística variacionista (LABOV, 2008[1972]). Objetivamos identificar e analisar o processo de variação do /R/, apresentando uma descrição do conjunto de variáveis linguísticas e sociais que estariam influenciando a realização das variantes.

Analisamos dados de 144 participantes de 6 cidades alagoanas. Foram encontrados nesses dados 3.963 casos de ocorrência de /R/ em coda medial. A análise permitiu identificar quatro variantes: a fricativa glotal [h] (como em [ˈpɔhtɐ], para *porta*); o apagamento [∅] (como em [siˈvisu], para *serviço*); a aproximante [ɹ] (como em [ˈkɔɹdɐ], para *corda*) e o tepe [r] (como em [ˈbarku], para *barco*).

Os dados foram submetidos a uma análise estatística realizada no *software* R, usando-se o modelo de regressão multinível. Nesse modelo, além de testarmos as variáveis uma a uma, por meio do teste da verossimilhança, controlamos também as variáveis “indivíduo” e “item lexical” em um nível mais agregado para evitar que os efeitos das variáveis sociais e linguísticas fossem superestimados.

Quanto aos resultados, concluímos que a variante tepe [r] encontra-se em extinção, pois em todo o *corpus* foram encontradas apenas 26 ocorrências, o que equivale a menos de 1% do total. Além disso, a sua presença restringe-se à fala dos idosos. Por não ser não possível, dada a pequena quantidade de dados, fazer-se uma análise estatística referente a esta variante, limitamo-nos a uma análise linguística.

Em relação à variante apagamento [∅], concluímos que esta não ocorre antes de consoantes soantes. Das variáveis linguísticas analisadas, o *contexto seguinte com a presença de traço [+contínuo]* é o que mais influencia o processo, com 0.97 de peso relativo, contra 0.03 para o traço [-contínuo]. Nossos resultados corroboram os resultados de Callou, Serra e Cunha (2015) no que concerne ao ambiente seguinte e também com a afirmação de Hora, Pedrosa e Cardoso (2010), sobre o apagamento ser condicionado pelo contexto fonológico seguinte, quando esse contexto é uma consoante fricativa.

Nossa hipótese inicial com relação à variante apagamento foi que o traço [+contínuo] poderia favorecer o apagamento devido ao princípio do contorno

obrigatório, pois segundo Goldsmith (1976), sequências adjacentes de unidades idênticas são proibidas nas representações fonológicas e foi possível confirmar nossa hipótese através dos dados analisados nesta tese.

Das variáveis sociais, a variável *escolaridade* tem interferência somente em São Miguel dos Milagres, com $<0,001$ de significância e em União dos Palmares, com 0,048, permitindo afirmarmos que nessas cidades, quanto mais alto o nível de escolaridade, mais baixo o índice de ocorrência da variante apagamento. O efeito da variável escolaridade, nesse sentido, é bastante evidente para São Miguel dos Milagres. Vale notar que grande parte da variabilidade observada nos dados pode ser explicada, além de pelas variáveis sociais e linguísticas, pela variação entre indivíduos e itens lexicais, com índice de 44,8% e 56,9%, respectivamente.

Pode-se dizer, de modo geral, que a variação entre a fricativa glotal e o apagamento é estável.

Em relação à variante aproximante [j], concluímos que o processo se restringe à presença dos traços [+obstruinte, -contínuo] no contexto seguinte e, dentro desse recorte, é fortemente favorecido pela presença do traço [coronal], ou seja, oclusivas /t/ e /d/, com peso relativo de 0.83. Ademais, os dados revelam que a variante está passando por uma mudança linguística em progresso com tendência ao seu desaparecimento, ratificando-se, desse modo, os resultados de Santos (2010).

Quanto ao processo de palatalização, um processo secundário analisado apenas com as consoantes /t/ e /d/ precedidas de aproximante [j], concluímos que entre a variação das oclusivas há pouca diferença na variação entre os itens lexicais, com índices de apenas 13%, e indivíduo, com índice de 4.6%. A variação no nível social é suficientemente explicada pelas variáveis idade, cidade e escolaridade.

De acordo com toda a análise feita sobre a variável estudada, dentre as variáveis linguísticas somente a variável contexto seguinte tem relevância, pois explica o processo que causa o apagamento [ø], a realização como aproximante [j] e o processo consequente de palatalização das consoantes /t/ e /d/. Acentuação da sílaba e outras variáveis linguísticas (como tamanho da palavra e contexto anterior) não mostraram relevância para explicar a variação.

Os resultados apresentados nesta tese são importantes para caracterizar a variabilidade do /R/ no português falado em Alagoas, bem como para ampliar a compreensão desse fenômeno no PB de modo geral. A principal questão desta tese

foi entender como se caracterizava a variação ou o polimorfismo do /R/ nos falares alagoanos e, com isso, avançar na pesquisa iniciada por Santos (2010) quando apresentou linguística e estatisticamente a existência da variante aproximante no Litoral Norte de Alagoas.

A análise das variantes do /R/ no ambiente selecionado – fricativa glotal [h]; o apagamento [ø]; aproximante [ɹ] e tepe [r] – encontradas na fala de indivíduos de cidades alagoanas nos levou às seguintes descobertas: i) a fricativa glotal [h] é a variante mais frequente no Estado, seguida pela variante apagamento [ø], com a variante aproximante [ɹ], variante identificada apenas no estudo de Santos (2010), ocorrendo de modo significativo, sendo o tepe [r], variante bastante estudada no português brasileiro, praticamente inexistente nos falares alagoanos; ii) a variante apagamento encontra-se em processo de variação estável; iii) a aproximante configurou-se como passando por um processo de mudança linguística, melhor dizendo, está entrando em declínio.

É evidente que outros estudos sobre a variação do /R/ devem ser realizados, não somente nos falares alagoanos, como no português brasileiro. É necessário buscar-se respostas para melhor explicar a relação do processo de apagamento, da realização da aproximante e do processo de palatalização com fatores linguísticos e sociais.

O trabalho que apresentamos aqui é apenas uma gota d'água no oceano de questões que ainda precisam ser respondidas em relação à classe dos róticos de modo geral e com relação ao comportamento do /R/ no Português do Brasil.

REFERÊNCIAS

- ABAURRE, M. B. & SANDALO, M. F. Os róticos revisitados. In: HORA, D. & G. COLLISCHONN. (orgs.) **Teoria Linguística: Fonologia e outros temas**. João Pessoa, Editora Universitária, 2003.
- BARBOSA, P. A.; MADUREIRA, S. **Manual de fonética acústica experimental: aplicações e dados do português**. São Paulo: Cortez Editora, 2015.
- BISOL, L (org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 4. Ed. Ver. E ampl. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.
- CALLOU, D. **Variação e distribuição do tepe na fala urbana culta do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: UFRJ-PROED, 1987.
- CALLOU, D.; LEITE, Y.; MORAES, J. Processo(s) de enfraquecimento consonantal no português do Brasil. In: ABAURRE, M. B.; RODRIGUES, A. (Org.). **Gramática do português falado**. v.8: Novos estudos descritivos. Campinas: UNICAMP; FAPESP, 2002. p.537- 555.
- CALLOU, D.; LEITE, Y.; MORAES, J. Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do [r] no português do Brasil. In: KOCH, I. (Org.). **Gramática do português falado**. v.6: Desenvolvimentos. Campinas: UNICAMP, 1996. p.465-493.
- CALLOU, D.; MORAES, J. A.; LEITE, Y.; Consoantes em coda silábica: /s, r, l/. In: ABAURRE, M.B.M. (Org.). **Gramática do português culto falado no Brasil: volume VII: a construção fonológica da palavra**. São Paulo: Contexto, 2013.
- CALLOU, D.; SERRA, C.; CUNHA, C. Mudança em curso no português brasileiro: O apagamento do r no dialeto nordestino. In: HORA, D.& BATTISTI, E. (Org.) **Revista da Abralin**. V. 14, n. 1, 2015.
- CALLOU, D.; OLIVEIRA, A. F. **A distribuição do processo de apagamento do rótico nas quatro últimas décadas: três capitais em confronto**. Revista Gelne. 2014.
- CARVALHO, da S. Lucirene. **Os róticos em posição de coda: uma análise variacionista e acústica do falar piauiense**. Tese (Doutorado). Universidade Federal da Paraíba, 2009.
- Camara Júnior, Joaquim Mattoso. **História e Estrutura da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.
- CLEMENTS, G. e Elizabeth. HUME 1995: The Internal Organization of Speech Sounds. In: GOLDSMITH, J. (org.). **The Handbook of Phonological Theory**. London: Blackwell, 1995.
- CUNHA, SERRA & CALLOU. O apagamento do R em coda silábica nas capitais do Nordeste: dados do Projeto ALIB. **Anais d XVII Congresso Internacional de**

Linguística y Filología de América Latina (ALFAL). Universidade Federal da Paraíba, 2015.

CHOMSKY, N. & M. HALLE (1968). **The Sound Pattern of English**. New York: Harper & Row.

FREITAG, R. M. K. **(Re)discutindo sexo/gênero na sociolinguística**. In: Raquel Meister Ko. Freitag e Cristine Gorski Severo (orgs.). **Mulheres, Linguagem e Poder: Estudos de gênero na Sociolinguística brasileira**. Editora Edgard Blücher Ltda. 2015.

FREITAG, R. M. K. Idade: uma variável sociolinguística complexa. In Línguas e letras. **Estudos linguísticos**. v. 6. n. 11. 2005

GOLDSMITH, John A. **Autosegmental phonology**. Bloomington: Indiana University Linguistics Club, 1976.

HORA, D. & MONARETTO, V. Enfraquecimento e apagamento dos róticos. In: D. Hora & G. Collischonn (orgs.). **Teoria Linguística: fonologia e outros temas**. João Pessoa: Editora Universitária. 2003.

HORA, D.; PEDROSA, J. L. R.; & CARDOSO, W. **Status da consoante pós-vocálica no português brasileiro: coda ou onset com núcleo não preenchido foneticamente?** Porto Alegre, 2010.

KENT, R. D; READ, C. **Análise acústica da fala**. Tradução Alexandro Meireles. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2015.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

LABOV, W. **Principles of linguistic change**. Vol. I: internal factors. Oxford: Blackwell, 1994.

LADEFOGED, P. e MADDIESON, I. **The Sounds of the world's languages**. Blackwell, Cambridge, 1996.

LINDAU, M. **The story of 'r'**. UCLA Working Papers in Phonetics, 51, 1985

MILROY, L. Social networks. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLINGESTES, N. (Ed.). **The handbook of language variation and change**. Oxford: Blackwell, 2004.

MOLLICA, M. C. Aquisição de padrões fonológicos variáveis. In: **Variação e Aquisição**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

MONARETTO, V. N. O. Apagamento da vibrante pós-vocálica nas capitais do Sul do Brasil. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 275-284, mar. 2000.

OLIVEIRA, A. J. **Português alagoano: proposta de constituição de um banco de dados de falares alagoanos**. Maceió, UFAL, 2013. Projeto de Pesquisa.

OLIVEIRA, I.; SANTANA, M. SERRA, C. R. **Apagamento do rótico em coda silábica interna e externa**: a região serrana do rio de janeiro. Artigo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.

OLIVEIRA, A. A.; **Processos de palatalização das oclusivas alveolares em Maceió**. 2017. Tese (Doutorado em Letras e Linguística), Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2017.

SANTOS, J. S. B. **As realizações de ‘r’ em coda silábica na comunidade de porto da rua, litoral norte de alagoas**. Análise linguística e sociolinguística. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2010.

SANTOS, L. F. **Realização das oclusivas /t/ e /d/ na fala de Maceió**. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Alagoas, Maceió: PPGLL/UFAL, 1996.

SILVA, A. H. P. **Para a descrição fonético-acústica das Líquidas no Português Brasileiro**: dados de um Informante Paulistano. Dissertação (mestrado). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1996.

SILVA, T. C. **Fonética e fonologia do português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. 8ª ed. São Paulo: Contexto, 1999.

SOARES, E. P. M. **As laterais palatal e nasal no falar paraense: Uma análise sociolinguística e fonológica**. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, UFC, Brasil, 2008.

TAGLIAMONTE, S. A. **Analysing sociolinguistic variation**. New York: Cambridge University Press, 2006.

TRUDGILL, Peter. Sex, covert prestige and linguistic change in the urban British English of Norwich. **Language in society**, v. 1, n. 02, p. 179-195, 1972.

TRUBETZKOY, N. **Principles of Phonology**. Trad. Christiane A. M. Baltaxe. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 1969

VOTRE, S. J. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo-SP. Editora Contexto, 2012. p.51-57.

WEINREICH, U; LABOV, W. e HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

ANEXO 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, _____, tendo sido convidado(o,a) a participar como voluntário(o,a) da pesquisa “Português alagoano”, recebi de _____, estudante da Universidade Federal de Alagoas, as seguintes informações que me fizeram entender sem dificuldades e sem dúvidas os seguintes aspectos:

- Que a pesquisa é de responsabilidade de Alan Jardel de Oliveira, professor da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas
- Que a pesquisa destina-se à criação de um banco de dados de falares alagoanos.
- Que a importância desta pesquisa é a de permitir uma melhor compreensão sobre a língua falada em Alagoas.
- Que os resultados que se desejam alcançar são: descrição e análise de processos linguísticos em Alagoas.
- Que essa pesquisa começará em 01[11]2013 e terminará em 01[11]2016.
- Que a pesquisa será feita da seguinte maneira: o pesquisador gravará uma entrevista comigo, a qual será, posteriormente, analisada por meio de métodos linguísticos e estatísticos, juntamente com entrevistas realizadas com outros participantes.
 - Que eu participarei somente da etapa de gravação da entrevista.
 - Que não haverá incômodos ou riscos à minha saúde física e mental com a minha participação na pesquisa.
 - Que não haverá benefícios diretos por minha participação.
 - Que, sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo.
 - Que, a qualquer momento, eu poderei recusar a continuar participando do estudo e, também, que eu poderei retirar este meu consentimento, sem que isso me traga qualquer penalidade ou prejuízo.
 - Que as informações conseguidas através da minha participação não permitirão a identificação da minha pessoa, exceto aos responsáveis pelo estudo, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto.
 - Que eu não precisarei desembolsar nenhuma quantia para participação na pesquisa.
 - Que eu deverei ser indenizado caso me sobrevenha algum dano decorrente da participação na pesquisa.

Finalmente, tendo eu compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dele participar e para isso **eu dou o meu consentimento sem que para isso eu tenha sido forçado ou obrigado.**

Endereço completo do participante:

Telefone(s)

Contato do responsável pela pesquisa:

Instituição: Universidade Federal de Alagoas [Faculdade de Letras

Endereço: Av. Lourival Melo Mota, s/n - Cidade Universitária[CEP: 57072900[Maceió[AL

Telefones p[contato: (82) 32121332 – (82) 81369966

Maceió, _____[_____] [_____]

<p>Assinatura do participante</p>	<p style="text-align: center;"><i>Alan J. de Oliveira</i></p> <hr/> <p style="text-align: center;">Assinatura do responsável pela pesquisa</p> <hr/> <p style="text-align: center;">Assinatura do responsável pela entrevista</p>
-----------------------------------	---